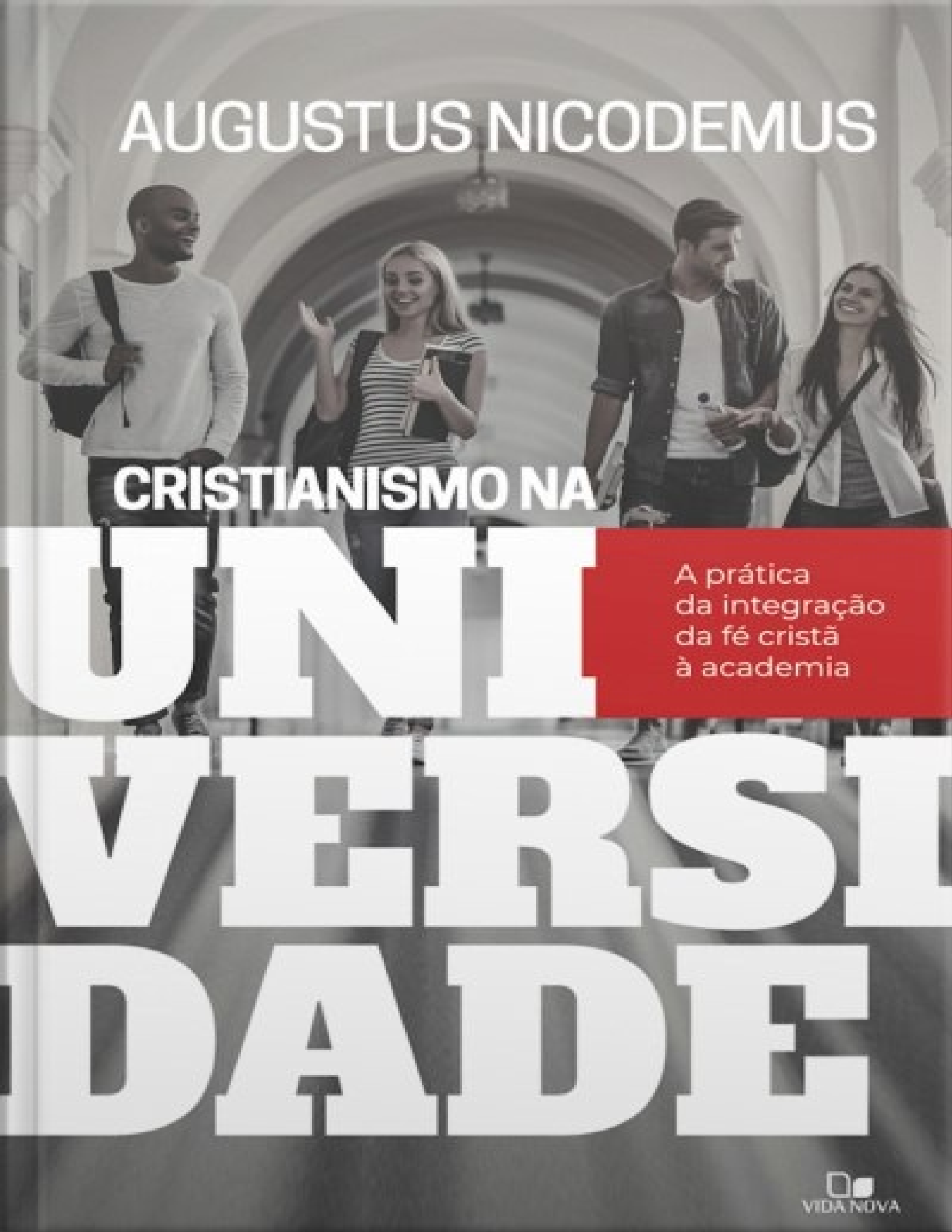
AUGUSTUS NICODEMUS



CRISTIANISMO NA UNIVERSIDADE

A prática da integração da fé cristã à academia

VIDA NOVA

O saber fundamenta-se na ciência, mas só se constrói com a ajuda de boa filosofia e teologia. Minha universidade, a Presbiteriana Mackenzie, é para mim a melhor do Brasil, sobretudo por primar pelo saber pleno assim construído. Como seu chanceler, o rev. Augustus Nicodemus fez história, lutando por sua confessionalidade, restaurando o debate sobre nossas origens (evolução *versus* design inteligente) e proferindo palestras magistrais em que o saber científico foi temperado com ótima filosofia e teologia, e uma oratória impecável. Felizmente essas palavras agora estão reunidas em uma obra histórica que perpetua grandes ensinamentos. *Cristianismo na universidade* é um livro imperdível de um grande acadêmico e resume como a cátedra deve ser.

Marcos Eberlin, doutor em Química, coordenador do Discovery Mackenzie (Núcleo de Pesquisa Mackenzie em Ciência, Fé e Sociedade), membro da Academia Brasileira de Ciências, comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico, presidente das sociedades brasileiras de Design Inteligente e Espectrometria de Massas e autor de *Fomos planejados* (Editora Mackenzie) No contexto de densas trevas secularistas em que vivemos, embasadas em uma nova ordem pós-moral cristã, também chamada de "era do vazio", esta obra do Rev. Augustus Nicodemus lança luzes, princípios e conceitos basilares para o ambiente acadêmico e para a busca pelo bem, o belo e a verdade.

Dr. Uziel Santana, presidente da Associação Nacional de Juristas Evangélicos, professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Universidade Federal de Sergipe e autor de *O direito de liberdade religiosa no Brasil e no mundo* (ANAJURE)

CRISTIANISMO NA UNIVERSIDADE



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Nicodemus, Augustus Cristianismo na universidade : a prática da integração da fé cristã à academia / Augustus Nicodemus. – São Paulo : Vida Nova, 2019.
192 p.

ISBN 978-85-275-0932-9
1. Cristianismo - Palestras e conferências 2. Religião e ciência 3. Deus 4. Ética 5. Verdade (Teologia cristã) 5. Ecologia - Aspectos religiosos I. Título 19-1015

CDD 230

Índices para catálogo sistemático

1. Cristianismo

AUGUSTUS NICODEMUS

CRISTIANISMO NA UNIVERSIDADE

A prática
da integração
da fé cristã
à academia

VIDA NOVA

©2019, de Edições Vida Nova Todos os direitos em língua portuguesa reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2019

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Almeida Revista e Atualizada.

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL
Fabiano Silveira Medeiros EDIÇÃO DE TEXTO

Cristina Ignacio
Fernando Mauro S. Pires
Marisa K. A. de Siqueira Lopes PREPARAÇÃO DE TEXTO

Victoria Cardoso
Marcia B. Medeiros

REVISÃO DE PROVAS

Josemar de Souza Pinto

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

CAPA

Souto Crescimento de Marca

SUMÁRIO

Prefácio
Introdução

Primeira parte: cosmovisão

1 A importância das cosmovisões
2 O homem na caixa
3 A nova espiritualidade

Segunda parte: autonomia, confessionalidade e liberdade

4 Liberdade de consciência e de expressão
5 Confessionalidade e liberdade acadêmica
6 Bíblias na universidade?

Terceira parte: verdade e pluralidade

7 Um apelo em favor da verdade
8 O abandono da verdade

9 Verdade e pluralidade
10 Fundamentos

Quarta parte: cristianismo, ciência e pesquisa

11 Ciência e religião: modelos de interação
12 Cristianismo e pesquisa científica
13 Para que entender o mundo?
14 Uma visão cristã crítica da tecnologia

Quinta parte: cristianismo e sociedade

15 Os cristãos e a cultura
16 Universidade, educação e corrupção

Sexta parte: Deus e ateísmo

17 O desafio da academia para os jovens cristãos
18 O mundo faz sentido?
19 A questão fundamental

Sétima parte: ética

20 Os valores da ética
21 A contribuição da universidade para a ética na política
22 A questão das drogas na universidade
23 Sexo na universidade

24 Universidade e ecologia

Oitava parte: responsabilidade social

25 Cristianismo, extensão universitária e responsabilidade social
26 Sal da terra e luz do mundo

Epílogo
Bibliografia

PREFÁCIO

Se há uma característica predominante em textos, livros e prédicas do dr. Augustus Nicodemus, é sua contundente lógica de exposição, construída em uma moldura de fácil assimilação e sem abrir mão do transcendente.

Suas exposições são entrelaçadas com naturalidade à firme âncora metafísica do Deus soberano do universo revelado nas Escrituras Sagradas, o Deus que se comunica em Cristo com a humanidade, participando dela e, pelo Espírito Santo, aplicando-lhe suas verdades. Seguindo por esse caminho, Nicodemus tem contribuído com a igreja por meio de comentários bíblicos e livros teológicos e didáticos. Além disso, com extrema fluidez e facilidade, aborda também os mais diversos temas da atualidade, como é o caso de *Cristianismo na universidade*.

Este não é um livro apenas para universitários, ainda que, a meu ver, eles serão os primeiros a tirar proveito destas páginas, nas quais Nicodemus examina em detalhes o relacionamento desses templos do ensino superior com as diversas facetas da sociedade. A fim de demolir muitas das sandices contemporâneas, ele começa discorrendo sobre cosmovisões para então derrubar os mitos da suposta objetividade de construtos sem fundamentos e revelar, assim, os pensamentos amorfos que povoam a academia e deságuam em uma sociedade que perdeu o senso comum.

Para Nicodemus, o conceito de verdade é por demais precioso para ser maltratado e destruído pela mentalidade pós-moderna. Por isso, o autor não mede palavras para expor as incongruências e contradições do "saber" (1Tm 6.20). Por exemplo, na p. 78 ele diz:

> Pós-modernos escrevem textos para demonstrar que textos não têm sentido algum, ou porque se desconstroem ou porque têm tantos sentidos que acabam não tendo nenhum. Há, portanto, uma inconsistência basilar nessa mentalidade pós-moderna acadêmica, uma vez que seus adeptos precisam do fundamento da hermenêutica (que ensina que o texto quer dizer o que o seu autor quis

dizer) para poder provar o contrário (isto é, que o texto não quer dizer o que o seu autor quis dizer).

E dessa forma Nicodemus vai adentrando, área por área, os conceitos tratados nas universidades, os quais, quando não abordados adequadamente, transtornam a mente dos jovens em formação e terminam colorindo todo o pensamento da sociedade. Examinando o suposto conflito milenar entre ciência e religião, desnudando o ateísmo, esclarecendo que uma ética sem princípios e valores eternos transforma-se em hedonismo e perversão, e conclamando a uma vida responsável — dos jovens e de todos nós —, na qual haja amor e verdadeira responsabilidade social para que sejamos luzeiros em um mundo que jaz em trevas, o autor emite o chamado por uma transformação de vidas pelo poder de Deus, as quais influenciarão a sociedade em vez de serem cooptadas por ela.

Jonathan Edwards, famoso intelectual, pregador e teólogo, em um sermão proferido em 1734,[1] proferiu as seguintes palavras a jovens que enxergavam no ensino superior a chance de avançar em suas carreiras:

> … um grande número desperdiça o tempo e a vida tentando "ganhar o mundo", progredir na carreira, avançar na vida, angariar mais e mais bens e coisas materiais, mas se esquece das questões eternas e da nossa própria eternidade, negligenciando, assim, as coisas de Deus, nossa vida espiritual e nossa necessidade de salvação do pecado que nos rodeia e está em nós, a qual só pode ser encontrada em Cristo Jesus.

A preocupação do dr. Augustus Nicodemus, não somente neste livro, mas em tudo o que tem abraçado como missão de vida, é que este chamado à lucidez encontre abrigo na mente e no coração de seus leitores e ouvintes. Ele reconhece a profunda influência e peso que a universidade exerce na vida das pessoas, mesmo as não envolvidas formalmente no âmbito acadêmico. Daí seu esmero e cuidado para firmar convicções, esclarecer dúvidas, traçar o esboço da caminhada cristã e enfatizar o esforço por guardar o coração, "porque dele procedem as fontes da vida" (Pv 4.23, A21).

Sinto-me muito honrado por ter sido convidado a prefaciar este livro de tão grande utilidade e por desfrutar da amizade deste servo de Deus.

SOLANO PORTELA
(B.A., M. Div., D.H.L.),
diretor de operações da Educação Básica do Mackenzie,
presbítero da Igreja Presbiteriana do Brasil,

autor de várias obras e conferencista

[1] Disponível em: http://www.apuritansmind.com/puritan-favorites/jonathan-edwards/sermons/the-preciousness-of-time-and-the-importance-of-redeeming-it/, acesso em: 27 mai. 2019.

INTRODUÇÃO

Em 1977, quando me tornei cristão, na cidade de Recife, em Pernambuco, um único desejo dominava minha mente e meu coração: eu queria ser pregador do evangelho e falar de Cristo nos lugares mais longínquos e inóspitos — apesar de viver em um contexto acadêmico, já ter cursado Engenharia Elétrica na Universidade Federal de Pernambuco e de estar terminando Desenho Industrial na mesma instituição. Fui pregar para pescadores da praia de Maria Farinha; depois, para plantadores de cana no interior de Pernambuco e, por fim, para viciados em drogas na cidade de Olinda. Nunca imaginei que um dia retornaria à universidade, ao ambiente acadêmico, no qual Deus me alcançou e de onde me tirou para me transformar em um pregador. No entanto, depois de me graduar bacharel em teologia e de cursar mestrado e doutorado no exterior, vim servir na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, primeiro como membro do Conselho de Curadores e, mais tarde, em outubro de 2003, como o décimo chanceler da universidade.

Uma parte primordial das funções do chanceler do Mackenzie é conduzir as práticas devocionais nos eventos da universidade e as homilias nas reuniões dos Conselhos Superiores. Além disso, ele sempre é convidado para proferir palestras pontuais em determinadas ocasiões. Uma vez que o chanceler é o responsável pela confessionalidade da universidade, esses devocionais, pronunciamentos e palestras sempre procuram integrar os mais diversos assuntos com a cosmovisão cristã.

O livro que o leitor tem em mãos é uma compilação dessas palestras que proferi nas mais diferentes ocasiões na universidade, ao longo dos anos à frente da chancelaria. Meu objetivo em reuni-las aqui é oferecer uma obra de fácil leitura e que mostre como se pode experimentar, na prática, a integração da fé cristã à academia. É evidente que essas palestras só puderam ser proferidas em

uma universidade de ponta e conceituada como a Universidade Presbiteriana Mackenzie, por causa de seu caráter confessional e da abertura que existe nela para que todos os assuntos, temas e conteúdos que fazem parte da moderna academia sejam analisados à luz da visão cristã de mundo.

Assim, o leitor encontrará aqui referências à ciência, à tecnologia, ao meio ambiente, à responsabilidade social, à pesquisa, à política, à sociedade e à ética, todas feitas da perspectiva da fé cristã reformada, ideologia que caracteriza a confessionalidade da instituição em questão.

Pouca coisa aqui é original. Aprendi muito, durante todo esse tempo, com autores cristãos nacionais e internacionais que trilharam antes de mim o caminho da confessionalidade e da interação do cristianismo com a academia. Procurei reconhecê-los, quando oportuno. O leitor também haverá de desculpar o caráter pouco acadêmico desta obra, levando em consideração que se trata de uma compilação de devocionais, palestras e pronunciamentos feitos em diversas ocasiões, sem que, na época em que foram levados a público, existisse a intenção de que se transformassem em capítulos de um livro.

Meu desejo é que, por meio desta publicação, professores e alunos cristãos encontrem alento e encorajamento para continuarem a ser sal e luz no ambiente universitário.

São Paulo, junho de 2019.

PRIMEIRA PARTE

COSMOVISÃO

CAPÍTULO 1

A IMPORTÂNCIA DAS COSMOVISÕES

Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração,
porque dele procedem as fontes da vida.
Provérbios 4.23

Uma das lições mais importantes que aprendi em meus estudos para o doutorado em interpretação bíblica, e que teve reflexos para minha compreensão da vida como um todo, foi que não existe leitura de texto absolutamente neutra e objetiva. Para chegar a essa visão, fui ajudado por Derrida, Foucault, Gadamer, Ricoeur e outros profetas e precursores das chamadas novas hermenêuticas.

Essa lição vale para a leitura tanto de textos quanto da realidade. Todos nós enxergamos a vida através de lentes que são formadas por nossas experiências, nossos preconceitos, pressupostos e, acima de tudo, por nossas crenças.

Muitos autores contribuíram para derrubar o mito da neutralidade defendido pelo Iluminismo, mito que se tornou padrão na academia. Entre eles, menciono Thomas Kuhn, historiador da ciência cujo livro *A estrutura das revoluções científicas*[1] representa um marco nessa disciplina. O argumento de Kuhn, em linhas gerais, é que, ao contrário do que postulava o positivismo científico, os cientistas não são meras máquinas de análise e registro de informações — são pessoas de carne e osso, com sentimentos, emoções e intuições. Eles não registram passivamente suas observações, mas projetam ativamente suas crenças. Suas experiências pessoais servem para formar paradigmas, que são estruturas dominantes em torno das quais se organizam os experimentos que eles realizam.

Em suma, segundo a tese de Kuhn, as revoluções científicas não ocorrem quando surgem novas descobertas — as quais são, então, incorporadas aos paradigmas dominantes —, mas, sim, quando os paradigmas mudam. Desse modo, Kuhn destacou e firmou a importância dos paradigmas e dos pressupostos nas áreas do conhecimento. Ele levou em conta o peso das crenças e convicções das pessoas quando estas leem e interpretam a realidade ao seu redor.

É nesse contexto que falamos da importância e da legitimidade de uma visão de mundo (cosmovisão ou, em alemão, *Weltanschauung*, termo usado primeiramente por Emmanuel Kant). A cosmovisão é uma maneira de ver o mundo de acordo com aquilo que se crê. Como afirma o destacado filósofo cristão Ronald Nash, em sua obra *Questões últimas da vida* (2008),[2] existem cinco importantes pilares que definem a cosmovisão de alguém:

- *Deus* — Ele existe? Qual é sua natureza? Há mais de um Deus?
- *Metafísica* — Qual é o relacionamento de Deus com o Universo? O Universo existe? Qual é sua origem?
- *Epistemologia* — É possível saber, entender e conhecer a realidade? Existe verdade?
- *Ética* — Existem leis morais que regem a conduta humana? Elas são absolutas ou relativas?
- *Antropologia* — O ser humano é apenas corpo ou materialidade, ou existe uma dimensão espiritual? Qual é sua origem? Há vida após a morte?

Aquilo em que as pessoas acreditam sobre esses cinco pontos haverá de tingir as lentes com que elas enxergam e decifram o mundo ao seu redor, e haverá de influenciar de forma decisiva seu relacionamento consigo mesmas, com o próximo, com o mundo, em casa, no trabalho e na sociedade como um todo.

O livro de Provérbios já falava da importância do coração para a compreensão da totalidade da vida (veja Pv 4.23, que abre este capítulo). É nesse contexto que gostaríamos de destacar a importância e a legitimidade de uma visão de mundo que parta dos valores teóricos e morais do cristianismo, e que integre os paradigmas e matizes que orientam o labor acadêmico de uma universidade confessional.

Essa visão de mundo cristã, a ser adotada como referencial na academia, deve levar em conta a existência de um Deus pessoal, a sua ação na história e a revelação que ele faz de si mesmo na natureza e nas Escrituras judaico-cristãs. Ela deve ver o ser humano como um ente criado à imagem desse Deus e levar em conta a presença e a realidade do mal neste mundo. Deve também enxergar o mundo e suas leis como expressão do caráter desse Deus, que é bondoso, justo e sábio.

Uma vez que não existe neutralidade, seja na academia, seja em qualquer outro contexto, o que temos são sempre paradigmas vinculados a visões de mundo. Há muitas cosmovisões, como a marxista, a humanista, a ateísta, a agnóstica e a materialista, para nomear apenas algumas. Se não é possível escapar de uma visão de mundo que norteie e influencie decisivamente o que fazemos na academia e na vida, que abracemos, então, em nossos labores a visão cristã de mundo. Além de permitir o diálogo com aquilo que comunga com as demais cosmovisões, ela tem a vantagem de ser a visão de mundo que primeiro ofereceu as condições para o surgimento da ciência moderna, como veremos mais adiante.

[1] 5. ed. (São Paulo: Perspectiva, 1998). Cf., p. 22-3, 164 e 206.

[2] São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

CAPÍTULO 2

O HOMEM NA CAIXA

Deus [...] fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face
da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos
e os limites da sua habitação; para buscarem a Deus se,
porventura, tateando, o possam achar, bem que não
está longe de cada um de nós.
Atos 17.24,26,27

Essas palavras em destaque do apóstolo Paulo foram dirigidas aos filósofos estoicos e epicureus do areópago de Atenas, em meados da década de 50 d.C. Nelas encontramos uma síntese da visão cristã de realidade: vivemos num mundo criado por Deus, o qual se encontra próximo de nós, embora muitos o procurem como cegos que tateiam pelo caminho. Em outras palavras, vivemos numa realidade aberta.

Um dos quadros mais famosos do pintor inglês Francis Bacon é "Cabeça VI", de 1949. Controverso e excêntrico, Bacon — não o confunda com seu homônimo, o filósofo Francis Bacon — ficou famoso por seus quadros de figuras humanas grotescas, desfiguradas e horrendas, às vezes mescladas com animais. Na opinião de Hans Rookmaaker, professor de história da arte da Universidade Livre de Amsterdã, "os quadros de Bacon são como caricaturas da humanidade, e não imagens humorísticas. São gritos altos de desespero por valores perdidos e grandeza perdida".[1] Em "Cabeça VI", o artista pintou um homem com a parte superior do corpo confinada em uma caixa de vidro. O homem está gritando,

mas seus gritos estão presos dentro da caixa. Tomemos esse quadro como uma expressão dos sentimentos mais profundos de Bacon e de sua geração, que é basicamente a nossa. O que podemos aprender com esse homem na caixa? De que modo ele percebe a realidade?

Primeiro, embora exista uma realidade ao seu redor, o homem só pode perceber como real o que se encontra dentro da caixa. Segundo, seu mundo é fechado. Nada entra e nada sai. Portanto, seu grito é vazio. Ninguém o ouve. Terceiro, ainda que a realidade existente além da caixa resolvesse se aproximar e responder a seu grito, o homem na caixa não poderia ouvi-la.

O quadro de Bacon representa bem a situação do homem moderno após o Iluminismo e a prevalência do cientificismo na academia e, posteriormente, na cultura ocidental.

Antes do chamado período moderno, o conhecimento, as artes e a cultura em geral eram influenciados por uma visão de mundo e de realidade moldada por princípios e valores cristãos. O cristianismo da Reforma Protestante — com sua afirmação de que o mundo foi criado por Deus e funciona segundo a lei da causalidade, ela própria também criada por Deus — havia libertado a mente humana do medo de ofender os deuses por investigar o mundo e a natureza, e também havia desfeito a dualidade oriunda do gnosticismo. Tudo isso contribuiu de modo significativo para o surgimento da cultura ocidental e para um renovado apreço pelas artes, juntamente com o humanismo.

Muitos dos grandes artistas, pintores, músicos, escritores, cientistas e pesquisadores desse período professavam a fé em Deus, ao mesmo tempo que se dedicavam a conhecer, pesquisar, explorar e desenvolver o mundo por ele criado. Acreditavam num mundo regido por leis naturais, mas concomitantemente sustentado por Deus e passível de ser tocado pelo Criador, que providencialmente agia no mundo, na vida das pessoas, na história.

Contudo, com o advento da chamada "Idade da Razão" — ou, melhor dizendo, do racionalismo, em meados do século 17, o ser humano abandonou essa perspectiva e passou a tentar determinar a realidade exclusivamente por meio dos sentidos e da razão: só existe aquilo que puder ser percebido pelos sentidos e comprovado pela razão. Como Deus e o sobrenatural não podem ser comprovados mediante esses cânones, por mais gentil que fosse, o Criador foi convidado a se retirar do novo mundo criado pelo racionalismo. O ser humano,

então, passa a construir ao seu redor uma realidade fechada, um mundo governado pela lei férrea de causa e efeito, em que a realidade é somente aquilo que a razão e os sentidos podem perceber. Ele se fechou numa caixa. Entretanto, tudo isso lhe era imperceptível então, dominado que estava pela euforia de criar um "admirável mundo novo", no qual ele haveria de prevalecer e se estabelecer pelo cientificismo tecnológico.

Passados três séculos, o ser humano começa a sentir, hoje, os efeitos inevitáveis de ter se fechado em uma caixa. Os sinais disso estão em todo lugar. Primeiro, na arte, que, na tentativa de encontrar sentido para a realidade, resolveu pular fora da caixa, em protesto contra a visão reducionista do positivismo do século 19, sem, contudo, saber ao certo o que o espera do lado de fora. Artistas como Francis Bacon e muitos outros refletem o desespero e a angústia das almas mais sensíveis, que simplesmente desistiram de entender e expressar a realidade de forma sintética e coerente.

Outro sinal pode ser visto na filosofia, que, de igual modo, foi dominada pelo existencialismo, o qual em suas mais diversas linhas convida o ser humano a viver experiências "fora da caixa", experiências que não tenham necessariamente sentido nem razão, e que não sejam controladas por conceitos como certo ou errado. Essa ideia popularizou-se, como se pode ver, por exemplo, até mesmo em versos de canções, como na bem conhecida *Emoções*, gravada pelo famoso cantor brasileiro Roberto Carlos: "Se chorei ou se sorri, o importante é que emoções eu vivi".

Surge, assim, a pós-modernidade, a qual, sem negar que a realidade de fato está contida na caixa, contesta a existência da própria caixa, e também — por que não? — do próprio homem e da realidade ao seu redor.

Propostas religiosas antigas, como o monismo religioso, que vê a realidade como se fosse um tecido único, como se tudo fosse Deus e Deus fosse tudo, ressurgem até nos círculos da cristandade mais ampla. Isso pode ser notado, por exemplo, nas 95 teses do leigo católico Matthew Cox — pregadas na mesma porta de Wittenberg, Alemanha, em 2006 —, cuja tese número seis afirma: "A ideia de que Deus está acima ou além do Universo é falsa. Tudo está em Deus e Deus está em tudo".

Todas essas coisas e ainda outras nada mais são do que um terrível brado do homem na caixa. O homem pós-moderno não consegue mais viver dentro dela,

pois quer ser ouvido, quer encontrar respostas, sentido, razões que extrapolem os limites sufocantes dessa caixa fabricada pelo pensamento científico.

Mas, afinal, como tudo isso se relaciona com professores, mestres e alunos universitários? Creio que nosso maior desafio consiste em dois pontos. Primeiro, perceber que boa parte do desespero e do vazio existencial hoje reinantes na mente e no coração de professores e alunos, apesar das grandes conquistas intelectuais, provém de uma visão reduzida da realidade, uma visão que pode muito bem ser exemplificada com a pintura de Francis Bacon.

Segundo, talvez devêssemos considerar o passado e a história e aprender com aqueles que, sem negar a intelectualidade, a objetividade científica e a respeitabilidade acadêmica, estavam preparados para aceitar que a realidade é mais ampla e mais profunda do que aquilo que percebemos, vemos, observamos, ouvimos, tocamos e comprovamos. Essa caixa precisa ser aberta. Há um mundo maravilhoso, rico, misterioso e plenamente satisfatório lá fora.

Não convido o leitor a saltar da caixa no escuro. Mas recomendo à sua mente brilhante e privilegiada o cristianismo bíblico como uma cosmovisão que contempla e abrange a realidade de uma forma muito mais completa e que não afasta Deus para longe de nenhum de nós.

[1]*Modern art and the death of a culture* (Wheaton: Crossway, 1970), p. 173 [edição em português: *A arte moderna e a morte de uma cultura* (Viçosa: Ultimato, 2015)].

CAPÍTULO 3

A NOVA ESPIRITUALIDADE

O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada
há, pois, novo debaixo do sol. Há alguma coisa de que se possa dizer:
Vê, isto é novo? Não! Já foi nos séculos que foram antes de nós.

Eclesiastes 1.9,10

Nos versículos bíblicos em destaque, o sábio Salomão descreve de forma realista a mesmice da vida e a raridade das coisas novas. Essa descrição é fruto de sua própria constatação de observador e conhecedor dos tempos e épocas. Em suma, muito do que surge sob a capa de novo não passa de uma reedição maquiada de algo que já aconteceu no passado. E isso também ocorre na área da religião.[1]

Estamos assistindo hoje ao ressurgimento gigantesco de uma religião antagônica ao cristianismo, que nada mais é que a espiritualidade do antigo paganismo. Do ponto de vista religioso, o paganismo pode ser entendido como a religião por excelência do Império Romano. Muito mais que uma religião, porém, tratava-se de uma cosmovisão, uma maneira de ver e entender a realidade, influenciada por vertentes da filosofia grega e por outros elementos, como as antigas religiões de mistério, a religião oficial grega, baseada nos deuses de Homero, e a própria religião romana do culto ao imperador.

Historicamente, o paganismo como religião teve seu declínio com o advento e crescimento assombroso do cristianismo, a partir do primeiro século 1, e mais

tarde, séculos depois, com o domínio do racionalismo e a consequente secularização do Estado. O curioso é que, em paralelo com essa secularização, ressurge das cinzas nos dias de hoje o velho paganismo, travestido de nova espiritualidade, crescendo e se alastrando em todos os círculos da sociedade ocidental moderna, inclusive na academia. Essa reedição da antiga espiritualidade pagã está presente não apenas na mídia, mas em todo lugar, e certamente atinge também as universidades por meio das ideias que chegam, dos professores e dos alunos.

É preciso notar que existe uma diferença fundamental entre a espiritualidade pagã e o cristianismo. Essa diferença reside na questão das distinções. A essência da espiritualidade pagã pode ser resumida na palavra "monismo" — teoria filosófica que afirma que a realidade consiste em um único elemento, que o Universo é uno e harmônico, e que todas as coisas são meras formas de uma única substância. Em outras palavras, a realidade deve ser vista como um todo uniforme, sem distinções de seres ou de existências. Em contraste, o cristianismo entende que há distinções fundamentais na base da nossa existência e da realidade como um todo. Os cinco pontos a seguir ilustram essa diferença.

Primeiro ponto: a distinção entre Deus e o mundo. A nova espiritualidade, assim como a antiga visão pagã, considera que Deus e o mundo são um. A melhor figura para ilustrar essa visão é a de um círculo, aliás o símbolo preferido dessa nova espiritualidade. Deus e o mundo estão dentro do mesmo círculo, têm níveis de existência iguais, e um é a extensão do outro. Do ponto de vista da espiritualidade pagã, isso significa que tudo está unido em uma única realidade divina. O mundo criou a si próprio por meio da evolução. Possui uma força interior própria que o sustém e o mantém sempre no processo evolutivo. Segundo essa concepção, o mundo não precisa de um Criador distinto de si.

Temos um exemplo dessa visão no filme *Star Wars*, quando Obi-Wan Kenobi, o mestre Jedi, explica a Luke Skywalker o que é a força usando a linguagem monista do antigo paganismo: "A força é um campo de energia criado por todas as coisas vivas: ela nos cerca, nos penetra; ela mantém a galáxia coesa […] é todo-poderosa e controla todas as coisas" (*Star Wars IV — Uma nova esperança*, 1977).

Outro exemplo do impacto da nova espiritualidade é o surgimento da ecologia radical, que se tornou uma religião para seus adeptos, divinizando, a seu

modo, a Terra e seus ecossistemas.

O cristianismo, em contraste, declara que Deus e o mundo são distintos e se situam, portanto, em círculos diferentes. Deus existe eternamente por si só. Ele criou o mundo não como uma extensão de si mesmo, mas como uma existência à parte. Embora Deus esteja presente no mundo (qualidade designada imanência), ele é totalmente outro (qualidade designada transcendência). Desse modo, o cristianismo reafirma uma distinção que a nova espiritualidade procura negar.

Segundo ponto: a distinção entre Deus e a humanidade. Para a espiritualidade pagã, a humanidade é uma com Deus. Esse segundo princípio decorre naturalmente do primeiro. Se o todo é um e um é o todo, então a humanidade é uma parte de Deus, uma expressão da unidade divina. O ser humano ou a totalidade das pessoas é Deus. Não precisamos reverenciar algo além de nós mesmos. Não existe um Deus pessoal que se comunica por meio da verdade objetiva. Assim, para a nova espiritualidade, o ser humano é essencialmente bom por ser um com Deus. E, por sermos "deuses", não estamos debaixo de regras ou autoridade, e podemos criar nossas próprias leis, estabelecer nossos próprios valores. Podemos também decidir nossa própria verdade e construir nossa própria versão da realidade. Nesse ambiente, cada ego é uma fonte de verdade e, portanto, deve ser tolerado.

Para o cristianismo, porém, só existe um Deus — e nós não somos esse Deus! O ser humano, embora traga em si a imagem e semelhança de Deus, foi por este criado não como uma extensão de si próprio, mas como uma criatura com existência distinta e separada do Criador. A relação entre Deus e o homem é de subordinação da criatura ao Criador, o que implica respeito, obediência e adoração do ser criado diante de quem o criou. Quem estabelece a verdade e as regras é o Criador, e não a criatura. Na cosmovisão cristã, a distinção entre Deus e o homem é ainda acentuada pelo fato de que Deus, além de ter existência separada e distinta, é santo, puro e verdadeiro. O ser humano, em contraste, encontra-se em um estado de queda, desvio e distanciamento de Deus. E não é intrinsecamente bom; ao contrário, é inclinado a tudo que é mau.

Terceiro ponto: a distinção entre religiões. A espiritualidade pagã considera que todas as religiões são, na verdade, uma só. Se toda a humanidade é de fato uma só, então só existe uma religião no final das contas. A espiritualidade pagã convida todas as religiões a entrarem no círculo e se tornarem uma. A unidade

mística está no coração do paganismo. Todas as religiões, de acordo com esse conceito pagão, compartilham da mesma experiência mística. Os membros de todas as religiões ao redor do mundo chegam à mesma *unio mystica* com Deus, por meio da qual se tornam divinos. Desse ponto de vista, as religiões são como as fatias de uma pizza, cujas pontas convergem para o mesmo centro. Assim, a nova espiritualidade rejeita a distinção doutrinária que existe entre as grandes religiões do mundo e as convoca à união mediante uma experiência mística com o "Todo".

Já para o cristianismo, deve ser feita uma distinção entre as duas únicas religiões que, na realidade, existem: o paganismo, que oferece união com Deus mediante esforços e méritos pessoais do indivíduo, e o cristianismo, em que essa união é oferecida com base nos méritos de outro, Jesus Cristo. Na primeira, o ser humano sai no encalço de Deus; na segunda, Deus vem ao encontro do ser humano. No paganismo, a salvação é pelas obras; no cristianismo, pela graça somente. A primeira se manifesta sob a forma de muitas religiões diferentes, que, todavia, concordam nisto: o ser humano alcança a bem-aventurança com base em seus méritos. A segunda se manifesta somente no cristianismo histórico, segundo o qual Jesus Cristo se apresenta como o único e suficiente Salvador da condição humana.

Quarto ponto: a distinção que diz respeito ao problema do ser humano. Para a nova espiritualidade, só há um problema: as separações ou dicotomias. À semelhança do antigo gnosticismo, a ressurgente espiritualidade pagã acredita que o problema real do ser humano é a falta de conhecimento de si mesmo como parte da divindade e da existência. Consequentemente, observa-se o esquecimento de sua verdadeira natureza, o qual o lança numa amnésia metafísica ou sono espiritual induzido pelas ilusões do mundo físico externo e palpável. Dessa forma, a nova espiritualidade defende que é preciso rejeitar essas separações. Só assim a humanidade poderá se conscientizar da unidade mística de todas as coisas. Em linhas gerais, a espiritualidade pagã deseja abolir as várias separações ou dicotomias, que ela considera a causa única dos problemas do ser humano, entre elas:

a. Deus/mundo;
b. Deus/homem;

c. Cristo/Diabo;
d. humanos/animais;
e. certo/errado;
f. bom/mau;
g. homem/mulher.

Para o cristianismo, o problema não são essas várias separações, mas, sim, *a* separação que é a causa de todos os males, problemas, dores e angústias da humanidade: a separação moral e espiritual entre o ser humano e Deus. Essa separação é, obviamente, negada pelos adeptos da nova espiritualidade, que colocam Deus e o ser humano dentro do mesmo círculo. Para o cristianismo, porém, ela é causada pela nossa inclinação para o mal, o egoísmo, a crueldade, em contraste com a natureza de Deus, que é perfeito, justo, verdadeiro e coerente. Como consequência, separado do Criador, o ser humano vive uma existência às cegas, solitária, repleta de incertezas, angústias, culpa e apreensões, tendo como referencial apenas a si próprio ou a natureza.

Quinto ponto: a última distinção refere-se à solução proposta para o problema do ser humano. A espiritualidade pagã, travestida de nova espiritualidade, prega que a solução está dentro de cada um. Ela diz que o círculo se completa quando o ser humano entra em si mesmo. O *eu* precisa assentar-se no centro das coisas. Isto se faz pela eliminação das separações antes mencionadas e dos controles racionais. A espiritualidade desejada não se encontra no mundo das ideias, mas, sim, no das experiências. Os *hippies*, por exemplo, pensavam que as drogas deviam ajudar nessa viagem de autodescoberta. Muitas pessoas, por sua vez, usam a meditação para descobrir a conexão entre elas e o todo.

O cristianismo, contrariamente, afirma que a solução está fora de nós. O homem é incapaz de encontrar em si mesmo os referenciais e as respostas que busca, pois se encontra num estado de queda e separação. Deus, por sua vez, revelou-se em Cristo Jesus e propõe uma reconciliação com sua criatura caída mediante o perdão gratuito dos seus pecados. A solução, portanto, está *extra nos* (fora de nós), e não *intra nos* (dentro de nós), como deseja o monismo pagão.

Todos esses pontos comparativos descritos mostram a diferença radical entre a nova espiritualidade e o cristianismo. Os cinco pontos abordados representam as questões fundamentais discutidas pelas religiões.

Lembremos que as universidades confessionais não devem professar uma religiosidade vaga, genérica, como a da nova espiritualidade. Pelo contrário, assim como a Universidade Presbiteriana Mackenzie, devem professar uma religiosidade específica e determinada: o cristianismo. Lembremos ainda que, diferentemente da nova espiritualidade, o cristianismo nos fornece as bases necessárias para a investigação e a pesquisa científicas: a racionalidade, as cinco distinções fundamentais que analisamos e a visão objetiva de um mundo que existe fora e além de nós, do qual não somos meras extensões.

[1] O devocional que deu origem a este capítulo foi inspirado na obra de Peter Jones sobre a ressurgência do paganismo antigo, publicada em português como *A ameaça pagã* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002).

SEGUNDA PARTE

AUTONOMIA, CONFESSIONALIDADE E LIBERDADE

CAPÍTULO 4

LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA E DE EXPRESSÃO

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a
nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as
aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre
todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à
sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

Gênesis 1.26,27

Os conceitos de liberdade de consciência e de expressão têm atraído crescente atenção no Brasil, em anos recentes. Entre as diversas causas para isso, está o aumento da pluralidade cultural, da diversidade religiosa e do relativismo como fatores integrantes da sociedade brasileira. De que modo as pessoas podem ter e expressar suas convicções em um ambiente em que outros indivíduos pensam e se comportam de maneira diversa? Essa questão também faz parte do cotidiano universitário, especialmente em instituições confessionais que primam por

princípios éticos, ao mesmo tempo que sustentam a autonomia universitária.[1]

Acreditar no que quiser é um direito intrínseco a cada ser humano. A consciência é foro íntimo, inviolável, sobre o qual outros não podem legislar. Faz parte da condição humana termos ideias, convicções e crenças próprias. E é daqui que procede outra liberdade, a de expressão, que consiste no direito de alguém declarar o que acredita e os motivos pelos quais acredita de determinada forma, e não de outra. No direito de expressão, está implícito o que chamamos de direito ao "contraditório", que é a liberdade de analisar as expressões ou manifestações de outras pessoas, em qualquer área da vida, e se posicionar em sentido contrário. A liberdade de consciência diz respeito ao que cremos interiormente. Já a liberdade de expressão é a manifestação externa dessas crenças.

O direito individual de pensar livremente e de expressar esses pensamentos é garantido em todas as democracias do mundo ocidental. No Brasil, a liberdade de consciência e de expressão do pensamento é garantida pela Constituição em vigor. Sua origem se encontra no *caput* do artigo 5.º, o qual afirma textualmente que "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza", sendo assegurada a inviolabilidade dessa condição de igualdade. Se todos são iguais, todos podem expressar suas ideias, pensamentos e crenças, desde que os direitos dos outros sejam respeitados. Ao tratar dos direitos e das garantias fundamentais, a Constituição diz ainda nos seguintes incisos do artigo 5.º:

> IV — é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;
> VI — é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.

A liberdade de expressão religiosa é decorrente da liberdade de consciência e consiste no direito que as pessoas têm de manifestar suas crenças ou descrenças. Aqui se incluem adeptos de todas as religiões, do ateísmo e do agnosticismo. Por ter origem na consciência, a liberdade de expressão religiosa abrange concepções morais, éticas e comportamentais que são desdobramentos da crença individual. A separação entre igreja e Estado no Brasil significa tão somente que nosso país não adota nem privilegia esta ou aquela religião. O Estado é "laico", mas, por não ser antirreligioso, ele garante a seus cidadãos o direito de professarem publicamente e praticarem a religião que quiserem, assegurando-lhes que não

serão discriminados por isso, como está previsto no mesmo artigo 5.º:

> VIII — Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política […].

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 também se preocupou em resguardar a liberdade de consciência e de expressão, particularmente a expressão religiosa. Seu artigo 18 diz:

> Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou particular.

Entendemos que esse amplo reconhecimento das liberdades individuais tem fundamento no fato, nem sempre considerado, de que o ser humano foi criado por Deus.

Do ponto de vista da fé cristã, a liberdade de consciência decorre fundamentalmente do fato de termos sido criados por Deus como seres morais livres. É um dos aspectos que integram a "imagem e semelhança de Deus" com que fomos criados, de acordo com o relato de Gênesis 1.26,27, citado na abertura deste capítulo. O ser humano recebeu, por direito de criação, a capacidade de julgar e escolher entre o certo e o errado. Ele pode livremente ponderar, analisar e, então, escolher. O fato de ele ter de arcar com as consequências de suas escolhas diante do Criador não anula, todavia, seu direito de fazê-las e de defendê-las. É nisso que reside o que chamamos de liberdade de consciência e de expressão. Como ser criado, o ser humano responde diretamente ao Criador pelo uso que faz dessas liberdades. Ousamos dizer que uma das influências decisivas para que essas liberdades fossem reconhecidas no mundo ocidental veio da Reforma Protestante do século 16. Nela, os cristãos enfatizaram a necessidade da separação entre igreja e Estado, destacaram o fato de que cada cristão tem sua consciência cativa somente a Deus e defenderam o sacerdócio universal de todos os cristãos. Um exemplo dos esforços desses cristãos para garantir a liberdade de expressão é o apelo de John Milton ao parlamento inglês, em 1644, em defesa da liberdade de imprensa. Em um de seus argumentos, ele pergunta:

> Que vantagem tem o homem feito sobre o jovem estudante, se ele apenas escapou da palmatória para apanhar com a vara de um imprimátur? Que superioridade teria o adulto sobre o adolescente, se produções sérias e elaboradas não podem vir a lume sem passar antes pelo olhar superficial de um

> funcionário despreparado e inseguro? Aquele que não é levado a sério em suas ações, mas cuja intenção não é reconhecidamente má, e fica sujeito ao acaso da lei e do castigo, terá de concluir que o consideram, em sua própria terra, um idiota ou um estrangeiro. Quando um homem escreve para o mundo, ele chama ao seu auxílio tudo o que tem de inteligência e reflexão.[2]

Todavia, existem limites para a manifestação do pensamento. Sociedades plurais de países em que há separação entre igreja e Estado sempre terão de enfrentar o dilema do embate entre a liberdade de manifestação do pensamento e os direitos individuais. Se, por um lado, as leis brasileiras garantem a liberdade de expressão, por outro, elas também preservam a honra e a imagem das pessoas. Não se pode denegrir determinada pessoa em nome da liberdade de expressão.

Assim, conforme reza a própria Constituição, uma das condições para que se manifeste livremente o pensamento no Brasil é que a pessoa se identifique e assuma o que disse ou escreveu. O anonimato anula a validade da expressão, ainda que ela tenha seus méritos, pois sugere que o autor não tem dignidade nem nobreza. Também denota que essa manifestação não vem acompanhada da necessária responsabilidade pelo ato praticado.

Em sociedades multiculturais e plurais, pensamentos, crenças e convicções que são livremente expressos podem contrariar ou contraditar outros pensamentos, crenças e convicções no que diz respeito a valores morais, crenças religiosas e preferências pessoais. Essas discordâncias, todavia, não podem ser vistas como formas empregadas para denegrir a honra e a imagem dos indivíduos de quem se discorda. Se assim fosse, seria impossível a discussão de ideias e a apresentação do contraditório, especialmente no ambiente de uma universidade.

De acordo com os princípios da fé cristã, o amor a Deus e ao próximo são os maiores deveres de cada ser humano. Amar o próximo significa respeitar o nome, os bens, a autoridade, a família, a integridade e a reputação das pessoas, independentemente de suas convicções religiosas, políticas e pessoais. Os cristãos podem discordar das pessoas e, ainda assim, manifestar apreço e respeito por elas. Quando cristãos deixam de amar as pessoas ao seu redor, estão violando um dos preceitos mais conhecidos de Jesus Cristo, que é amar o próximo como a si mesmo. Os cristãos, na verdade, devem ir além, e amar até mesmo seus inimigos, como o próprio Jesus ensinou (Mt 5.44).

Em tudo isso, há outro elemento que não pode ser ignorado: o fato de que o ser humano, usando as liberdades que foram descritas, resolveu tornar-se

independente de Deus e viver uma vida autônoma. O livro de Gênesis (3.1-24) registra esse momento, o qual na teologia cristã recebe o nome de "Queda", termo que indica que essa busca de autonomia implicou o *pecado* e a consequente *deterioração do estado original* de liberdade de consciência e expressão. Não que o ser humano tenha perdido essas liberdades — ele ainda as mantém. Só que nessa *busca por autonomia*, ao ter abandonado a Deus como referencial, tanto na sua consciência quanto na sua capacidade de julgar e escolher entre o bem e o mal, o homem inclinou-se para a malignidade, o erro, o egoísmo. E como decorrência, sua expressão, embora livre, reflete essa tendência ao mal.

Uma das manifestações nocivas do impacto da Queda na liberdade humana é a tendência de procurar suprimir a liberdade dos que discordam de nós. Os que professam a fé cristã devem reconhecer que todas as pessoas — incluindo aquelas que não acreditam em Deus e cujas práticas são contrárias à ética cristã — têm o direito fundamental de pensar e acreditar no que quiserem e de viver de acordo com suas crenças. Em contrapartida, os cristãos entendem também que se manifestar contrariamente ao que pensam e fazem essas pessoas não é incitamento ao ódio, mas, sim, o exercício desse mesmo direito fundamental.

A liberdade de consciência e de expressão é uma prerrogativa do ser humano por direito de criação. Jamais podemos abrir mão dela, sob risco de diminuirmos nossa humanidade e a imagem de Deus em nós.

[1] Este capítulo é uma adaptação do texto da Carta de Princípios da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de 2011, de minha autoria. As Cartas de Princípios são pronunciamentos anuais da Chancelaria da Universidade para a comunidade universitária e o público em geral.

[2] John Milton, "Areopagitica", in: Charles W. Eliot, org., *The Harvard classics* (New York: P. F. Collier & Son, 1909), vol. 3, p. 222 [edição em português: *Areopagitica: discurso pela liberdade de imprensa ao parlamento* (Rio de Janeiro: Topbooks, 1999)].

CAPÍTULO 5

CONFESSIONALIDADE E LIBERDADE ACADÊMICA

E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro,
e a Jesus Cristo, a quem enviaste.
João 17.3

As universidades confessionais são uma categoria de instituição de ensino superior prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

> Confessionais, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideologia específicas e ao disposto no inciso anterior (art. 20, inciso III da LDB).

Sua principal característica é que adotam uma orientação confessional ou uma ideologia específica.[1] Todavia, ser confessional pressupõe um credo, uma confissão. Como o próprio nome já indica, uma confissão é um conjunto de conceitos e valores que professamos — isto é, declaramos — acreditar ser a expressão da verdade. Portanto, uma universidade confessional é aquela que adota uma confissão explícita no desempenho de suas atividades.

Quer reconheçamos quer não, toda instituição de ensino, pública ou particular, é, em certo sentido, confessional. A prática do ensino requer uma filosofia ou ideologia de educação, que, por sua vez, exige ideias, métodos e valores, e se orienta para um ideal na educação. Por trás disso, e influenciando cada escolha que se faz, está uma concepção de vida, de mundo, do ser humano,

que por fim determinará o método. Ora, o que são essas coisas senão uma confissão? Portanto, mesmo universidades não confessionais, públicas ou privadas, têm seu credo. Como seguem modelos científicos mais aceitos, poucos estranham ou contestam essas crenças. O humanismo, por exemplo, tem seu credo e sua confissão. Assim, a diferença, no caso de entidades classificadas como confessionais, é que esse credo é explícito e objetivamente assumido.

De que maneira a confessionalidade se exterioriza no ambiente acadêmico? Ela deveria permear os três eixos da universidade: ensino, pesquisa e extensão. Esses três grandes alvos deveriam, de modo ideal, ser promovidos em conformidade com a visão de mundo, de indivíduo, de sociedade e de Deus característica da fé que a universidade confessional professa.

A confessionalidade, então, deveria figurar no estatuto e no regimento das instituições confessionais, em sua ética, no atendimento espiritual ao corpo docente e discente, em seu alvo de formar o indivíduo como um todo e, num passo mais ousado, na incorporação das premissas cristãs ao labor acadêmico, no caso das universidades de confessionalidade cristã.

Ser confessional não pressupõe *forçar alunos, professores e funcionários a aceitarem essas convicções religiosas*. É preciso preservar a liberdade religiosa e o respeito quanto às crenças individuais, e saber diferenciar academia e igreja. Contudo, uma instituição confessional cristã, por exemplo, não deveria abrir mão de seu direito de testemunhar o evangelho de Jesus Cristo em seus *campi*.

A fé cristã reformada, que historicamente constituiu a essência confessional de algumas das melhores universidades do mundo, é abrangente e forma uma visão ampla de mundo. Algumas de suas concepções, quatro das quais destacamos a seguir, são fundamentais para a confessionalidade de uma instituição de ensino.

Primeiro, o conceito de que a Bíblia é a Palavra de Deus. A fé cristã reformada confessa que as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento são inspiradas por Deus e, portanto, são a sua revelação para a humanidade. Reconhece que Deus se revela como Criador mediante sua imagem em nós, como também por meio das coisas criadas. Entretanto, é por intermédio de sua revelação especial nas Escrituras que Deus nos faz saber acerca de si próprio, de nós mesmos (pois é nosso Criador), do mundo que nos cerca e dos seus planos a nosso respeito. Embora a Bíblia não seja um livro de ciências nem tenha

linguagem científica, ela nos fornece informações corretas sobre nós, sobre nosso mundo e sobre nosso relacionamento com o Criador. A revelação de Deus plenificou-se na pessoa de Jesus Cristo, que confessamos como o Filho de Deus.

Segundo, o conceito de Deus. Baseando-se na Bíblia, a fé cristã reformada confessa a existência de um único Deus verdadeiro, criador dos céus e da terra. Esse Deus é infinito, pessoal, transcendente para nossa realidade e compreensão, embora seja imanente e presente em nosso tempo e espaço. Ele é bom, sábio, justo, puro, verdadeiro e totalmente confiável. Ele nos visitou na pessoa de Jesus Cristo, seu Filho, a quem confessamos como Salvador dos pecadores. Sendo Deus o criador de tudo, sua existência, autoridade e vontade devem ser levadas em consideração ao formularmos o ideal de educação e de formação humana que pretendemos oferecer. Nossa pesquisa científica do mundo não deve excluir, *a priori*, premissas que admitem o transcendente.

Terceiro, a concepção de mundo. A fé cristã reformada confessa que o mundo foi criado por Deus e, portanto, teve um começo. Nem o mundo nem a matéria existem eternamente, mas foram criados por Deus e existem de forma concreta e objetiva em si mesmos. O mundo é distinto de Deus, e não uma extensão deste. Dessa forma, o mundo e o Universo são passíveis de análise no que se refere a suas leis e princípios. A convicção de que existe uma realidade objetiva, externa, encoraja-nos a pesquisá-la. O mundo maravilhoso que nos cerca não é apenas uma projeção de nossos pensamentos ou uma realidade virtual, mas existe objetivamente, tendo sido trazido à existência pelo poder de Deus. Como tal, deve ser respeitado e preservado. Acrescentamos, ainda, que Deus concedeu ao homem a tarefa de dominar a criação, o que implica conhecê-la e valer-se dela para seu próprio bem e para o bem dos outros.

Quarto, a ideia de que o ser humano é único e especial. A fé cristã reformada confessa que o homem foi criado por Deus, à sua imagem e semelhança, e por ele colocado como administrador deste planeta, como responsável diante de Deus pelo uso e emprego de seus recursos naturais. Confessa ainda que o homem não se encontra hoje no estado de inocência em que foi criado. Tendo usado de seu livre-arbítrio para buscar independência e autonomia, afastou-se de Deus, trazendo sobre si mesmo e sobre seu próximo dores, sofrimento, miséria, angústias e morte. Contudo, mesmo em estado decaído, o homem é capaz, pela graça comum de Deus, de aprender, pesquisar e usar os resultados de sua

pesquisa para o melhoramento e o progresso de sua estada neste mundo, embora nem sempre leve Deus em conta em seus labores e afazeres.

Essas concepções trazem algumas consequências relacionadas ao ensino. A fé cristã reformada procura incorporar ao processo educacional a cosmovisão aqui descrita. A educação confessional cristã trabalha com os significados da visão de mundo cristã. Ela, por definição, rejeita os modelos utilitaristas e imediatistas de educação e defende uma educação integral, que alcance todas as dimensões do ser humano e que leve Deus em conta. A educação confessional cristã serve aos propósitos de Deus como criador do ser humano, que são o conhecimento do próprio Deus e o desejo de glorificá-lo, a alegria de viver em relacionamento com os demais, o aprendizado, a arte, o trabalho e o prazer. Deus é a nossa suprema âncora metafísica e a substanciação de nossa capacidade de conhecer veraz e concretamente.

Por fim, existe uma questão a ser esclarecida: Como ser confessional em meio à pluralidade e diversidade da universidade, à autonomia acadêmica e ao humanismo latente?

Pode-se dizer que a confessionalidade da universidade cria o ambiente em que a pesquisa acadêmica e a investigação científica são feitas, no qual o saber se processa e é transmitido. Como já foi dito, a neutralidade na educação é um mito. Uma universidade confessional abre as portas para que outros pontos de vista sejam apresentados e analisados, tendo, porém, como referencial sua confissão.

A fé reformada provê premissas, referenciais e parâmetros para a academia. Tem feito isso através dos séculos. Os grandes centros de ensino e pesquisa do mundo nasceram sob a influência do cristianismo e, na maioria dos casos, da fé reformada.

Quando o Harvard College foi fundado, em 1643, sua declaração da missão e do propósito da educação foi escrita da seguinte maneira: "Cada estudante deve ser instruído com clareza e levado a considerar com seriedade, de forma apropriada, que o propósito principal de sua vida e de seus estudos é conhecer a Deus e a Jesus Cristo, que é a vida eterna (Jo 17.3); e, consequentemente, colocar Cristo na base, como o único alicerce do conhecimento e do aprendizado sadios". A Universidade Harvard foi erigida debaixo dessa confissão.

Assim, vemos que grandes centros de ensino e pesquisa do mundo, que se

destacam por sua excelência, nasceram sob a influência do cristianismo e, na maioria dos casos, da fé reformada. Portanto, é perfeitamente possível ser confessional em meio à pluralidade e diversidade da universidade, à autonomia acadêmica e ao humanismo latente.

[1] Texto adaptado da Carta de Princípios da Universidade Presbiteriana Mackenzie, "Confessionalidade e liberdade acadêmica", de 2005.

CAPÍTULO 6

BÍBLIAS NA UNIVERSIDADE?

A revelação das tuas palavras esclarece
e dá entendimento aos simples.
Salmos 119.130

Em 2011, um dos grandes jornais de São Paulo publicou uma matéria intitulada "A Bíblia do Mackenzie", em que o articulista comentava, ainda que de forma negativa, a entrega da Bíblia do Mackenzie pelos capelães aos calouros. A prática é antiga nessa universidade, mas apenas ganhou publicidade mais recentemente. Esse mesmo jornal noticiou um fato curioso a respeito do escritor turco Orhan Pamuk, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 2006, que, em visita ao Brasil, falou aos nossos estudantes e recebeu de presente uma Bíblia do Mackenzie trilíngue. No caminho para o aeroporto, dr. Pamuk, que se declara ateu, deu a Bíblia de presente ao taxista que o atendeu. O fato chamou atenção e foi bastante divulgado nas mídias sociais. Ainda em 2011, a universidade recebeu as visitas ilustres do vice-presidente da República Michel Temer, do então ministro da Educação Fernando Haddad e da senadora Marta Suplicy. Todos ganharam Bíblias do Mackenzie.

Por que a Universidade Mackenzie e outras escolas e universidades confessionais entregam Bíblias a seus alunos e convidados? A razão é simples. Para nós, cristãos em geral, a Bíblia não é um livro comum, mas a própria Palavra de Deus. É nela que encontramos a revelação exclusiva que Deus faz de si mesmo e dos planos e propósitos que ele tem para a humanidade. Portanto, para nós, não há livro mais importante do que esse. Assim, ao presentear alunos e convidados com uma Bíblia, uma universidade cristã confessional demonstra seu

mais profundo apreço por eles, pois está passando às suas mãos o mais valioso tesouro que possui.

É importante observar que não adoramos nem reverenciamos a Bíblia, como se fosse objeto de culto. No decorrer da história do mundo, governos hostis ao cristianismo queimaram milhões de cópias da Bíblia em praça pública, sem que os cristãos tenham reagido com violência ou promovido levantes e motins. Pois, para o cristão, o valor da Bíblia não está em suas páginas impressas, mas na mensagem divina ali contida.

É na Bíblia que encontramos os fundamentos da visão de mundo que permitiu que pesquisadores e filósofos cristãos lançassem a base da ciência moderna e fizessem descobertas que impulsionaram nosso conhecimento do mundo. Uma olhada, ainda que breve, na história da ciência revelará que entre os cientistas cujas pesquisas deram origem a diversos ramos da moderna ciência estão aqueles que viam a Bíblia como a revelação de Deus, ao lado da natureza. Para eles, Deus havia se revelado nas coisas criadas, que eles chamavam de "o livro da natureza", e também na Bíblia, que seria sua revelação particular e especial à humanidade. Já que tanto a natureza quanto a Bíblia procediam de Deus, não haveria entre esses dois "livros" qualquer contradição inerente. É claro que eles tinham consciência de que a linguagem da Bíblia não é científica, mas meramente descritiva dos fenômenos naturais, da perspectiva de um observador comum. A maior parte desses cientistas via a Bíblia e a natureza como fontes do conhecimento de Deus, as quais se complementavam para nos dar um entendimento mais completo dele, do mundo e da humanidade.

Não podemos deixar de notar aqui, em alguns desses cientistas, a influência exercida por como João Calvino via a Bíblia em questões relacionadas a controvérsias científicas que já existiam em seus dias. Refiro-me especialmente à tese de Copérnico de que a Terra se movia em torno do Sol, a qual estava ganhando grande aceitação. Curiosamente, a Igreja Católica, que em geral tinha uma interpretação alegórica das palavras da Bíblia, nesse caso preferiu seguir uma interpretação literal dos textos bíblicos que falavam sobre o movimento do Sol em torno da Terra (Js 10.13; Sl 19.6 etc.).

Na Contrarreforma, o cardeal jesuíta Roberto Belarmino (1615) rebateu um monge carmelita que sustentava, como Galileu, a teoria do movimento da Terra. Belarmino argumentou que os pais da igreja entendiam as passagens bíblicas

sobre o movimento do Sol em torno da Terra em sentido literal. Para ele, isso era matéria de fé, pois quem negava esses textos era tão herético como quem negava que Jesus nasceu de uma virgem. E essa foi a posição da Igreja Católica até meados do século 19.

Em oposição a essa interpretação literalista, Calvino, mesmo seguindo o sistema astronômico prevalente na época (o geocêntrico), entendia que a diferença entre os autores bíblicos e os astrônomos era que, em sua opinião, os primeiros escreveram em estilo popular, descrevendo as aparências de maneira que pessoas de bom senso fossem capazes de compreender, sem usar aquela linguagem e descrições científicas que os astrônomos usam em suas pesquisas. Ou seja, Calvino não entendia essas passagens bíblicas de forma literal, mas preferia ver nelas uma acomodação do Espírito Santo ao entendimento popular. Essa teoria da acomodação de Calvino influenciou grandemente cientistas seguidores de Copérnico nos países protestantes, como Edward Wright, da Inglaterra, e provavelmente Johannes Kepler, da Alemanha.

Portanto, vemos que a presença e a influência da Bíblia no meio acadêmico não são uma inovação dos nossos tempos. O fato de alunos universitários terem conhecimento da Bíblia e da sua mensagem faz parte da visão confessional de educação, além de fazer bem ao coração e à mente.

TERCEIRA PARTE

VERDADE E PLURALIDADE

CAPÍTULO 7

UM APELO EM FAVOR DA VERDADE

Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.
João 8.32

Quem entra na Universidade Presbiteriana Mackenzie pelo portão da Rua da Consolação, em São Paulo, não pode deixar de ver as memoráveis palavras de Jesus gravadas em metal, logo à entrada: "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8.32). A busca da verdade é, sem dúvida, um dos objetivos de toda instituição de ensino confessional.

Todavia, nossa época entrará para a história universal como aquela em que a tentativa de relativização da verdade foi feita em todos os âmbitos da vida, desde os relacionados a valores morais até aqueles considerados mais subjetivos, como os referentes a conceitos religiosos.

Nem sempre as pessoas pensaram de maneira relativista. Não faz muitas décadas, era possível dizer a uma adolescente de 16 anos "comporte-se", e ela saberia perfeitamente o que isso queria dizer. A chegada da assim chamada pós-modernidade colocou em questão não somente a existência da verdade, mas também a possibilidade de conhecê-la e, mais ainda, a necessidade disso. E para muitos, podemos acrescentar, falta o desejo de conhecer a verdade.

Todavia, percebe-se grande incoerência e hipocrisia em uma sociedade como a nossa, que clama pela verdade e luta por ela, mas somente naquilo que lhe interessa, pois, quando chegam às questões morais, espirituais e religiosas, as pessoas são possuídas subitamente por um espírito de relativismo que se recusa a

ser exorcizado, a não ser mediante forte persuasão.

Todos nós demandamos a verdade em todas as áreas da vida. Queremos que a esposa, ou o marido, e os filhos nos digam a verdade; queremos que o médico nos diga a verdade; queremos que os corretores da bolsa de valores em que aplicamos nosso dinheiro nos digam a verdade quando nos recomendam ações nas quais aplicar; queremos que os juízes e os árbitros façam um trabalho correto e verdadeiro; queremos que nossos empregadores sejam verdadeiros e nos paguem com justiça; queremos que o noticiário, a mídia e a imprensa sempre nos digam a verdade, bem como os rótulos de remédios e as sinalizações nas ruas e rodovias.

Quando desconfiamos que a verdade nos está sendo negada, ficamos indignados, sentimo-nos traídos, e percebemos também que os nossos direitos como cidadãos nos foram subtraídos. Consideramos crime a falsidade, a mentira, o faltar com a verdade; a mentira até foi incluída na lista dos sete pecados capitais da hamartiologia católica.

Quando reivindicamos que as pessoas nos digam a verdade, estamos pressupondo que ela existe, que pode ser reconhecida e é válida para todos. Todavia, quando chegamos aos labores acadêmicos, quando assumimos nossa identidade de intelectuais, às vezes somos acometidos de grande incoerência, sempre que passamos não somente a aceitar, mas também a ensinar que a verdade não existe, que ela é relativa, que não existem verdades absolutas, especialmente no campo da moral e da espiritualidade. Aliás, é bom lembrar que, quando afirmamos: "Não existe verdade", queremos que as pessoas recebam essa declaração como verdadeira! E, se dissermos que tudo é relativo, ficaremos bravos se alguém considerar relativa essa declaração.

Por que exigimos verdade em tudo, exceto na moralidade e naquilo que é transcendente? Por que relativizamos a verdade quando estamos falando sobre moralidade e religião, mas nunca pensamos em fazê-lo quando estamos falando com um corretor de ações da bolsa de valores sobre o nosso dinheiro ou com os médicos sobre a nossa saúde?

A respeito disso, gostaria de citar neste contexto alguns pontos sobre a verdade que Norman Geisler expõe em sua obra *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. Ele os chama de "As verdades sobre a verdade".

1) *A verdade é descoberta*, e não inventada. Ela existe independentemente do conhecimento que uma pessoa tenha dela. Por exemplo, a lei da gravidade já existia antes de Newton.

2) *A verdade é transcultural*. Se alguma coisa é verdadeira, então é verdadeira para todas as pessoas, em todos os lugares, em todas as épocas, como, por exemplo, o resultado de 2 + 2.

3) *A verdade é imutável*, embora a nossa crença sobre ela possa mudar, como, por exemplo, quando passamos a acreditar que a Terra era redonda em vez de plana. A verdade sobre a terra não mudou. O que mudou foi nossa crença sobre a forma da Terra.

4) *As crenças das pessoas não podem mudar a verdade*, por mais honestas e sérias que sejam. Nem a verdade é afetada pela atitude de quem a professa ou de quem a nega.

5) *Todas as verdades são verdades absolutas*, embora pareçam relativas. Por exemplo, "Eu, Pedro, senti muito calor hoje". Embora a sensação de calor de Pedro seja relativa, permanece verdadeiro em todo lugar do planeta que no dia de hoje ele sentiu calor.

6) *A verdade permanece a mesma*; o que é relativo é a nossa percepção dela. Contudo, mesmo a relatividade da percepção é menor do que geralmente se pensa, pois as pessoas costumam perceber a realidade e a verdade de uma maneira muito mais unânime e comum do que nos querem fazer acreditar.[1]

Minha palavra aqui, portanto, é em defesa da verdade, da coerência, da consistência. Formadores de opinião são responsáveis por manifestar coerência em todos os departamentos da vida e da conduta. Se exigimos verdade dos outros, assumamos o que está implícito: a existência da verdade, a necessidade que temos dela e a possibilidade de que seja conhecida, a fim de que possamos viver relacionamentos verdadeiros, no mundo verdadeiro, para que sejamos pessoas verdadeiras e livres, pois, como disse Jesus, "a verdade [nos] libertará".

E, se alguém fizer a famosa pergunta de Pilatos a Jesus: "Que é a verdade?", espero que não faça como ele, que virou as costas e se afastou de Jesus, antes que este pudesse responder. Se Pilatos tivesse ficado, teria ouvido: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6).

[1] São Paulo: Vida, 2006, p. 38.

CAPÍTULO 8

O ABANDONO DA VERDADE

Então, lhe disse Pilatos: Logo, tu és rei? Respondeu Jesus: Tu dizes que
sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar
testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha
voz. Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade? Tendo dito isto, voltou
aos judeus e lhes disse: Eu não acho nele crime algum.
João 18.37,38

No texto em epígrafe, a pergunta de Pilatos foi feita a Jesus durante o interrogatório que culminou com sua crucificação. O que nos interessa no momento é o fato curioso e paradigmático de que Pilatos não esperou para receber uma resposta à sua própria pergunta: "Que é a verdade?". De saída, uma coisa fica clara: a busca da verdade sempre esteve presente nos grandes momentos da história. Todavia, nossa geração ficará conhecida como aquela que abandonou essa busca tradicional. Como Pilatos, ela faz a pergunta e vira as costas para não ouvir a resposta.

A geração atual está fortemente influenciada por uma reação ao racionalismo que marcou os séculos anteriores. As épocas que nos antecederam foram

caracterizadas pela cosmovisão romântica e pelo cientificismo materialista, bem como pelo marxismo, fascismo, positivismo e existencialismo.

Tudo isso teve origem no Iluminismo, movimento surgido no início do século 18, que era, em vários aspectos, uma revolta contra o poder da religião institucionalizada e contra a religião em geral. Predominou, então, o racionalismo e a teoria de que o conhecimento mais fundamental é baseado na razão, e que a verdade só pode ser alcançada por meio da análise racional, independentemente de dados empíricos, atitudes emotivas ou dogmas. A razão tornou-se a medida de todas as coisas.

Nossa época tende a rejeitar esse conceito, bem como a ideia de que existam verdades absolutas e fixas. Segundo a visão contemporânea, toda verdade é relativa e depende do contexto social e cultural em que as pessoas vivem. Filósofos, estudiosos, teólogos, artistas, pensadores e autores famosos de hoje tendem a rejeitar o ideal das gerações passadas de que a verdade pode ser alcançada por meio da análise racional. Em nossos dias, considera-se que a promessa do Iluminismo, a de encontrar com base na razão uma resposta unificada para a realidade, falhou completamente. Assim, abandonou-se a busca de verdades absolutas e fixas que caracterizou o período anterior, e rejeitou-se igualmente o conceito de dogmas e definições exatas. Cada pessoa analisa as coisas de acordo com o que pensa e crê.

Segundo essa visão atual, o que se busca é uma sociedade pluralista, em que exista a convivência amigável entre visões diferentes e opostas. A isso se dá o nome de pluralismo inclusivista. Espera-se que as opiniões cedam espaço umas às outras, particularmente aos pontos de vista marginalizados, isto é, aqueles que foram calados por gerações pelas vozes dominantes da sociedade. Nessa sociedade pluralista e inclusivista, a opinião e as convicções de todos têm de ser respeitadas, porque a opinião de um é tão verdadeira quanto a opinião do outro. E já que não existem conceitos absolutos, especialmente nas áreas da moral e da espiritualidade, não se pode tentar convencer o outro a mudar de religião ou de comportamento. Tornou-se politicamente incorreto criticar a conduta moral de alguém.

Todavia, essa desistência de alcançar a verdade, em todas as áreas da vida, trouxe consigo consequências visíveis em muitos campos do saber, da vida, do comportamento e da educação. Destacamos a seguir quatro dessas

consequências.

Primeira, criou um caos epistemológico. Não se pode mais falar na possibilidade de uma compreensão verdadeira de textos antigos e modernos. Se toda opinião ou convicção é tão verdadeira quanto qualquer outra, disso decorre que tudo é verdade, e, se tudo é verdade, nada é verdade. Está instalado o caos epistemológico. Se levada a sério, essa teoria significaria o fim da possibilidade de transmitir conceitos, ideias e verdades de uma geração a outra, e mesmo de uma pessoa a outra, por intermédio da palavra escrita ou por qualquer outro meio. Pense no que isso significaria na área da educação.

Segunda, levou ao abandono da busca da verdade, e até mesmo da crença na possibilidade de que ela exista, o que trouxe em seu bojo o desespero existencial, sob a forma da incerteza diante da verdade, da realidade e da própria existência. Isso lança as pessoas numa esquizofrenia prática, pois têm de conviver, por um lado, com verdades absolutas no dia a dia — tais como sinais de trânsito e normas da empresa — e, por outro lado, com o relativismo absoluto que domina as demais áreas.

Terceira, ao se perder a esperança de que existam verdades absolutas, entra-se em desespero existencial. E, consequentemente, as expressões humanas artísticas, como a música, a arte, a poesia, o cinema, o teatro, acabam por refletir esse desespero existencial, como percebemos claramente na obra de muitos artistas antenados com o mundo de hoje.

Alguns deles, mais honestos, conseguem perceber uma inconsistência ética em seu comportamento. É comum, por exemplo, vermos artistas negando a verdade absoluta e, ao mesmo tempo, lutando pelos "direitos humanos" ou pelo estabelecimento da "justiça", especialmente nos países em desenvolvimento.

Quarta, com o abandono das verdades absolutas, não há parâmetros objetivos a serem seguidos. Contudo, o ser humano tem sempre de possuir um paradigma, pois, como ensina Thomas Kuhn, é por meio dos paradigmas, estruturas dominantes em torno das quais organiza suas experiências, que ele lê e interpreta a realidade ao seu redor.[1] Se o antigo paradigma baseado em parâmetros objetivos foi deixado para trás, surge, então, um novo paradigma baseado em parâmetros subjetivos pautados em sentimentos e sensações. Em outras palavras, trocou-se a busca da verdade pela busca do prazer. A influência dessa ideologia hedonista, de fazer somente aquilo com que "se sente bem", inevitavelmente

acaba por levar ao egoísmo e à busca da própria felicidade à custa do bem dos outros.

Portanto, em nossos dias, o grande desafio para a universidade é entender os tempos em que vivemos e fazer jus ao próprio nome, o qual originariamente designava uma instituição acadêmica que acreditava na existência de verdades absolutas que uniam e davam coerência à enorme variedade dos campos do conhecimento. Destacamos ainda que, no caso de universidades confessionais cristãs, é a visão cristã de mundo, e nenhuma outra, que oferece esse referencial unificador e balizador.

[1] Cf. *A estrutura das revoluções científicas* (São Paulo: Perspectiva, 1998).

CAPÍTULO 9

VERDADE E PLURALIDADE

Que variedade, SENHOR, nas tuas obras! Todas com sabedoria as fizeste; cheia está a terra das tuas riquezas.
Salmos 104.24

Todos os que chegam à universidade logo se apercebem da pluralidade de entendimentos, concepções e valores que caracterizam o ambiente universitário. Embora a diversidade já esteja presente em sua vida muito antes de se tornar um universitário, é na academia que o estudante sentirá mais de perto a sua força.[1] A pluralidade é um dos conceitos ícones da nossa geração, uma das marcas da moderna universidade. Todavia, ainda que seja considerada um dos postulados mais bem estabelecidos da nossa era, é saudável refletirmos sobre sua natureza, seus efeitos e seus desafios.

Embora o ensino superior exista desde a Antiguidade, a universidade moderna teve suas origens na Europa do século 12, de acordo com a opinião mais aceita, e deve sua forma atual às universidades de Bolonha, Paris e Oxford, que surgiram durante o século 13. Apesar de ter sofrido influências e transformações oriundas da Renascença, da Reforma e do Iluminismo, a universidade permaneceu basicamente a mesma e é uma das instituições mais antigas e estáveis do mundo ocidental.

As universidades medievais surgiram graças a diferentes fatores, como a crescente demanda de pessoas em busca de educação, o desejo idealista de obter conhecimento, a resistência ao monopólio do saber pelos mosteiros, a vitalidade das escolas mantidas pelas catedrais e o desejo de reformar o ensino. Todavia, elas tinham um objetivo comum, uma mesma missão, que era a busca do

conhecimento unificado que permitisse a compreensão da realidade.

Universitas, na Idade Média, era um termo jurídico que, empregado para as escolas, significava um grupo inteiro de pessoas que estavam engajadas em ocupações científicas, isto é, professores e alunos. Só mais tarde o termo viria a significar uma instituição de ensino onde atividades desse tipo ocorriam. Assim, a designação já apontava para a tarefa que pessoas diferentes tinham em comum: a busca da verdade em meio à pluralidade de compreensões. Esse alvo requeria uma síntese das diferentes visões e compreensões de mundo, um campo integrado que desse sentido aos mais diversos saberes. O princípio subjacente à criação das universidades, portanto, foi a procura das verdades universais que pudessem unir as diferentes áreas do conhecimento. Daí o nome "universidade".

Quando as universidades medievais surgiram, a cosmovisão cristã que dominava a Europa fornecia os pressupostos para essa busca da unidade do conhecimento. Hoje, em muitas universidades modernas, a visão cristã de mundo é excluída *a priori* por pressupostos naturalistas, humanísticos e racionalistas que passaram a dominar o ambiente acadêmico depois do Iluminismo. No entanto, esses pressupostos não têm conseguido até o presente fornecer uma base comum para as diferentes áreas do saber. A fragmentação do conhecimento tem sido um resultado constante na academia, como se as diferentes disciplinas tratassem de mundos distintos e contraditórios.

Lamentavelmente, hoje, muitas universidades viraram multiversidades ou diversidades, pois abandonaram a busca de um todo coerente, de uma cosmovisão que dê sentido e relacionamento harmônico a todos os campos de conhecimento. Esse fenômeno se verifica primariamente na área das ciências humanas; porém, nem mesmo a área das exatas lhe é de todo imune, como testemunham as diversas percepções, por vezes conflitantes entre si, na matemática, na física e na química.

Como afirma o teólogo australiano Allan Harman, a palavra "universidade" carrega a ideia de unidade de conhecimento ou de abordagem. Derivada do latim *universum*, refere-se a totalidade ou integração. Claramente reflete o conceito de que, dentro de uma universidade, deveria existir adesão a uma base comum de conhecimento que pudesse interligar o ensino em todas as escolas.[2]

Edgar Morin, intelectual francês contemporâneo, percebe corretamente essa fragmentação do conhecimento e da educação nas diversas obras que tem

publicado. Para ele,

> … o sistema educativo fragmenta a realidade, simplifica o complexo, separa o que é inseparável, ignora a multiplicidade e a diversidade […] As disciplinas como estão estruturadas só servem para isolar os objetos do seu meio e isolar partes de um todo. Eliminam a desordem e as contradições existentes, para dar uma falsa sensação de arrumação. A educação deveria romper com isso mostrando as correlações entre os saberes, a complexidade da vida e dos problemas que hoje existem.[3]

É evidente que há grande pluralidade ou diversidade no mundo. A criação de Deus é plural, a humanidade feita à imagem dele é plural, as culturas são plurais, as ideias são plurais. Há uma enorme e fascinante diversidade na realidade que nos cerca. Para nós, essa impressionante variedade da existência revela a riqueza, o poder e a criatividade de Deus, como a Bíblia registra em Salmos 104.24:

> Que variedade, SENHOR, nas tuas obras! Todas com sabedoria as fizeste; cheia está a terra das tuas riquezas.

Esse entendimento em nada compromete nossa busca, na academia, por verdades absolutas e universais. As dificuldades surgem quando se confunde pluralidade com relativismo radical e absoluto. Este nega os conceitos existentes no mundo de unidade, igualdade, harmonia e coerência entre ideias, pessoas e culturas. O relativismo total pretende desconstruir o princípio implícito da verdade absoluta, de valores, conceitos e ideias que sejam válidos em qualquer lugar e em qualquer tempo. Nesse sentido, confunde-se a pluralidade com o relativismo que domina a mentalidade contemporânea, e aquela passa a ser entendida como a convivência de ideias e concepções contraditórias que devem ser igualmente aceitas, sem passar pelo crivo do exame da veracidade e sem que uma prevaleça sobre a outra, uma vez que todas são consideradas verdadeiras.

Para uma universidade confessional cristã, que se orienta por um conjunto de fundamentos — no caso, os da fé cristã reformada —, a pluralidade, entendida como diversidade, é muito bem-vinda. A enorme variedade que caracteriza nosso mundo não anula de forma alguma a existência de verdades gerais e universais. Quando, todavia, a pluralidade é entendida como relativismo total ou como um sistema de contradições igualmente válidas, precisamos analisar o assunto com mais cuidado.

O relativismo absoluto gera diversos problemas de natureza prática, como, por exemplo, a dificuldade de viver o dia a dia de forma coerente com a crença de

que tudo é relativo. Mesmo os relativistas mais radicais são obrigados a capitular diante da inexorável realidade: a vida só pode ser organizada e levada à frente com base em princípios, valores e leis universais que sejam observados e reconhecidos por todos.

Dificilmente o ser humano consegue conviver em paz com o relativismo absoluto. Existe em cada indivíduo uma busca interior por coerência, síntese e unidade de pensamento, sem os quais ele não pode encontrar sentido na realidade, um lugar no mundo e nem mesmo saber por onde caminhar. Acreditamos que esse ímpeto é decorrente da imagem de Deus no homem, um Deus de ordem, de propósitos, um ser coerente e completo.

Para muitos, o ideal do pluralismo de ideias no ensino significa simplesmente que a universidade deveria ser um local neutro em que todas as ideias e seus contraditórios tivessem igualdade de expressão, cabendo aos alunos escolher, ou não, aquelas que lhe parecerem mais corretas. Todavia, conforme bem escreveu Robert P. Wolff,[4] a neutralidade da universidade diante dos valores é um mito. É inevitável o posicionamento ideológico diante das questões da vida e do conhecimento. Esse ponto é também reconhecido, ainda que timidamente, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, quando define as universidades confessionais como aquelas que "atendem a orientação confessional e ideologia específicas" (LDB, art. 20, inciso III).

As universidades de orientação confessional cristã há muito têm procurado desenvolver um modelo acadêmico em que a busca da verdade seja feita com base na visão de mundo cristã em constante diálogo com a pluralidade de ideias e com a diversidade de visões e entendimentos. Não é tarefa fácil, diante do mundo pluralista em que vivemos, a ponto de alguns defenderem que as próprias universidades confessionais desistam desse ideal.

Por fim, reconhecemos a diversidade e a complexidade de ideias, conceitos, costumes e valores. Questionamos, todavia, que essa pluralidade implique a total relativização da verdade. Afirmamos a existência de ideias e valores que são absolutos, de princípios e verdades espirituais, éticas, morais e epistemológicas que são universais. Concordamos com Edgar Morin quanto à sua percepção da complexidade da vida e da existência. Entretanto, entendemos que o reconhecimento de que todas as áreas de atividade e conhecimento são complexamente interligadas reflete um propósito unificado e uma origem única,

os quais apontam para o Criador.

Cremos que o cristianismo bíblico fornece o fundamento para a compreensão da realidade como um todo coerente, sempre levando em conta a fabulosa variedade da existência humana.

Todos deveríamos refletir sobre o fato de que a pluralidade — entendida como saudável diversidade e submetida a referenciais absolutos e universais que não neguem a existência da verdade — enriquece o conhecimento humano e leva à melhor percepção de nós mesmos, de nosso mundo e de nosso Criador.

[1] Este texto é baseado na Carta de Princípios da Universidade Presbiteriana Mackenzie, "Verdade e pluralidade", de 2008.

[2] "Vision and reality: the challenges facing Christian higher education today", palestra proferida em 1998 na inauguração da Universidade Presbiteriana da Coreia.

[3] Entrevista concedida ao site *Nova Escola*, disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/894/edgar-morin-aescola-mata-a-curiosidade, acesso em: abr. 2019.

[4] *O ideal de universidade* (São Paulo: Unesp, 1993).

CAPÍTULO 10

FUNDAMENTOS

Ora, destruídos os fundamentos, que poderá fazer o justo?
Salmos 11.3

A citação bíblica que abre este capítulo nos ensina que os fundamentos são necessários para que possamos praticar e viver a justiça. Assistimos hoje ao avanço de uma mentalidade cuja característica é a demolição dos fundamentos da sociedade ocidental cristã como a conhecemos. Essa mentalidade é chamada por muitos estudiosos de pós-modernidade.

Como o nome indica, *a pós-modernidade* é o período da história que veio para tomar o lugar do período moderno. Acredita-se que essa era teve início com a falência do comunismo, a queda do Muro de Berlim, em 1989, e o insucesso da economia, dos organismos mundiais e da tecnologia e ciência modernas em resolver os problemas mais agudos da humanidade. Desse modo, os fundamentos anteriormente estabelecidos começaram a ser questionados, assim como se questionou a existência de verdade absoluta em todas as áreas da vida e do conhecimento humanos.

A pós-modernidade não é propriamente um movimento organizado, mas um espírito, uma maneira de ver a realidade, uma mentalidade, cuja influência se percebe na academia, na religião, na arte, na cultura, na economia.

Neste capítulo, quero refletir sobre as oportunidades e os desafios que a mentalidade pós-moderna representa do ponto de vista do cristianismo histórico. O ponto central de nossa reflexão é este proposto por Salmos 11.3: é preciso que haja fundamentos para que possamos praticar e viver a justiça.

Vejamos, primeiramente, os fundamentos que a mentalidade pós-moderna

tende a derrubar. No topo da lista, temos o fundamento da existência de valores, conceitos e verdades absolutos e universais. O pensamento pós-moderno rejeita o conceito defendido pela modernidade de que existem verdades absolutas e fixas. Para ele, toda verdade é relativa e depende do contexto social e cultural em que as pessoas vivem. Cada um percebe a verdade à sua maneira. Não existe "verdade", mas, sim, "verdades", que não se contradizem, antes se complementam. Isso inclui verdades religiosas. Conceitos como "Deus" são totalmente relativos. A única "inverdade" que existe é alguém insistir que existe verdade fixa e absoluta!

Em seguida, vem o fundamento da racionalidade. A mentalidade pós-moderna rejeita o ideal do pensamento moderno de que a verdade pode ser alcançada por meio da análise racional. Considera que a promessa do Iluminismo, a de encontrar uma resposta unificada para a realidade, falhou completamente. A pós-modernidade, assim, abandonou a busca de verdades absolutas e fixas que caracterizou o período anterior, rejeitando igualmente o conceito de dogmas e definições exatas.

Para a mentalidade pós-moderna, a mensagem cristã é muito ofensiva, pois apresenta a Bíblia como única revelação de Deus e defende a existência de absolutos morais e do evangelho como a verdade. Temos também o fundamento da análise crítica, outro que a mentalidade pós-moderna tende a derrubar. Com ela surge o conceito do politicamente correto: para a mentalidade pluralista e inclusivista, a opinião e as convicções de todos têm de ser respeitadas. A razão para esse "respeito" é que a opinião de um é vista como tão verdadeira quanto a opinião do outro. Assim, torna-se politicamente incorreto criticar as opiniões, a conduta e as preferências morais, políticas, religiosas de alguém.

Os comentários críticos devem ser amenizados com eufemismos ou generalidades que não ofendam. Já que não existem conceitos absolutos nas áreas da religião e da moral, não pode haver proselitismo, isto é, a tentativa de convencer alguém a mudar de religião ou de comportamento.

Por fim, menciono o fundamento do certo e do errado, que está também sob ataque. Com o abandono das verdades absolutas, não há parâmetros objetivos a serem seguidos. O pós-modernista Steven Connor diz que "desde a música ao turismo, à TV e mesmo à educação, o consumidor não quer mais aquilo que é bom, mas, sim, experiências".[1] O parâmetro passa a ser o sentimento, a experiência em si. Daí começou a surgir a filosofia do "sentir-se bem".

Um exemplo pertinente do que estamos dizendo é a declaração do educador e ex-pastor presbiteriano Rubem Alves durante uma cerimônia realizada no Rio de Janeiro, em 2003, por ocasião da Reforma Protestante:

> Gente, isso aí é uma das coisas mais centrais do espírito da Reforma que significa que nós somos livres, não é? Não é pecado pensar errado, porque ninguém sabe o que é pensar certo. Então, a gente pode pensar do jeito que for, que não tem ortodoxo e herege. E quem quiser dizer que o outro é herege não está entendendo direito o espírito da Reforma.[2]

Contudo, também há vários aspectos positivos na pós-modernidade. Em primeiro lugar, ela acentua o conceito de tolerância. Além disso, estimula os estudos acadêmicos sobre multiculturalismo, gênero e sexualidade. Inibe, ainda, a discriminação preconceituosa por motivos de gênero, raça e posição social, e abre espaço na academia para integrantes de grupos minoritários. Por fim, mencionamos que ela desperta os estudiosos para o papel do horizonte do indivíduo na percepção da realidade.

Ainda assim, existem sérias inconsistências na mentalidade pós-moderna que apontam para a necessidade de fundamentos. Nela existe, por exemplo, a inconsistência acadêmica. Pós-modernos escrevem textos para demonstrar que textos não têm sentido algum, ou porque se desconstroem ou porque têm tantos sentidos que acabam não tendo nenhum. Há, portanto, uma inconsistência basilar nessa mentalidade pós-moderna acadêmica, uma vez que seus adeptos precisam do fundamento da hermenêutica (que ensina que o texto quer dizer o que o seu autor quis dizer) para poder provar o contrário (isto é, que o texto *não* quer dizer o que o seu autor quis dizer).

Há também certa inconsistência axiomática. Pós-modernos negam a existência de verdades universais e absolutas. Entretanto, defendem a existência de um axioma que consideram absoluto e universal: "Não existem verdades absolutas". Assim, eles precisam partir do fundamento da existência de verdades absolutas para poder argumentar que elas não existem.

Nota-se outra inconsistência quanto à atitude. Pós-mo-dernos defendem conceitos de tolerância como a total complacência para com o pensamento de outros em todas as áreas: política, sexo, religião, raça, gênero, valores morais e atitudes pessoais. Entretanto, existe claramente um ponto de vista que eles não toleram: o daqueles que insistem em se apegar a conceitos e valores definidos e objetivos.

Não podemos esquecer também a inconsistência religiosa. Pós-modernos pregam o fim do cristianismo por ser uma religião absolutista, que crê em verdade, revelação, certo e errado. Porém, a religião por excelência da pós-modernidade é o antigo paganismo, que ressurge modernamente com seu dualismo cósmico entre o bem e o mal. Logo, o pós-modernismo não consegue se livrar do conceito de que existe o certo e o errado, o bem e o mal.

Por fim, vem a inconsistência ética. É comum vermos pós-modernistas negando a existência da verdade absoluta e, ao mesmo tempo, lutando pelos "direitos humanos" ou pelo estabelecimento da "justiça", ou em favor da ecologia, especialmente em países em desenvolvimento. Os pós-modernistas acabam caindo na inconsistência de aceitar verdades universais para resolver situações específicas. Eles aceitam regras gerais de coletividade ética, mas afirmam não existir padrões de verdade.

Portanto, os desafios que a pós-modernidade traz para uma universidade confessional são grandes. Primeiro, o desafio de não ser um gueto. Segundo, o desafio de não engolir de forma acrítica a mentalidade pós-moderna, que às vezes se oferece sob capa acadêmica. Por fim, o desafio de manter uma adesão a fundamentos éticos e morais em meio ao relativismo e ao pluralismo da nossa época. Gostaria de ressaltar que esses fundamentos decorrem do cristianismo, cuja visão de mundo e de realidade respeita e reafirma todos os fundamentos que nossa lógica e bom senso declaram existir.

[1] *Postmodernist culture* (New York: Wiley-Blackwel, 1989), p. 177 [edição em português: *Cultura pós-moderna* (São Paulo: Loyola, 1992)].

[2] Artigo do blog *Resistência Protestante*, disponível em: http://resistenciaprotestante.blogspot.com/2007/08/rubem-alves-e-reforma-protestante-rubem_2331.html, acesso em: fev. 2019.

QUARTA PARTE

CRISTIANISMO, CIÊNCIA E PESQUISA

CAPÍTULO 11

CIÊNCIA E RELIGIÃO: MODELOS DE INTERAÇÃO

Deus [...] pôs a eternidade no coração do homem.
Eclesiastes 3.11

As estatísticas mostram que o Brasil continua sendo um país muito religioso. De acordo com uma pesquisa global do Instituto Gallup sobre religião e ateísmo, publicada em 2012, 85% dos brasileiros se declaram religiosos, 13% se declaram sem religião (mas não sem fé), e declaram-se ateus convictos apenas 1%.[1] Quando a pesquisa é feita nas universidades, aumenta o número de ateus e agnósticos, mas a predominância é de pessoas que professam crer em Deus. Um dos impactos desses números para a academia é o seguinte: grande parte de professores e alunos é religiosa. Assim, no ambiente acadêmico, no qual predomina o espírito científico, como se desenvolve a relação entre ciência e cristianismo?

Há diversas maneiras de ver essa relação. O primeiro modelo é o do *conflito*. Chamado cientificismo, esse modelo afirma que a ciência moderna destruiu as reivindicações da teologia tradicional. Os pensadores cristãos antigos, com bastante frequência, invocavam Deus como resposta para aquilo que a filosofia natural e a ciência não podiam ainda explicar; como Newton, por exemplo, que atribuiu a Deus as irregularidades nas órbitas dos planetas que não se encaixavam na sua teoria astronômica. O conflito ocorre, portanto, quando a ciência descobre uma explicação para aquilo que era antes atribuído a uma ação direta de Deus. Fica parecendo que a responsabilidade de Deus como governante do mundo

diminui mais e mais à medida que a ciência passa a explicar o sobrenatural e o misterioso.

Contudo, essa visão de Deus não é a do cristianismo reformado. O Deus da Bíblia não é um *deus ex machina* a ser invocado quando alguém precisa de uma explicação para o incompreensível, mas ele é a causa de todas as coisas. Tudo no mundo, tanto a regularidade quanto a irregularidade, depende de Deus.

O conflito entre ciência e cristianismo pode também provocar uma reação da parte de cristãos que assumem uma atitude anti-intelectual. Nesse caso, a ciência é vista como uma alternativa inferior, incompatível com o cristianismo, pois ela rejeita as ações de Deus e as considera irrelevantes.

Em outro modelo, o da *adaptação*, o cristianismo tradicional é redefinido para se encaixar melhor nas mudanças que ocorrem no conhecimento científico. Segundo esse modelo, a Bíblia é vista como uma coleção antiga de mitos e histórias piedosas que refletem a fé de Israel e dos cristãos primitivos. Um exemplo desse modelo são as ideias de Pierre Teilhard de Chardin, conhecido teólogo católico. O problema com essa abordagem é que ela parte aprioristicamente da tese de que a razão determina a realidade. Assim, os elementos transcendentes do cristianismo são reduzidos, logo de partida, a mitos e lendas piedosos, uma vez que não se encaixam na visão de mundo adotada pelo racionalismo.

Outro modelo é a chamada *nova síntese*, que defende uma transformação radical tanto da ciência quanto da teologia, possibilitando uma síntese entre ambos. Ele tem sido defendido por figuras como Shirley McLaine e por grupos ligados a religiões orientais, Nova Era e outros grupos minoritários. Essa combinação de pseudociência de caráter duvidoso com uma heterodoxia pseudoteológica compõe um modelo inadequado para quem deseja levar tanto a ciência quanto o cristianismo a sério.

Há também o *compartimentalismo*, um modelo que entende que ciência e cristianismo estão tratando de dois campos completamente distintos. Eles nos dão diferentes informações sobre coisas diferentes e não há campo comum entre eles. A ciência não tem absolutamente nada a dizer ao cristianismo e o inverso também é verdadeiro. E, já que não têm nada em comum, um conflito entre eles é totalmente impossível. Essa perspectiva se inspira no dualismo kantiano, que jogou a fé para o andar de cima, para bem longe do alcance da análise racional.

Contudo, é um modelo insatisfatório, pois pensadores cristãos não gostam da ideia de que aquilo em que creem seja visto simplesmente como um salto no escuro ou como algo que se refere a uma realidade distinta da nossa.

Um modelo mais aceitável é o do *complementarismo*. Esse modelo entende que as diferentes percepções da ciência e do cristianismo aplicam-se ao mesmo mundo, e frequentemente aos mesmos eventos. A propriedade e a relevância de cada uma dessas percepções dependerão da pergunta que se faz, do contexto e da necessidade. Assim, determinada resposta, numa certa altura, poderá ser mais apropriada que outra. A natureza é vista nesse modelo como a revelação geral de Deus, e a Bíblia, como a revelação especial. A realidade é composta de níveis diferentes, e cada um deles requer um modo diferente de explicação. Essas descrições se complementam e proporcionam uma percepção mais profunda do mundo.

Por fim, eu gostaria de sugerir que, por causa dos fatores que mencionarei a seguir, entendo que o modelo complementarista é o mais adequado e correto para uma universidade confessional. Primeiro, por causa de estatísticas como as que vimos no início deste capítulo, as quais mostram que não podemos deixar a questão da religião e da fé — e especialmente do cristianismo — do lado de fora da academia. Segundo, pela relação histórica entre cristianismo e ciência moderna. Em vários capítulos deste livro, menciono como o cristianismo contribuiu para o surgimento da ciência. E, por último, pelo fato de que nenhuma abordagem isolada pode responder de forma completa às questões que, em geral, são feitas pelos seres humanos. Assim, por todos esses fatores, entendo que o modelo complementarista é o mais adequado para explicar a interação entre ciência e religião.

[1] Disponível em: http://redcresearch.ie/wp-content/uploads/2012/08/RED-C-press-release-Religion-and-Atheism-25-7-12.pdf, acesso em: jul. 2018.

CAPÍTULO 12

CRISTIANISMO E PESQUISA CIENTÍFICA

Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome!
Pois expuseste nos céus a tua majestade. [...] Quando contemplo os
teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste,
que é o homem, que dele te lembres? [...] Fizeste-o, no entanto, por um
pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe
domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste:
ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo; as aves do céu,
e os peixes do mar, e tudo o que percorre as sendas dos mares.
Salmos 8.1,3-8

A pesquisa é um dos três eixos que compõem a universidade moderna. O que poucos sabem é que a pesquisa moderna, como a conhecemos hoje, nasceu em berço cristão. A busca do conhecimento mais profundo das leis que regem o mundo foi, no início, em parte obstruída pelos conceitos panteístas das antigas civilizações e culturas. Por panteísmo nos referimos à visão de mundo em que a natureza é tida como uma extensão de Deus, o qual é sua alma ou princípio vital. Panteístas acreditam que tudo é Deus e Deus é tudo. Essa cosmovisão, embora com diferentes matizes, dominou as grandes civilizações antigas que consideramos pagãs. Esse é um dos conceitos básicos do antigo (e do moderno) paganismo.

Damos o devido crédito a essas civilizações antigas que fizeram grandes contribuições para o avanço do conhecimento científico da humanidade. Descobertas surpreendentes ainda hoje nos impressionam no que diz respeito à capacidade dos antigos para a engenharia, a astronomia e a tecnologia em geral. Todavia, a visão panteísta de civilizações como as da China, Índia, Egito e Mesopotâmia impediu que qualquer uma delas lançasse as bases necessárias para que uma revolução científica ocorresse. E a razão disso é simples, como veremos a seguir.

O panteísmo ensinava que Deus é o mundo e o mundo é Deus. Com uma visão assim, as pessoas temiam provocar seu Deus — ou seus deuses, no caso de algumas civilizações — com suas indagações sobre o mundo. Pesquisar os fenômenos naturais equivalia a penetrar nos segredos ou na intimidade de Deus. Como ensina Henri Frankfort em sua obra *Before philosophy* [Antes da filosofia], a relação do homem com a natureza era de adoração e veneração, e não de análise e entendimento.[1] Era preciso uma visão de mundo que libertasse o homem desse temor.

A fé cristã, com sua cosmovisão, libertou o ser humano do temor da natureza. O fundamento para isso é o primeiro versículo da Bíblia: "No princípio, criou Deus os céus e a terra" (Gn 1.1). Da perspectiva cristã, o Sol, a Lua, as estrelas, as montanhas, os rios, o mar e os animais não eram deuses nem possuíam poderes místicos em si mesmos. A natureza foi sendo dessacralizada à medida que o cristianismo avançou na Europa e, como Max Weber ensina em *A ética protestante*, foi desvestida de seu poder.[2] Weber fez estudos comparativos sobre a religião e a economia de culturas como a chinesa, a indiana e o antigo judaísmo.

E concluiu que a definição dada pelo protestantismo, a de Deus como um ser transcendente, que não habita na floresta, no deserto, nas montanhas ou no mar, também contribuiu para o que chamou de "conduta racional prática", necessária para o desenvolvimento capitalista sustentado. Para ele, uma vez que Deus é um ser transcendente e só tem interesse em seres humanos, então não há nada na natureza do mundo ou de seus habitantes que iniba a utilização e a transformação da natureza pela sociedade. É claro que Weber não está sendo inteiramente justo com o que os protestantes pensam sobre Deus, pois, para eles, Deus não é só transcendente, mas também imanente. Todavia, a conclusão do seu raciocínio está correta.

Portanto, com esse novo entendimento, o ser humano pôde começar a pesquisar a natureza sem receio religioso — muito pelo contrário — e começar realmente a conhecê-la e dominá-la. O cristianismo, após se expandir e conquistar o mundo ocidental, abriu as portas para a pesquisa moderna com sua cosmovisão teísta criacionista. É evidente que a moderna academia rejeita a visão teísta de mundo; todavia, não lhe pode negar o reconhecimento dessa paternidade.

Outra contribuição da cosmovisão cristã é a afirmação de que o mundo de fato existe, não sendo mera projeção de nossa mente nem uma extensão de nosso espírito criador. Pode parecer uma afirmação redundante, mas ela adquire relevância quando pensamos que, para muitos, não existe lá fora uma realidade concreta, palpável, tangível. Desse modo, com a contribuição da cosmovisão cristã, a pesquisa se torna possível, pois temos um objeto concreto e passível de análise. Quem não acredita que o mundo existe de fato pouco interesse tem em pesquisá-lo.

O cristianismo oriundo da Reforma Protestante também contribuiu, de forma decisiva, para o surgimento da moderna pesquisa, ao defender que a busca por entender nosso mundo faz parte do mandato cultural dado por Deus ao homem no ato da criação: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra" (Gn 1.28).

Diante disso, o pesquisador cristão deveria ter em mente os seguintes objetivos no decorrer de seu trabalho. Em primeiro lugar, por meio da tecnologia, usar responsavelmente os princípios, as leis e os recursos do cosmo

para o bem da humanidade e do meio ambiente. Além disso, ele deve ser motivado a conhecer melhor o Universo em que Deus o colocou e, assim, conhecer melhor o próprio Deus, a si mesmo e a seu próximo.

O pesquisador deve também realizar seu trabalho com profunda humildade diante do mistério da criação e de sua grandiosidade. É a atitude que vemos no salmo 8, que está reproduzido em parte no início deste capítulo. Esse pesquisador deve mostrar-se, ainda, cheio de gratidão a Deus, o autor e sustentador de todas as coisas. Assim, ele se esforçará para ser o melhor possível, pois, para ele, a pesquisa é vocação, é ministério!

No livro da natureza aprendemos sobre Deus. Existe outro livro, porém, em que Deus se revela e de forma mais completa: a Bíblia. E não há contradição entre essas duas revelações. O pesquisador cristão procura conhecer ambos, a fim de obter uma visão mais ampla e abrangente do mundo e de seu Autor.

[1] Henri Frankfort et al., *Before philosophy*: *the intellectual adventure of ancient man* (Harmondsworth: Penguin, 1951), p. 219-20.

[2] Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005).

CAPÍTULO 13

PARA QUE ENTENDER O MUNDO?

Disse comigo: eis que me engrandeci e sobrepujei em sabedoria a
todos os que antes de mim existiram em Jerusalém; com efeito,
o meu coração tem tido larga experiência da sabedoria e do
conhecimento. Apliquei o coração a conhecer a sabedoria
e a saber o que é loucura e o que é estultícia.
Eclesiastes 1.16,17

De acordo com as Escrituras, Salomão, rei de Israel, foi um dos maiores pesquisadores da Antiguidade oriental. Segundo o registro, ele "discorreu sobre todas as plantas, desde o cedro que está no Líbano até ao hissopo que brota do muro; também falou dos animais e das aves, dos répteis e dos peixes" (1Rs 4.33). Seu conhecimento se tornou famoso, a ponto de vir gente de todos os povos beber de sua vasta erudição (veja 1Rs 4.29-34).

Entretanto, durante a maior parte de sua vida, esse notável pesquisador esteve frustrado quanto ao que havia aprendido. Ele manifestou essa frustração em diversas falas dirigidas ao seu povo, as quais foram registradas em um livro chamado *Eclesiastes* ou *O Pregador*, posteriormente incluído no cânon bíblico.

Algumas das suas frustrações estão reveladas no seguinte parágrafo:

Eu, o Pregador, venho sendo rei de Israel, em Jerusalém. Apliquei o coração a esquadrinhar e a

> informar-me com sabedoria de tudo quanto sucede debaixo do céu; este enfadonho trabalho impôs Deus aos filhos dos homens, para nele os afligir. Atentei para todas as obras que se fazem debaixo do sol, e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento. Aquilo que é torto não se pode endireitar; e o que falta não se pode calcular. Disse comigo: eis que me engrandeci e sobrepujei em sabedoria a todos os que antes de mim existiram em Jerusalém; com efeito, o meu coração tem tido larga experiência da sabedoria e do conhecimento. Apliquei o coração a conhecer a sabedoria e a saber o que é loucura e o que é estultícia; e vim a saber que também isto é correr atrás do vento. Porque na muita sabedoria há muito enfado; e quem aumenta ciência aumenta tristeza (Ec 1.12-18).

O pesquisador Salomão considerou a busca do conhecimento algo *enfadonho*, uma espécie de trabalho imposto por Deus ao ser humano. O enfado provavelmente decorria do fato de que o conhecimento não é capaz de endireitar o que é torto. A impotência do conhecimento diante da realidade da vida deve ter levado o pesquisador ao desânimo, quando escreveu estas palavras: "quem aumenta ciência aumenta tristeza". Quanto mais ele vinha a conhecer, a acumular sabedoria e ciência, mais descobria sua impotência em mudar a realidade humana. Daí sua tristeza.

Além disso, Salomão percebeu que todo o seu conhecimento não fazia a menor diferença em sua vida: o que acontecia com o sábio pesquisador também acontecia com o ignorante e tolo. Qual é a vantagem, pois, de ser sábio, questiona ele:

> Os olhos do sábio estão na sua cabeça, mas o estulto anda em trevas; contudo, entendi que o mesmo lhes sucede a ambos. Pelo que disse eu comigo: como acontece ao estulto, assim me sucede a mim; por que, pois, busquei eu mais a sabedoria? Então, disse a mim mesmo que também isso era vaidade. Pois, tanto do sábio como do estulto, a memória não durará para sempre; pois, passados alguns dias, tudo cai no esquecimento. Ah! Morre o sábio, e da mesma sorte, o estulto! Pelo que aborreci a vida, pois me foi penosa a obra que se faz debaixo do sol; sim, tudo é vaidade e correr atrás do vento (Ec 2.14-17).

À medida que se enfiava ainda mais em suas pesquisas, Salomão refletia sobre o motivo pelo qual as pessoas buscam o conhecimento e a sabedoria. E chegou a uma conclusão desalentadora: "Então, vi que todo trabalho e toda destreza em obras provêm da inveja do homem contra o seu próximo. Também isto é vaidade e correr atrás do vento" (Ec 4.4).

Em certo sentido, Salomão estava antevendo o que hoje chamamos "as vaidades da academia". No fundo, é a mesma coisa: na academia há pessoas que procuram avançar e distinguir-se em suas carreiras, ajuntando mais e mais títulos e construindo currículos quilométricos, apenas por causa da competição, da

inveja em relação aos outros. É claro que essa seria uma generalização injusta. Contudo, sem dúvida, ela toca em um nervo exposto que fica no mais íntimo do coração, no âmbito das motivações. A falta do verdadeiro espírito do pesquisador entristeceu Salomão, quando percebeu que muito do que se faz é motivado pela inveja.

Mas o desânimo do sábio judeu não terminou aí. A conclusão a que chegou foi esta: "… não há limite para fazer livros, e o muito estudar é enfado da carne" (Ec 12.12).

O que teria levado um pesquisador tão brilhante a considerar enfadonho o resultado de seu trabalho, a considerar tudo tristeza e vaidade? Ele percebeu que a busca do conhecimento e da ciência *per si* não é capaz de satisfazer os anseios mais profundos da alma humana. Quando, porém, entendeu que o conhecimento deve ser buscado dentro de um contexto maior, no qual Deus é o referencial, conseguiu encontrar sentido na vida e achar o seu fator unificador:

> Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer […] De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem. Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más (Ec 12.1,13,14).

Salomão concluiu que a suma de todo o conhecimento é o temor a Deus, que se expressa em obediência voluntária à sua vontade. É preciso explicar que esse temor não é a mesma coisa que *medo*, mas, sim, um respeito profundo que parte de um coração agradecido e confiante.

A tabela a seguir, extraída da *Bíblia de Genebra*, resume de maneira clara e inteligente o ensino do sábio Salomão sobre esse ponto.[1]

O caminho da verdadeira ciência (sabedoria, Ec 12.14)

Suma: sem temor (respeito) a Deus, *tudo é vaidade*.

Aprendizado sem Deus	→	Cinismo (1.7,8)
Grandeza sem Deus	→	Tristeza (1.16-18)
Prazer sem Deus	→	Desapontamento (2.1,2)
Trabalho sem Deus	→	Ódio pela vida (2.17)
Filosofia sem Deus	→	Vazio (3.1-9)
Eternidade sem Deus	→	Falta de realização (3.11)
Vida sem Deus	→	Depressão (4.2,3)
Religião sem Deus	→	Medo (5.4-7)
Riqueza sem Deus	→	Tribulações (5.12)
Existência sem Deus	→	Frustração (6.12)
Sabedoria sem Deus	→	Desespero (11.1-8)
Temor a Deus	→	**Realização (12.13,14)**

A experiência do sábio Salomão não pode ser tomada como paradigmática para todos aqueles que estão envolvidos em pesquisa e se empenham na busca do conhecimento acerca da natureza, das origens do Universo e da vida. Há muitos que não acreditam em Deus e contestariam cada um dos itens mencionados anteriormente. Para eles, a ciência traz todas as respostas e satisfaz as questões mais profundas que perturbam, ainda hoje, a mente humana. Todavia, a persistência desses questionamentos, mesmo em face dos avanços da ciência, suscita a pergunta que não quer calar: "Por que a ciência não consegue enterrar a Deus?".[2] Faríamos bem em lembrar o que Salomão e muitos outros cientistas teístas nos dizem: o ponto de partida da sabedoria é o temor a Deus.

[1] R.C. Sproul, org., *Bíblia de estudo de Genebra*, 1. ed. (São Paulo: SBB/Cultura Cristã, 1999), p.777.

[2] Aliás, esse é o título da obra do matemático de Oxford, John Lennox, *Por que a ciência não consegue enterrar Deus* (São Paulo: Mackenzie/Mundo Cristão, 2011).

CAPÍTULO 14

UMA VISÃO CRISTÃ CRÍTICA DA TECNOLOGIA

Ora, em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de
falar. Sucedeu que, partindo eles do Oriente, deram com uma planície
na terra de Sinear; e habitaram ali. E disseram uns aos outros: Vinde,
façamos tijolos e queimemo-los bem. Os tijolos serviram-lhes de pedra,
e o betume, de argamassa. Disseram: Vinde, edifiquemos para nós uma
cidade e uma torre cujo tope chegue até aos céus e tornemos célebre o
nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda a terra. Então,
desceu o SENHOR para ver a cidade e a torre, que os filhos dos homens

edificavam; e o SENHOR disse: Eis que o povo é um, e todos têm a mesma
linguagem. Isto é apenas o começo; agora não haverá restrição para
tudo que intentam fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali a sua
linguagem, para que um não entenda a linguagem de outro.
Destarte, o SENHOR os dispersou dali pela superfície da terra;
e cessaram de edificar a cidade.

Gênesis 11.1-8

A tecnologia deixou sua marca na cultura ocidental e se tornou um sistema que permeia o mundo todo. Basta suprimi-la e toda a nossa cultura desmorona. A palavra "tecnologia" vem do grego e significa, em uma acepção bem ampla, o estudo ou a aplicação da técnica ou da arte. É usada para descrever a aplicação do conhecimento técnico e científico, e a produção de processos e materiais com esse conhecimento. Devemos à tecnologia as máquinas, os processos, os métodos e os materiais que facilitam a nossa vida e nos ajudam na resolução dos problemas que encontramos. Fica claro, portanto, por que somos tão dependentes dela.

Neste capítulo, gostaria de lembrar que muito da tecnologia atual é fruto da ciência moderna, que, por sua vez, procedeu da visão cristã do mundo, como vimos em capítulos anteriores. A cosmovisão cristã nos fala do mundo como criação de Deus e do homem como ser criado à sua imagem, e defende que o alvo maior da ciência e, consequentemente, da tecnologia é ser instrumento para o bem do homem e para a glória de Deus.

Para a cosmovisão cristã, a tecnologia é um instrumento pelo qual o ser humano cumpre a missão dada por Deus de conquistar o mundo, dominá-lo e usá-lo para proveito próprio e do próximo. A tecnologia tem trazido muitas bênçãos para a humanidade. Menciono a seguir algumas delas, citadas por

Egbert Schuurman ao longo de sua obra *Religião e tecnologia*:[1]

- A expectativa de vida aumentou.
- A canalização de esgotos e os sistemas de tratamento de água melhoram o ambiente.
- A mecanização, a automação e a robotização aliviaram os seres humanos do árduo trabalho manual e repetitivo.
- A descoberta de tratamentos médicos que curam doenças.
- A fome de muitos foi abrandada.
- Os modernos meios de comunicação nos proporcionam amplas informações e a possibilidade da educação a distância de milhares de pessoas ao mesmo tempo.

Todavia, por causa da propensão inata do ser humano ao mal, existem perigos e desafios por trás do uso da tecnologia. Aquilo que deveria ser um instrumento para o bem de todos acaba, muitas vezes, sendo usado de maneira errada.

No trecho bíblico que serve de abertura para este capítulo, temos o relato da construção da Torre de Babel. Embora para muitos se trate de uma lenda, os cristãos oriundos da Reforma Protestante e que permanecem fiéis aos seus princípios consideram histórico esse relato. Dele podemos aprender algumas coisas.

Desde cedo na história, o ser humano aprendeu a usar a tecnologia para alcançar seus desejos e construir seu mundo. No caso que estamos analisando, vemos que o homem havia aprendido a construir cidades, edifícios, torres. As descobertas arqueológicas mostram que a tecnologia é quase tão antiga quanto nossa raça.

Também desde cedo o ser humano começou a usar a tecnologia como instrumento para propósitos egoístas. O alvo dos construtores da Torre de Babel era simplesmente deixar o seu nome para a posteridade. No entanto, Deus havia mandado que eles se espalhassem por toda a terra, que a colonizassem e civilizassem (Gn 9.1,7). Num desafio claro à orientação divina, os homens de então usaram seus conhecimentos técnicos para erigir um monumento à autonomia humana.

A avaliação de Deus quanto ao que estava acontecendo foi correta: "Isto é

apenas o começo; agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer" (Gn 11.6). A história mostra quão acertada foi essa avaliação. Cada vez mais o homem supera limites e estende as fronteiras do conhecimento e da tecnologia, mas nem sempre seu objetivo é buscar o bem do próximo e garantir um futuro melhor para a humanidade.

Fica claro, portanto, que a tecnologia não é neutra. Aliás, nem poderia ser, pois sua mãe, a ciência, também não é. Por "neutra" queremos dizer isenta de preconceitos ideológicos. É evidente que nem uma nem outra estão livres da infiltração e influência de ideologias, uma vez que cientistas e técnicos são seres humanos movidos por pressupostos que antecedem suas pesquisas.

Aqui é importante mencionar o trabalho do famoso filósofo francês Jacques Ellul, que dedicou boa parte de seus esforços a mostrar que a tecnologia moderna representa uma ameaça à liberdade humana e constitui, em si mesma, uma religião. Ele afirma várias vezes em sua obra clássica, *The technological bluff* [O blefe tecnológico][2], que a tecnologia está muito longe de ser neutra e é guiada por ideologias.

A tecnologia está relacionada com o controle do mundo, que passou a ser concebido como um enorme mecanismo em que tudo pode ser ponderado e mensurado. Ela representa a possibilidade de dar forma à realidade segundo nossos anseios. Não há limites religiosos nem éticos para a busca desse controle. O limite é aquilo que é possível.

A tecnologia também se propõe a trazer prosperidade e bem-estar ao ser humano, mesmo que o preço, muitas vezes, seja pago pela natureza ou pelo próprio ser humano. Em seu livro *Religião e tecnologia*, já citado neste capítulo, Egbert Schuurman lamenta o fato de que a tecnologia não apenas ameaça o homem, mas também exaure a natureza e desintegra a sociedade humana. Ele fala das ameaças nucleares de armas e outros resíduos radioativos de centrais nucleares, do esgotamento dos recursos naturais, da extinção de muitas espécies vegetais e animais, de desmatamento, assoreamento e desertificação, com a consequente perda de solos produtivos e de alimentos ricos; fala também do esgotamento da camada de ozônio, da emissão de gases de escape com consequências de longo alcance para a vida e o clima, da destruição rápida e em larga escala da natureza, bem como da ameaça acelerada da superestimação de técnicas de manipulação genética, tendo como desdobramento a possibilidade da

clonagem e manipulação genética de seres humanos *etc.*

Existe também o risco de a tecnologia se tornar a religião do homem moderno. O tema central da conhecida obra de David Noble, *The religion of technology* [A religião da tecnologia][3], é que a tecnologia é uma religião em que o *homo tecnicus* se comporta como Deus, criando, resolvendo os problemas e assegurando o futuro. Isso porque a tecnologia é vista como a solução para todos os males e doenças do ser humano. Sua tendência é colocar a ideia de um Deus que intervém para fora do círculo da realidade. Quem precisa dele, quando a tecnologia resolve nossos problemas e assegura nosso futuro?

Nossa geração tem crescido sob o domínio da tecnologia em todas as áreas da vida. Seu impacto se dá por meio de mídias de todos os tipos sobre o estilo de vida, a sociedade em geral e a cultura. É um paradigma cultural. É um tipo de superestrutura dentro da qual muitas pessoas pensam e agem.

Há nela um significado normativo, pois as razões, os valores e as normas da nossa cultura e sociedade são derivados da tecnologia. Assim, ela também forma uma estrutura ética. A tecnologia tem impactado cada vez mais o desenvolvimento do Ocidente, deixando igualmente sua marca na atual globalização e gerando materialismo, egoísmo, desejo de controle, de poder, bem como falta de sensibilidade para com as pessoas e a natureza.

Como resultado da absolutização do pensamento tecnológico, grande parte da realidade foi perdida. O que não se enquadra no modelo tecnológico é desconsiderado ou esquecido. A geração atual cresce, então, sob o relativismo total e acaba elegendo a tecnologia como referencial utilitarista. O materialismo e o pragmatismo dos nossos dias acabam entrando na mistura, deixando-nos com uma cultura dominada por uma visão tecnoutilitarista de mundo.

Com base nisso, entendo que a tarefa dos educadores e desenvolvedores da área de tecnologia, especialmente aqueles ligados a universidades confessionais cristãs, não é deixar nossa geração à mercê dessas influências tecnológicas, sociais e éticas. A tendência para o mal, inerente à humanidade, certamente penderá a balança para o lado errado.

A visão cristã de mundo serve de fundamento para uma educação sólida, relevante, atenta às questões atuais e à tomada de decisões equilibradas e sensatas. O cristianismo entende o ser humano como um ente criado por Deus, à sua imagem, e colocado no mundo a fim de viver para a glória divina e fazer o

bem ao seu próximo. Além disso, o cristianismo compreende que a humanidade sempre tem escolhido caminhos que nos afastam de Deus e uns dos outros, por causa de nossa sede de poder. Vê também que os recursos que Deus nos deu são poderosos para fazer o bem, se cuidarmos de usá-los corretamente.

Assim, uma visão cristã da tecnologia prioriza necessidades básicas da humanidade, como vencer a fome e as doenças, promover o conhecimento e a educação. Da mesma forma, assume responsabilidade ecológica que leve à busca de tecnologias que não destruam o meio ambiente. Também coloca o foco na busca de soluções para os problemas fundamentais do ser humano, como o trabalho árduo, o sofrimento, a ignorância e a falta de educação, sem se deixar dominar pelas demandas do mercado e pelo interesse econômico. O foco são as pessoas, e não o lucro.

Segundo a visão cristã de mundo, a tecnologia deveria ser uma serva da humanidade, e não sua dominadora. Deveria ser um instrumento, e não uma religião. Dessa forma, deveria contribuir para que as pessoas conheçam melhor a si mesmas e a Deus.

Portanto, o grande desafio das universidades confessionais cristãs é preparar profissionais que, além de competentes em suas respectivas áreas de conhecimento, sejam igualmente guiados pelos referenciais morais e éticos dessa visão cristã de mundo.

[1] Egbert Schuurman, *Religião e tecnologia* (São Paulo: Mackenzie, 2006).

[2] Grand Rapids: Eerdmans, 1990, p. 34, 37, 110.

[3] New York: Penguin, 1997.

QUINTA PARTE

CRISTIANISMO E SOCIEDADE

CAPÍTULO 15

OS CRISTÃOS E A CULTURA

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis
o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o
vosso culto racional. E não vos conformeis com este século,
mas transformai-vos pela renovação da vossa mente,
para que experimenteis qual seja a boa, agradável
e perfeita vontade de Deus.
Romanos 12.1,2

O relacionamento dos cristãos com a cultura na qual estão inseridos sempre lhes representou um grande desafio. Opções como rejeitar a cultura, amoldar-se a ela, idolatrá-la ou tentar redimi-la têm encontrado adeptos em todo lugar e época. Em nosso país, com sua cultura tão rica, variada e envolvente, o desafio parece ainda maior nos dias atuais.

Existem muitas definições disponíveis e parecidas de cultura. Em geral, define-se como o conjunto de valores, crenças e práticas de uma sociedade em particular, o que abrange artes, religião, ética, costumes, maneiras de ser, divertir-se, organizar-se *etc.*

Os cristãos acrescentam um item a mais a qualquer definição de cultura, que é a sua contaminação. Não existe cultura neutra, isenta, pura e inocente. Ela sempre reflete a situação moral e espiritual das pessoas que a compõem, ou seja, é

sempre uma mistura de coisas boas, decorrentes da imagem de Deus no ser humano e da graça comum, com coisas pecaminosas, resultantes da depravação e da corrupção do coração humano. Toda cultura, portanto, por mais civilizada que seja, traz em si valores pecaminosos, crenças equivocadas e práticas iníquas que se refletem na arte, música, literatura, no cinema, nas religiões, nos costumes e em tudo mais que a compõe.

Não é de estranhar, portanto, que os cristãos que levam a Bíblia a sério sempre tenham tido uma atitude no mínimo cautelosa em relação à cultura, por perceberem nela traços da corrupção humana, ou seja, traços do mundo.

No entanto, ao mesmo tempo que a Bíblia define o mundo de maneira negativa, ela admite que existem coisas boas na sociedade, em razão do fato de o homem ainda manter a imagem de Deus — em que pese a Queda — e também em decorrência da ação de Deus na humanidade, de maneira graciosa em geral. Ele concede às pessoas, sendo elas cristãs ou não, capacidade, habilidades, perspicácia, criatividade, talentos naturais para as artes em geral, para a música — enfim, concede aquilo que chamamos graça comum. É interessante notar, por exemplo, que os primeiros fabricantes de instrumentos musicais mencionados na Bíblia aparecem no contexto da descendência de Caim (Gn 4.21), bem como os primeiros ferreiros (4.22) e fazedores de tendas (4.20). Paulo conhecia e citou vários autores da sua época que certamente não eram cristãos (Epimênides, Tt 1.12; Menander, 1Co 15.32; Aratus, At 17.28). Jesus participou de festas de casamento (Jo 2.1-11), e Paulo não desencorajou os crentes de Corinto a partilhar de refeições com seus amigos pagãos, a não ser em alguns casos que envolviam a consciência (1Co 10.27,28).

Portanto, a grande questão sempre esteve relacionada com o limite: Onde devemos traçar a linha de separação? Até que ponto os cristãos podem desfrutar deste mundo? Até onde podem se amoldar à cultura deste mundo e fazer parte dela?

É possível perceber por que, ao longo da história, a igreja cristã foi algumas vezes considerada obscurantista, reacionária, um gueto contracultural. Nem sempre seus inimigos perceberam que os cristãos, boa parte do tempo, estavam reagindo ao mundo, àquilo que existe de pecaminoso na cultura, e não à cultura em si. Quando missionários cristãos lutam contra a prática indígena de matar crianças, eles não estão querendo acabar com a cultura dos índios, mas redimi-la

dos traços que o pecado deixou nela. Eles estão lutando contra o mundo. Quando cristãos criticam Darwin, não estão necessariamente deixando de reconhecer sua contribuição para o conhecimento dos processos naturais, mas se posicionando contra a filosofia naturalista que controlou seu pensamento. Quando torcem o nariz para Jacques Derrida, não estão negando sua correta percepção das ambiguidades na linguagem, mas, sim, sua conclusão de que não existe sentido em um texto.

É preciso reconhecer que nem sempre os cristãos conseguiram fazer a distinção entre mundo e cultura. Historicamente, grupos cristãos têm sido contra a ciência, a arte, a música e a literatura em geral, sem qualquer discernimento. Todavia, esses grupos fundamentalistas não representam a postura cristã para com a cultura, nem refletem o ensino bíblico quanto ao assunto. Os reformados, em particular, caracteristicamente sempre se mostraram sensíveis às artes e viam nelas uma manifestação da graça comum de Deus para a humanidade. Sempre apreciaram a pintura, a música, a poesia e a literatura.

O grande desafio que Jesus e os apóstolos deixaram para os cristãos foi exatamente este: o de estar no mundo, ser enviado ao mundo, mas não ser dele (Jo 17.14-18). Isso implica não se conformar com o presente século, mas se renovar diariamente (Rm 12.1-3). Implica não abandonar a fé, amando o presente século, como Demas (2Tm 4.10), mas ser sal e luz neste mundo.

CAPÍTULO 16

UNIVERSIDADE, EDUCAÇÃO E CORRUPÇÃO

Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.
Romanos 3.23

Um dos temas que têm dominado o cenário brasileiro em anos recentes é a corrupção.[1] O termo tem sido usado pela mídia e pela população em geral para se referir a desvios de dinheiro público, irregularidades graves no emprego de verbas governamentais, desvios de função por parte de servidores públicos para extrair vantagens pessoais, falseamento da verdade para obter ganhos ilícitos, acordos subterrâneos e pactos ocultos, lavagem de dinheiro, tráfico de influência, bem como a outras atitudes e atividades ilegais, imorais e injustas.

Nesse cenário, é importante destacar o entendimento cristão quanto a causas e consequências da corrupção, e as atitudes possíveis com vistas a combatê-la.

O termo "corrupção", em sua acepção primária, significa deterioração ou apodrecimento. Os sentidos secundários derivam dessa ideia original. A corrupção no sentido jurídico de crime ocorre de duas formas. Toda vez que alguém "solicitar ou receber, para si ou para outrem, direta ou indiretamente, ainda que fora da função ou antes de assumi-la, mas em razão dela, vantagem indevida, ou aceitar promessa de tal vantagem" (art. 317 do Código Penal), ocorre a corrupção passiva, que se refere a crime cometido pelo funcionário público. Já quando alguém "oferecer ou prometer vantagem indevida a funcionário público, para determiná-lo a praticar, omitir ou retardar ato de

ofício" (art. 333 do Código Penal), ocorre a corrupção ativa, que se refere a crime cometido pelo corruptor.

Quase sempre associamos a corrupção a contextos estatais. Todavia, a corrupção em sentido lato (isto é, não jurídico) ocorre também na esfera particular. Há práticas corruptas em vários crimes que são cometidos ao nosso redor e mesmo em nossas próprias ações. Por exemplo: existência de "caixa dois" em empresas, uso de pessoas como "laranjas" em negócios irregulares, compra e venda de produtos pirateados, uso de softwares sem a permissão dos seus proprietários, pedido e/ou concessão de notas em atividades escolares com base na amizade ou outras formas de relacionamento. Nesse sentido, o conhecido "jeitinho brasileiro", numa análise objetiva e séria, nada mais é do que simplesmente uma prática corrupta.

A corrupção pode parecer ter um lado bom, em especial para os que aparentemente se beneficiam dela. Todavia, não podemos fechar os olhos para o grande mal que acarreta. Ela é fator de injustiça social, pois subtrai os direitos de muitos, impede o desenvolvimento justo e equânime dos cidadãos, produz um efeito cascata que começa no topo e corrompe a população como um todo, anestesia a consciência, afronta a lei e promove a impunidade. Além disso, frustra a motivação dos que buscam recompensas materiais por meios legítimos de conduta, em vista do enriquecimento questionável e rápido de alguns.

Não raramente, ainda, a rede formada por pessoas corruptas se vale de ações violentas para acobertar suas mazelas. Portanto, nada há que realmente justifique a corrupção.

Em geral, as fragilidades das estruturas políticas, jurídicas e financeiras são apontadas como a causa da corrupção estatal. Embora existam de fato causas externas que propiciam a corrupção, não se pode negar que o problema reside, em última análise, dentro das pessoas. A corrupção é vista pela fé reformada como algo que tem origem primariamente no coração humano. A Bíblia afirma que não há sequer uma pessoa justa neste mundo. "Todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3.23). Jesus Cristo disse que é do coração das pessoas que procedem "maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias" (Mt 15.19). Quando a causa é identificada, há condições de buscar o remédio adequado.

Aqui se percebe a insuficiência de éticas humanistas reducionistas, que

analisam apenas aspectos sociológicos e políticos da corrupção. Como resultado, as propostas de "redenção" feitas por determinado partido político ou candidato contemplam, em geral, apenas medidas repressivas, melhorias na educação e uma legislação melhor. Essas medidas, mesmo sendo necessárias e boas, deixam de contemplar a dimensão pessoal do problema: o egoísmo, a maldade, a avareza, a inveja e a cobiça. O protestantismo reformado prega uma conversão interior de governantes e governados a Deus, e conclama que todos se arrependam do mal e pratiquem obras de justiça.

Por que, apesar de todos os esforços em combatê-la, a corrupção continua tão forte em anos recentes? Podemos pensar em várias respostas para essa indagação pertinente. A primeira é a sua banalização. Há hoje divulgação maior dos casos de corrupção e de impunidade dos corruptos do que havia no passado. E, ao que parece, isso tem levado a sociedade a certo grau de indiferença quanto à sua gravidade.

Uma segunda explicação é que existe na sociedade brasileira, por parte de muitos, certa cumplicidade nas práticas corruptas, o que os leva, portanto, ao silêncio. E, embora as pessoas condenem os políticos e os empresários corruptos, muitas delas também praticam a corrupção em nível pessoal, transgredindo a lei de direitos autorais, valendo-se de suborno, driblando a legislação tributária, entre outros possíveis exemplos, que realimentam e disseminam essas práticas.

No entanto, apesar de estar tão profundamente enraizada no ser humano e na sociedade, a corrupção tem sido combatida em todas as épocas. Mais recentemente, isso tem sido feito em nosso país pela chamada operação "Lava Jato", com resultados muito positivos. Segundo a visão cristã de mundo, a razão pela qual os seres humanos não conseguem conviver tranquila e passivamente com a corrupção é que foram criados à imagem de Deus, um Deus que está agindo sempre neste mundo. Essa ação divina no mundo em geral é chamada *graça comum* (ou seja, graça concedida a todos). Segundo esse conceito, Deus abençoa a humanidade em geral com virtudes e qualidades, independentemente das convicções religiosas das pessoas. Além disso, Deus instituiu os governos não somente para promover a justiça e o bem comum, mas também para punir os malfeitores e os corruptos (Rm 13.1-7).

No Brasil, os principais órgãos responsáveis pelo combate à corrupção estatal são o Tribunal de Contas da União (TCU), órgão que fiscaliza o dinheiro e os

bens públicos da União, bem como todos os tribunais de contas que operam em nível estadual e municipal; a Controladoria Geral da União (CGU), órgão que responde pelo Brasil perante a Convenção das Nações Unidas contra a Corrupção; e, com exposição recente mais ampla, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), órgão destinado a preservar a transparência institucional e administrativa do Poder Judiciário, que apontou o fato de que, infelizmente, ninguém é imune à corrupção e seus efeitos danosos, nem mesmo juízes.

Embora existam no Brasil diversos órgãos federais, estatais e municipais destinados a combater a corrupção, esse combate cabe também à população. A sociedade deve agir e cobrar medidas públicas contra a corrupção. É seu dever reafirmar o repúdio à prática, enfatizar a necessidade de transparência nas contas públicas, apoiar as iniciativas civis no combate aos desmandos e promover a ética no trato das questões públicas. Na esfera eclesiástica, em que caberia o maior exemplo, é preciso também que se repudiem as práticas financeiras desonestas de muitas igrejas.

Neste ponto, ressaltamos o papel das universidades confessionais. Uma instituição de ensino que se pauta pelos princípios da visão cristã de mundo poderá contribuir de diversas maneiras para que a corrupção seja combatida e, ao menos, reduzida. Com relação às suas causas externas, essa instituição deve se comprometer com o ensino e a transmissão de valores cristãos, tais como honestidade, integridade, verdade, justiça e amor ao próximo. Vale dizer que também somos responsáveis por uma boa mordomia dos recursos que Deus nos confiou. Portanto, as instituições confessionais devem ter um interesse redobrado sobre o entrelaçamento da ética com a formação acadêmica, como uma das armas contra a corrupção em nossa sociedade.

Com relação à causa interna, que é a corrupção da mente e do coração humanos, a instituição confessional cristã deve sempre lembrar a seus alunos que somos responsáveis por nossos atos e que não podemos responsabilizar a sociedade, o governo e os outros pelos nossos desvios de conduta. Ela também deve anunciar, sempre respeitando a consciência de todos, que Deus em Jesus Cristo nos oferece perdão pelos nossos desvios e uma mudança interior, dando-nos uma nova orientação e esperança ao assumirmos como alvo amar a Deus e ao próximo. Cultivamos, assim, uma expectativa realista de mudança, sabendo que o nosso trabalho não é vão diante de Deus (1Co 15.58).

Por fim, o cristianismo reconhece que não é possível a existência de uma sociedade que seja completamente isenta da corrupção. Nossa esperança é o mundo vindouro, escatológico, a ser inaugurado com o retorno de Jesus Cristo, quando as causas da corrupção serão removidas para sempre. Mas isso não significa que não devemos lutar com todas as nossas forças para que os valores do reino de Deus sejam implantados neste mundo, por meio de uma boa educação integral, que contemple não somente a formação intelectual e profissional, mas também a formação de cidadãos éticos e compromissados com os valores morais que servem de base para famílias e sociedades sólidas e justas.

[1] Este capítulo é baseado no texto da Carta de Princípios da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de 2012, também de minha autoria.

SEXTA PARTE

DEUS E ATEÍSMO

CAPÍTULO 17

O DESAFIO DA ACADEMIA PARA OS JOVENS CRISTÃOS

Os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder,
como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem,
desde o princípio do mundo, sendo percebidos
por meio das coisas que foram criadas.
Romanos 1.20

Considerando estatísticas disponíveis sobre o perfil religioso do brasileiro, [1] podemos supor que um grande número de jovens cristãos entra nas universidades a cada novo vestibular. Os evangélicos representam perto de 25% da população brasileira, e a igreja evangélica no Brasil é conhecida no exterior por ser uma igreja jovem, com grande número de pessoas jovens professando a fé em Jesus Cristo.

Todavia, os anos de experiência na academia, em contato com os jovens cristãos e seus problemas, ensinaram-me que muitos deles são abalados em sua fé durante o tempo da universidade. Números de uma pesquisa feita nos Estados Unidos pelo renomado Instituto Barna, em novembro de 2011,[2] entre jovens que nasceram em lares cristãos e deixaram de frequentar suas igrejas, confirmam minha percepção. Guardadas as devidas proporções, acredito que esses números também refletem de maneira geral a realidade brasileira.

De acordo com a pesquisa americana, um em cada dez alunos perde a fé quando entra na universidade e se torna ateu ou agnóstico. Quatro em cada dez deixam de frequentar a igreja, embora ainda se considerem cristãos. Dois em cada dez assumem uma frequência irregular à igreja, incertos de como relacionar sua fé com a sociedade e o mundo. E três em cada dez jovens criados na igreja permanecem firmes na sua fé, durante o período da universidade.

A pesquisa do Instituto Barna identificou alguns fatores que contribuíram para que somente 30% dos jovens permanecessem firmes em suas convicções. Apenas uma pequena minoria de jovens cristãos havia sido ensinada a pensar sobre questões de fé, chamado e cultura. Menos de um em cada cinco tinha alguma ideia de como a Bíblia deveria informar seus interesses escolares e profissionais. E a maioria não tinha mentores adultos nem amizades significativas com cristãos mais velhos, que pudessem orientá-los ao responder às inevitáveis questões que surgem no decorrer dos estudos universitários.

Em outras palavras, de acordo com o Instituto Barna, o ambiente universitário não costuma causar a desconexão, apenas expõe o problema da fé rasa de muitos jovens discípulos. Muitos deles já haviam se desconectado emocionalmente do cristianismo antes dos dezesseis anos de idade. Quando entram na universidade, a pressão dos colegas, a influência de professores ateus ou agnósticos e o ambiente geral da academia, altamente influenciado pelo naturalismo filosófico, terminam por sepultar o que antes já era uma fé moribunda.

Ao entrarem na universidade, os jovens cristãos deveriam estar preparados para os desafios que a incredulidade generalizada representa para suas convicções. O que torna esse desafio tão grande é que a incredulidade vem, muitas vezes, travestida de ciência. O jovem cristão deveria permanecer consciente dos limites da ciência — ela se pronuncia sobre a realidade visível e mensurável, mas não pode definir os limites da realidade. O materialismo, que hoje é o pressuposto maior de muitos que fazem ciência, sempre produzirá modelos reducionistas da realidade. Esses jovens deveriam também se lembrar de que o problema não é a ciência, mas, sim, a filosofia materialista e naturalista que domina a academia hoje — ideologia esta oriunda do Iluminismo e do racionalismo. Como já vimos em outros capítulos, diversos ramos da moderna ciência tiveram como fundadores ou divulgadores cientistas cristãos como Louis Pasteur, Isaac

Newton, Johannes Kepler e Robert Boyle, para mencionar uns poucos.

Outro ponto a lembrar é que, mesmo na academia, sempre houve cientistas de renome que não viam conflito entre sua fé e seu labor científico, como podemos constatar em suas declarações a respeito de sua crença em Deus. Entre eles, há vários ganhadores de prêmios Nobel, como, por exemplo, Max Planck (1858-1947), ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1919; Albert Einstein (1879-1955), ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1921; Werner Heisenberg (1901-1976), ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1932; Nevill Mott (1905-1996), ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1977; Arthur L. Schawlow (1921-1999), ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1981; William Daniel Phillips (1948-), ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1997.

Para os cristãos, Deus é a melhor explicação para determinados aspectos de nossa vida e da realidade que nos cerca, tais como a origem do mundo, da vida e da inteligência; o propósito e a intenção (*design*) que se percebe na natureza; a complexidade da realidade; a existência de ordem e coerência no Universo; a realidade da moralidade, da ética e dos valores humanos, e nosso anseio por perdão. Podemos ver exemplos disso nas declarações dos seguintes cientistas:

> Arthur Holly Compton (1892-1962), ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1927: "Para mim, a fé começa com a constatação de que uma inteligência suprema chamou o Universo à existência e criou o homem. Não me é difícil crer nisso, pois é inegável que, onde há um plano, há também inteligência — um Universo ordenado e em desdobramento atesta a verdade da declaração mais poderosa que jamais foi proferida: 'No princípio Deus criou' [Gn 1.1]".[3]

> Antony Hewish (1924-), ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1974: "Eu creio em Deus. Não faz o menor sentido para mim supor que o Universo e nossa existência são apenas um acidente cósmico, que a vida emergiu por processos aleatórios em um ambiente que apenas por acaso tinha as propriedades certas".[4]

Atualmente há muitos cientistas de renome que professam acreditar no Deus da Bíblia, como Francis Collins, diretor durante quinze anos do projeto Genoma, que mapeou o DNA humano em 2001. Alvo de críticas de seus colegas, cuja maioria negava a existência de Deus, Collins lançou como resposta em 2006, nos Estados Unidos, o livro *A linguagem de Deus*, com o seguinte subtítulo no original: "Um cientista apresenta evidências para a fé".[5] Nas quase 300 páginas da obra, o biólogo conta como deixou de ser ateu para se tornar cristão protestante aos 27 anos, e narra as dificuldades que enfrentou no meio acadêmico ao revelar sua fé.

Por fim, gostaria de dizer que a grande verdade é que muitos dos que tentam desconstruir a fé em Deus em nome do cientificismo e do conhecimento não têm nada melhor para colocar no lugar.

Termino este capítulo, todavia, com uma nota positiva. Nestes anos de contato com a academia, vi também jovens que encontraram Deus na universidade. Na grande maioria dos casos, a conversão se deu por meio de colegas cristãos ou do interesse despertado pela leitura da Bíblia. Nesse sentido, o ideal para as universidades confessionais é que elas sejam um ambiente em que fé e ciência possam coexistir, e assim evitem se tornar um cemitério para as convicções cristãs.

[1] O autor se refere à pesquisa global do Instituto Gallup sobre religião e ateísmo, publicada em 2012 e já comentada por ele na abertura do capítulo 11 desta obra. (N. do E.)

[2] Disponível em: https://www.barna.com/research/five-myths-about-young-adult-church-dropouts/, acesso em: abr. 2019.

[3] Citado no *Chicago Daily News*, seção "Magazine", 12 abr., 1936.

[4] Citado em Tihomir Dimitrov, comp., *50 Nobel laureates and other great scientists who believe in God*, p. 29, disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/e39414_5de0a1dbf30c2f203b135b2b619f17b1.pdf, acesso em: abr. 2019.

[5] Francis S. Collins, *A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que ele existe* (São Paulo: Gente, 2007).

CAPÍTULO 18

O MUNDO FAZ SENTIDO?

Há caminho que parece direito ao homem,
mas afinal são caminhos de morte.
Provérbios 16.25

A afirmação do sábio Salomão, rei de Israel e famoso pesquisador judeu da Antiguidade, reflete sua constatação de que muitos nesta vida não encontram sentido ou significado para sua existência nem razão de ser para as coisas, por esse motivo acabam tomando decisões e seguindo rumos que terminam na própria ruína.

A questão quanto a se existe ou não sentido ou significado na existência é muito antiga. As posições a esse respeito geralmente têm sido estas duas: de um lado, temos os que acreditam na existência de um Deus poderoso e bom, que tudo criou com um plano e um objetivo, e que orienta o mundo e a humanidade de acordo com isso. Segundo essa perspectiva, existe uma finalidade última e maior para cada pessoa, cada evento e cada circunstância, embora nem sempre isso seja claramente perceptível. Uma versão não religiosa dessa visão é a daqueles que acreditam em destino, sorte e azar como forças impessoais que guiam o curso da história e dos indivíduos. Do outro lado, há os que acreditam que as coisas acontecem ao mero acaso, num redemoinho de eventos desconectados entre si, num mundo regido por leis naturais cegas, impessoais e sem qualquer propósito final.

Essa última posição tem influenciado grandemente a mentalidade e a maneira de ver o mundo da nossa geração, criando, entre outras coisas, um vácuo de sentido e a fragmentação da realidade.

Aliás, uma das bandeiras do famoso intelectual francês Edgar Morin é a fragmentação do conhecimento na educação. Segundo entrevista concedida por ele em 2003,

> … o sistema educativo fragmenta a realidade, simplifica o complexo, separa o que é inseparável, ignora a multiplicidade e a diversidade […] As disciplinas como estão estruturadas só servem para isolar os objetos do seu meio e isolar partes de um todo. Eliminam a desordem e as contradições existentes, para dar uma falsa sensação de arrumação. A educação deveria romper com isso mostrando as correlações entre os saberes, a complexidade da vida e dos problemas que hoje existem.[1]

Concordamos totalmente com a avaliação de Morin. E gostaríamos de ir mais além e dizer que, em nossa opinião, a fragmentação que experimentamos na educação é mero reflexo da fragmentação da realidade que permeia a mentalidade do homem moderno, a qual, por sua vez, tem origem no conceito, amplamente difundido pelo cientificismo moderno e por alguns ramos da filosofia, de que o mundo não tem sentido.

Começando pelos filósofos epicureus até os defensores do niilismo em nossos dias, sempre houve quem defendesse que vivemos num mundo governado pelo acaso, em que as coisas acontecem sem qualquer razão aparente ou real, num redemoinho constante de eventos totalmente desconectados em que o acaso reina soberano.

Hoje, com a alegação de muitos cientistas de que a ciência já provou que o Universo é um sistema fechado, com causas e efeitos governados por leis cegas e mecânicas, a ideia de que existe significado e sentido na história, na realidade e, consequentemente, na existência acabou ficando relegada aos círculos religiosos — nos quais prevalece a crença em um Deus que criou todas as coisas e conduz sua criação de acordo com um propósito bom, embora muitas vezes imperceptível ao olhar humano.

Todavia, uma leitura desprovida de receios quanto às implicações de admitir que existe sentido na realidade — entre os motivos, pela existência de um Deus — poderá nos levar a ver que existem traços de propósito e sentido em tudo que nos rodeia e toca. O materialismo produz uma visão de mundo reducionista, a qual restringe a existência humana a meras trocas físico-químicas de átomos ao acaso, fechados num Universo em que não há razão para nossa existência nem sentido para a vida. Dessa forma, ele nos defrauda de privilégios que se

encontram enraizados no mais profundo de nosso ser e que clamam por ser libertados, como o apreciar o belo, encontrar realização na transcendência, fazer o bem, amar sem querer nada em troca e ter satisfação em aprender e descobrir pelo que isso significa em si.

No fundo, o que está em jogo é a existência ou não de Deus, e que tipo de Deus existe. Os que não querem acreditar que ele existe terão necessariamente de optar pela visão reducionista e niilista da realidade, e se conformar em ver a si mesmos como meros subprodutos de um processo cego inexorável, que caminha para lugar nenhum, no qual não existe misericórdia, perdão, bondade nem qualquer sentido para a vida.

Em contrapartida, crer na existência de um Deus poderoso e bondoso que se interessa por nós, longe de nos alienar da realidade, dá-nos a perspectiva necessária para reconhecer que a vida faz sentido e tem um propósito. E, dessa maneira, poderemos encontrar aquele fio da meada que, como um tema transversal, dá coesão e unidade à realidade e, consequentemente, à educação.

1 Entrevista concedida ao site *Nova Escola*, disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/894/edgar-morin-aescola-mata-a-curiosidade, acesso em: fev. 2019.

CAPÍTULO 19

A QUESTÃO FUNDAMENTAL

Todas as coisas foram feitas por intermédio dele,
e, sem ele, nada do que foi feito se fez.
João 1.3

A melhor maneira de entender corretamente uma situação ou um problema é reduzi-los aos seus pontos básicos e essenciais. É fazer as perguntas corretas em vez de perder tempo em discussões periféricas sobre pontos secundários. Quero trazer esse princípio para o antigo debate acadêmico acerca da vida, do Universo e do ser humano, que é o debate sobre as origens de todas as coisas. Todos nós tiraríamos maior proveito e entenderíamos melhor esse debate se pudéssemos reduzir as questões e pontos polêmicos a um denominador comum, a uma ou duas perguntas que representassem o fulcro da questão.

Acredito que, em vez de ficarmos discutindo a idade da Terra, o processo pelo qual a seleção natural operou ou em que medida Deus colaborou ou não com esse processo, deveríamos nos concentrar na questão que é realmente fundamental: A natureza é tudo que existe? Ela, por si mesma, pode explicar o surgimento e o funcionamento de todas as coisas? A vida surgiu por meio de processos naturais, não direcionados e sem um propósito?

Se as respostas forem positivas, então o Universo deve ser mesmo visto como um sistema fechado em que todas as coisas surgiram e se explicam da perspectiva de causa e efeito naturais e acontecimentos ao acaso. E, nesse caso, as ciências deveriam aceitar apenas teorias naturalistas e rejeitar *a priori* aquelas que sugerem a intervenção de causas metafísicas, inteligentes e sobrenaturais para a realidade.

Se, porém, considerarmos que a natureza não é tudo que existe — e essa é a

crença de 90% da população mundial, haja vista a pequena proporção de ateus neste mundo —, não deveriam as ciências considerar *quaisquer* teorias que explicassem de forma adequada a realidade, "até mesmo uma que invoque a ação de um ser inteligente?", pergunta Nancy Pearcey na apresentação do livro *As perguntas certas*, de Phillip Johnson.[1]

O retorno ao ponto mais fundamental desse assunto poderia nos levar a fazer as perguntas certas e estar abertos para respostas plausíveis e coerentes com a crença na existência de um Deus criador de todas as coisas.

No fundo, a questão das origens, da vida, das ciências resume-se a uma decisão entre duas maneiras fundamentais de entender a realidade. Foi a matéria que deu origem à inteligência, ou foi a inteligência que deu origem à matéria? De um lado, temos a cosmovisão que entende o mundo e tudo que nele existe como o resultado de um processo longo e cego, sem propósito definido, que se encaminha pela seleção natural para um destino imprevisível. Por meio desse processo, a matéria produziu vida inteligente. Do outro lado, temos a cosmovisão de que o Universo e as coisas que o constituem são o resultado da ação inteligente e proposital de um Deus pessoal, todo-poderoso e sábio. Ele é a inteligência por detrás do surgimento do mundo material. Não é importante nem essencial saber como ele operacionalizou o mundo e como o desenvolve. O importante é que, partindo do pressuposto de que a natureza não é tudo que existe, essa visão está aberta para teorias e hipóteses que levam Deus em conta na pesquisa e no estudo.

A visão de que a natureza não é tudo que existe nos coloca novamente diante das questões mais importantes da existência: quem somos, de onde viemos, o que estamos fazendo aqui e para onde vamos — questões que precisam ser respondidas à luz da existência de Deus.

Instituições de ensino confessionais que se guiam pela cosmovisão cristã não deveriam adotar uma visão naturalista de mundo, reducionista em sua essência, que se fecha para pesquisas e estudos que levam em conta o transcendente e o metafísico. Com competência e abertura, elas deveriam guiar seu labor acadêmico sempre levando em conta os valores da fé e da visão cristã de mundo.

[1] São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

SÉTIMA PARTE

ÉTICA

CAPÍTULO 20

OS VALORES DA ÉTICA

Como [o homem] imagina em sua alma, assim ele é.
Provérbios 23.7

A passagem em destaque reflete uma verdade fundamental da vida e da existência: nós somos e agimos de acordo com aquilo em que acreditamos. Esse ponto é fundamental para podermos entender a principal diferença entre a maneira cristã de ver o mundo e a de outras cosmovisões, em particular no que tange à ética ou à tomada de decisões.

Todos nós tomamos, diariamente, dezenas de decisões para resolver questões relacionadas com nossa vida e a de nossos semelhantes.

Ninguém faz isso no vácuo.

Com o surgimento do cientificismo naturalista e racionalista, pensava-se que era possível pronunciar-se sobre determinado assunto de forma inteiramente objetiva, isto é, isenta de quaisquer preconcepções. Hoje, ficou mais claro o que os mais antigos já sabiam antes da chegada desse cientificismo: é impossível entendermos a realidade e nos expressarmos sobre ela sem sermos influenciados por aquilo em que cremos.

Quando elegemos determinada solução em detrimento de outra, nós o fazemos baseados num padrão, num conjunto de valores e noções de certo ou errado. A isso chamamos ética: o conjunto de valores ou padrões por meio dos quais uma pessoa entende o que é certo ou errado e toma decisões.

Cada um de nós tem um sistema de valores interno o qual consulta (embora nem sempre, a julgar pela incoerência de muitas de nossas decisões!) no processo de fazer escolhas. Ainda que não estejamos sempre conscientes dos valores que

compõem esse sistema, eles estão lá, influenciando decisivamente nossas opções.

Os estudiosos do assunto em geral agrupam os sistemas éticos de acordo com seu princípio orientador fundamental. A chamada ética humanista toma o ser humano como seu princípio orientador, seguindo o axioma de Protágoras: "O homem é a medida de todas as coisas". Como uma das manifestações dessa ética, temos o hedonismo, o qual ensina que o certo é aquilo que é agradável ao próprio praticante da ação. Com frequência, somos motivados em nossas decisões pela busca secreta do prazer. O individualismo e o materialismo modernos são formas atuais de hedonismo.

Já a ética utilitarista tem como princípio orientador o que for útil para o maior número de pessoas. O nazismo, que dizimou milhões de judeus em nome do que era útil, demonstrou que, na falta de quem decida com mais precisão o sentido de "útil", esse princípio orientador acaba por justificar os interesses de poderosos inescrupulosos e o egoísmo dos indivíduos.

A ética existencialista, por sua vez, defende que o certo e o errado são relativos à perspectiva do indivíduo e que não existem valores morais ou espirituais absolutos. Seu princípio orientador garante que o certo é ter uma experiência, é agir — o errado é vegetar, ficar inerte. O existencialismo é o sistema ético dominante na sociedade moderna, que tende a validar eticamente atitudes tomadas com base na experiência individual.

A ética naturalista toma como base o processo e as leis da natureza. O certo é o natural — a natureza nos dá o padrão a ser seguido. Em uma primeira observação, a natureza ensina que somente os mais aptos sobrevivem e que os fracos, doentes, velhos e debilitados tendem a cair e desaparecer à medida que a natureza evolui. Logo, tudo o que contribuir para a seleção do mais forte e a sobrevivência do mais apto é entendido como correto. Em uma sociedade cuja elite intelectual e a mídia estão dominadas pela visão do evolucionismo darwinista, não foi difícil para esse tipo de ética encontrar lugar. Cresce a aceitação pública do aborto (em caso de fetos deficientes) e da eutanásia (pois elimina doentes, velhos e inválidos). Não são poucos os historiadores que nos alertam que a busca da raça perfeita pelo nazismo, à custa da eliminação das raças tidas como inferiores, partiu da visão evolucionista.

Os cristãos entendem que éticas baseadas exclusivamente no homem e na natureza são inadequadas, porque não fornecem base sólida para justificar a

misericórdia, o perdão, o amor e a preservação da vida. Além disso, estão em constante mudança e não têm como oferecer um paradigma duradouro e sólido. Por fim, tanto o ser humano quanto a natureza, no estado em que hoje se encontram, estão profundamente afetados pelos efeitos da entrada do pecado no mundo. Eles não podem nos servir de referencial ético.

A ética cristã, por sua vez, parte de diversos pressupostos associados ao cristianismo histórico. Tem como fundamento principal a existência de um único Deus, criador dos céus e da terra. Vê o ser humano não como fruto de um processo natural evolutivo (o que o eximiria de responsabilidades morais), mas como criação de Deus, diante de quem é responsável moralmente.

Essa ética cristã entende que o ser humano pecou, afastando-se de Deus. Como tal, não é moralmente neutro, mas naturalmente inclinado a tomar decisões movido, acima de tudo, pela cobiça e pelo egoísmo (pois, por natureza, o ser humano segue uma ética humanista ou naturalista). Acredita, porém, na possibilidade de mudança de orientação por meio da transformação da natureza humana pela intervenção sobrenatural de Deus em seu coração, mediante a fé em Jesus Cristo.

Segundo a visão da ética cristã, a vontade de Deus para a humanidade encontra-se na Bíblia, que revela os padrões morais de Deus, como os que encontramos nos Dez Mandamentos e no Sermão do Monte. Mais que isso, ela nos revela o que Deus fez para que o ser humano pudesse vir a obedecer-lhe.

A ética cristã, portanto, é o conjunto de valores morais baseados nas Escrituras Sagradas, pelos quais o homem deve regular sua conduta neste mundo, diante de Deus, do próximo e de si mesmo. Universidades confessionais que professam o cristianismo histórico deveriam entender os valores e as crenças que estão por trás dos processos decisórios e dos alvos da instituição, e guiar seus labores acadêmicos e administrativos pelos valores do cristianismo.

CAPÍTULO 21

A CONTRIBUIÇÃO DA UNIVERSIDADE PARA A ÉTICA NA POLÍTICA

Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há
autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades
que existem foram por ele instituídas.
Romanos 13.1

A expressão "ética na política" transmite o desejo de que o poder político seja exercido da forma correta e para os fins legítimos. Ela ganhou muita atenção recentemente em nosso país diante de denúncias de corrupção envolvendo pessoas públicas de diferentes níveis de autoridade. Em decorrência, muitas propostas e movimentos em favor da ética na política têm surgido.[1]

O que se percebe claramente num primeiro olhar sobre a ética na política é a necessidade de referenciais seguros e consistentes, nos quais os apelos à moralização sejam fundamentados. Toda ética pressupõe um conjunto de valores com base nos quais se tomam decisões. Todavia, desconstruída pelo relativismo moral e pelo individualismo de nossos dias, a ética na política parece carecer de fundamentos coerentes que lhe permitam fazer pronunciamentos morais e moralizantes. Qual é a base para clamar por honestidade, sensibilidade, verdade,

sinceridade, integridade e altruísmo na política, se estes são conceitos considerados relativos e subordinados ao pragmatismo individualista, segundo a mentalidade de nossa época? Qual é a base para clamar em prol dos oprimidos, excluídos e dos sem nada em nosso país, se o ser humano é visto como fruto do meio e da seleção natural, segundo a qual sobrevivem os mais aptos (leia-se, os mais espertos), independentemente dos meios de que se utilizam para isso?

Em grande parte, esse vácuo de absolutos foi gerado pela secularização gradual das culturas e do Estado, e pelo abandono dos valores morais e espirituais do cristianismo no Ocidente, os quais um dia serviram de fundamento para o surgimento das políticas democráticas. O humanismo materialista, centrado no homem, não tem conseguido produzir um sistema de valores abrangente que possibilite um chamado coerente à ética na política. Entendemos que a ética cristã está fundamentada em princípios e valores revelados por Deus nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos, a Bíblia, e que, portanto, oferece uma visão unificada e coerente da vida e um apelo consistente à moralização do Estado. Quando na história, antiga e moderna, governantes e regimes despóticos e totalitários reivindicaram fundamentação no cristianismo para suas barbáries, estavam, na realidade, deturpando o ensinamento do cristianismo bíblico e histórico.

A força política do protestantismo reformado fundamenta-se em diversas premissas ensinadas na revelação bíblica sobre Deus e sobre o ser humano. São elas: a igualdade de todos os homens diante de Deus; a vocação individual de cada ser humano por Deus; a doutrina do sacerdócio universal de todos os cristãos genuínos, a qual entende que a autoridade deve ser exercida como uma delegação concedida por Deus ao povo, e do povo aos governantes; a doutrina da autoridade das Sagradas Escrituras, a Bíblia, que despertou o povo para estudar, instruir-se e assim gerir seus destinos; e o ensino de que as autoridades políticas são constituídas por Deus e respondem diante dele pelo exercício do poder. Como afirma o estudioso francês André Biéler, em seu livro *A força oculta dos protestantes*:

> A democracia não consegue instalar-se nem permanecer lá, onde as premissas religiosas ou filosóficas profundas das populações são estranhas aos princípios evangélicos, iluminados pelo cristianismo reformado.[2]

O principal conceito da visão reformada quanto à política é que somente

Deus tem poder absoluto. Desse conceito decorrem vários princípios que moldam a visão reformada da política e apontam o caminho da ética. Mencionamos a seguir alguns deles.

Primeiro, a fé reformada faz a clara distinção entre igreja e Estado, mas vê toda autoridade como procedente de Deus (Rm 13). Os governantes são vistos como servos de Deus neste mundo para, por meio da política e do exercício do poder, promover o bem comum, recompensar os bons e punir os maus. Como tais, haverão de responder diante de Deus pela corrupção na política, pela insensibilidade e pelo egoísmo. A visão do cargo político como delegação divina desperta no povo o devido respeito pelas autoridades, mas, ao mesmo tempo, produz nas autoridades o senso crítico do dever.

Segundo, a fé reformada resiste ao conceito da soberania absoluta do Estado, "um produto do panteísmo filosófico alemão", conforme nos diz Abraham Kuyper em *Calvinismo*,[3] como também resiste ao conceito da soberania absoluta do povo, conforme defendido pela Revolução Francesa. O poder reside em Deus. Tanto o poder do Estado quanto o do povo são delegados por ele com o intuito da organização da humanidade. Como consequência, a fé reformada defende que nenhum ser humano tem poder sobre outro, a não ser quando delegado por Deus, ao ocupar uma função de autoridade. Dessa forma, a fé reformada se levanta contra toda opressão política à mulher, ao pobre e ao estrangeiro; contra todo sistema político que produza escravidão; contra o conceito de castas e a distinção entre sacerdotes e leigos. Luta para que cada pessoa seja reconhecida e tratada, política e socialmente, como uma criatura feita à imagem de Deus.

Terceiro, já que o poder não é intrínseco ao ser humano, mas, sim, uma delegação divina, deve-se resistir a quem exerce o poder político em desacordo com a vontade de Deus. A vontade divina para os governantes se encontra claramente expressa na Bíblia, como, por exemplo, nos Dez Mandamentos. Entre eles encontramos proposições como "não furtarás", "não dirás falso testemunho", "não matarás". Essas proposições refletem absolutos éticos, presentes em todas as civilizações, em razão de todos os seres humanos carregarem em sua constituição a imagem e semelhança de Deus — com maior ou menor precisão, por causa da imperfeição moral existente na humanidade. Nenhum governante tem imunidade contra a Lei de Deus. Na tradição protestante reformada, resistir à corrupção na política é dever de todos e também

a vontade de Deus para cada cristão verdadeiro.

Quarto, outro conceito fundamental da visão reformada é que a humanidade se encontra em um estado de queda moral e espiritual, sendo em princípio inclinada a fazer o mal antes de fazer o bem. Em decorrência disso, mais dois princípios norteadores da ética na política se seguem. Um deles é o entendimento da política como uma necessidade diante da situação de queda moral. Foi por esse motivo que Deus instituiu os magistrados. É imprescindível que haja autoridade para reprimir a injustiça, proteger os inocentes, socorrer os oprimidos e promover o bem-estar dos cidadãos. A política, como ciência de governar, torna-se indispensável para que os governantes exerçam sua função com verdade e justiça. A fé reformada acata os poderes constituídos e se submete a eles, embora negue ao Estado o direito de se imiscuir em matérias de religião. Reconhece a necessidade do exercício da autoridade, mas jamais ao custo da liberdade de consciência, dom precioso de Deus.

O outro princípio norteador da ética na política é que a corrupção na política tem origem primariamente no coração dos seres humanos. A Bíblia afirma que não há sequer uma pessoa justa neste mundo. "Todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3.23). Jesus Cristo disse que é do coração dos seres humanos que procedem "maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias" (Mt 15.19). Quando a causa é identificada, há condições de se buscar o remédio adequado. Aqui é possível perceber a insuficiência das éticas humanistas reducionistas, que analisam apenas aspectos sociológicos e antropológicos da corrupção na política, mas deixam de incluir em sua análise aspectos da dimensão pessoal decorrentes da Queda: o egoísmo, a maldade, a crueldade, o despotismo, a avareza, a inveja, a cobiça.

Por fim, o conceito de graça comum (ou seja, a que é concedida a todos) ensina que há princípios gerais que, se seguidos e aplicados, produzirão a ética na política. Segundo esse conceito, Deus abençoa a humanidade em geral com virtudes e qualidades, independentemente das convicções religiosas e políticas das pessoas. É por esse motivo que encontramos quem se professa cristão e não tem ética, e encontramos a ética sendo aplicada por quem não se declara cristão. Ao reconhecer a graça comum de Deus, o protestantismo reformado entende que o caminho para a ética na política não é necessariamente converter todos ao cristianismo, nem é colocar em cargos políticos quem se professa cristão, mas,

sim, contribuir para que os princípios mencionados sejam reconhecidos e exercidos por todos, independentemente da convicção religiosa.

O protestantismo reformado, desde o seu início, foi uma das forças geradoras da democracia moderna, com seu espírito revolucionário, defensor da liberdade e desafiador das estruturas religiosas, sociais e políticas que escravizam o ser humano. As inúmeras universidades reformadas que nasceram após a Reforma Protestante nos países que a abraçaram, como Suíça, Inglaterra, Holanda, Escócia, Hungria e, posteriormente, os Estados Unidos, tornaram-se centros difusores dos princípios da Reforma, quer pela produção e pelo ministério de seus docentes, quer pela formação de centenas e centenas de cidadãos imbuídos desse mesmo espírito. Podemos mencionar, entre elas, as universidades de Genebra, Harvard, Yale, Princeton e a Universidade Livre de Amsterdã. Nelas, foram estudados e transmitidos os princípios e valores cristãos que serviram de base para a formação de uma consciência ética na política desses países. Muitos dos grandes estadistas, chefes políticos e autoridades civis dos países mais desenvolvidos estudaram em universidades reformadas. Essas universidades, sendo confessionais, adotaram em sua fundação, como referencial explícito, as confissões de fé oriundas da Reforma Protestante, calcadas na visão de mundo cristã.

As universidades são centros formadores de cidadãos que haverão, um dia, de influenciar a opinião pública e, talvez, exercer o poder político. Elas têm um papel crucial diante do clamor nacional por ética na política. E, sem excluir as demais, as universidades confessionais têm uma oportunidade histórica de contribuir para que esse clamor seja atendido, ainda que a longo prazo, uma vez que a eficácia da universidade, neste aspecto, reside no processo de educar cidadãos.

1 Este capítulo é baseado na Carta de Princípios da Universidade Presbiteriana Mackenzie para o ano de 2006, "Ética na política e na universidade", cujo texto é de minha autoria.

2 São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 50.

3 São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 96.

CAPÍTULO 22

A QUESTÃO DAS DROGAS NA UNIVERSIDADE

Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza e da maldade para a maldade, assim oferecei, agora, os vossos membros para servirem à justiça, para a santificação.

Romanos 6.19

O consumo de álcool e o uso de drogas pelos estudantes é um dos maiores pesadelos das universidades, especialmente daquelas que levam a sério seu caráter confessional — embora o problema não tenha apenas um viés religioso.

As drogas, incluindo o álcool, trazem grandes problemas para todos. Da perspectiva do aluno e da instituição, o primeiro problema que surge é o desempenho acadêmico, que cai, e os relacionamentos, que se deterioram, tanto com os colegas quanto com os professores. Por detrás de parte do fraco desempenho acadêmico, está o consumo de entorpecentes. E isso tudo vem acompanhado de brigas, confusões e desentendimentos, dentro e fora da sala de aula.

Esse comportamento é favorecido, ou fomentado, pelo comércio de bebidas no entorno das universidades, que servem não só para a venda de álcool, mas também para abrigo de traficantes e pontos de venda de drogas. O que poderia ser um problema somente interno torna-se, então, um problema de segurança externa, pois com as drogas segue-se a criminalidade.

Outra consequência, portanto, é a própria imagem das universidades, que passam a ser mal vistas em razão da venda de bebidas e drogas em seu entorno, e das festas em que alunos em coma alcoólico precisam ser levados com urgência a hospitais da região. Assim, a imagem das universidades sofrem arranhões como esse, ainda que as festas e a venda de drogas ocorram fora de seus *campi* e, portanto, fora de seu controle.

As causas sociológicas que levam jovens universitários ao uso das mais diversas drogas são várias e complexas. Creio, porém, que começam com um pressuposto filosófico comum à nossa cultura pós-moderna, que é o hedonismo como resposta ao vazio da alma. Tudo isso está relacionado a problemas familiares, ao desejo de aceitação nas "tribos urbanas" e ao vazio existencial da nossa juventude. Boa parte dessas explicações tende a transformar os estudantes alcoólicos e drogadictos em vítimas ou em pessoas doentes. Não se pode, todavia, esquecer a responsabilidade pessoal de cada um deles pelas escolhas que fizeram. Ignorar esse fato é cair na tendência de autovitimização da nossa sociedade.

O assunto é tão complexo que soluções minimalistas e simplistas não ajudarão. Ao que parece, campanhas de prevenção tocam apenas na superfície do problema. A repressão policial nos bares e pontos de venda de drogas, ainda que acontecesse, não convenceria os estudantes. É preciso admitir que somente a pregação religiosa da necessidade de arrependimento e conversão a Cristo também não atenderia à complexidade da situação. Existem aspectos estruturais e sociais do assunto que precisam da intervenção de outros braços, além do religioso.

Todavia, uma solução que integrasse essas abordagens poderia ter alguns resultados positivos. É certo que campanhas bem desenvolvidas — que procurassem conscientizar os estudantes de que os principais prejudicados com o uso de drogas e álcool são eles mesmos, suas carreiras, seus relacionamentos e suas (futuras) famílias — seriam um passo importante. Ao lado das campanhas, a cooperação das autoridades na repressão ao tráfico no entorno das universidades, responsabilizando esses alunos civilmente, poderia abrir os olhos de vários deles quanto aos tipos de consequência que suas ações trazem. Poucos estudantes estão conscientes de que, se forem fichados pela polícia, poderão ser impedidos de participar de concursos públicos no futuro, por exemplo. A seguir, as universidades deveriam promover a expulsão de traficantes que se matricularam

como alunos, quando devidamente identificados e processados. Junto com essas atitudes, sugerimos ainda o atendimento psicológico aos que desejarem ajuda para se livrar do vício, e quem sabe até o encaminhamento para instituições de recuperação de dependentes químicos e alcoólatras.

Por fim, mas não menos importante, a assistência espiritual aos estudantes e famílias. Pois, afinal, uma das causas — se não a mais fundamental de todas — para que uma pessoa se alcoolize e se drogue é uma insatisfação interior consigo mesma, um vazio existencial e conflitos internos não resolvidos, um fardo de culpa na consciência, e outras necessidades desse tipo, que podem ser atendidas quando se tem um relacionamento significativo e profundo com Deus, na pessoa de seu Filho Jesus Cristo. Uma transformação interna, ocasionada pela Palavra de Deus, trará verdadeira libertação das cadeias existenciais, incluindo a escravidão às drogas.

CAPÍTULO 23

SEXO NA UNIVERSIDADE

Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade,
antes que venham os maus dias, e cheguem os
anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer.
Eclesiastes 12.1

A universidade, além de ser o local aonde os jovens vão para adquirir uma boa educação e se preparar para o futuro, acaba sendo o ponto de partida para o sexo casual, às vezes com consequências sérias para o resto da vida. Entre estas, podemos mencionar a gravidez indesejada, os abortos e as doenças sexualmente transmissíveis (DST). Em muitos casos, o sexo fortuito ocorre associado ao uso de bebidas alcoólicas e drogas, que se inicia nos bares no entorno das universidades.

Do ponto de vista cristão, o sexo é uma dádiva de Deus que, desfrutada da maneira correta, é fonte de alegria, satisfação e realização. O cristianismo limita o relacionamento sexual ao casamento. Contudo, não é necessário lançar mão do viés religioso para perceber que o apelo à prática sexual na universidade acaba abrindo portas para relacionamentos complicados. Esses relacionamentos podem provocar problemas de ordem emocional, psicológica e até legal (como a curetagem e o aborto clandestinos), que acabam prejudicando não somente a carreira estudantil, acadêmica e profissional do jovem, mas sua vida como um todo.

O sexo não é apenas um momento fisiológico de prazer. Por causa da natureza humana, a sexualidade está entretecida com nossa dimensão emocional, psicológica, moral, social e religiosa. As relações sexuais, mesmo as fortuitas e

casuais, acarretam apegos e paixões, por um lado, e culpa, raiva e nojo, por outro — emoções poderosas, que conturbam a paz interior das pessoas, especialmente de adolescentes recém-chegados à universidade.

Jovens com a vida emocional conturbada por relacionamentos sexuais complicados podem acabar levando para a sala de aula essas perturbações, que lhes roubam a paz de espírito e a tranquilidade necessárias para ler, aprender, estudar, pesquisar e escrever. As estatísticas mostram que o maior índice de óbitos decorrentes de curetagem ilegal se dá entre jovens de 20 a 29 anos, faixa etária em que se insere a maior parte dos universitários. Uma pesquisa de 1993 sobre a ocorrência de aborto entre jovens de uma universidade brasileira mostrou que mais de 50% das mulheres que engravidaram fizeram curetagem, com maior incidência das mais jovens.[1] Todavia, não creio que precisemos de pesquisas estatísticas para afirmar que jovens viciados em sexo e afundados em problemas de relacionamento com frequência acabam se dando mal academicamente.

É triste assistir ao desperdício voluntário de talentos por parte de jovens que cedem aos engodos da cultura pós-moderna na área da sexualidade, a qual reduz o sexo a uma mera função biológica orientada para o prazer momentâneo e inconsequente.

A fé cristã reformada valoriza a família, o sexo no casamento, sem reduzi-lo à mera função procriadora. Também valoriza o trabalho, o bom desempenho acadêmico e o exercício eficaz da profissão como parte da cidadania e da vocação cristã. Na Bíblia, encontramos a história de um jovem líder do povo judeu chamado Sansão, que tinha o potencial para ser um dos maiores juízes do seu povo. Todavia, os repetidos envolvimentos sexuais de Sansão e as consequências que trouxeram acabaram por arruinar sua carreira (veja Jz 14.1,2; 16.1; 16.4; 16.19; 16.28-30). A Bíblia também registra o encontro de Jesus com uma mulher sedenta de sentido e propósito na vida, mesmo após ter cinco maridos e estar vivendo com um amante. Em Jesus, ela encontrou a plena satisfação para seu coração vazio (Jo 4.7-29).

Pais e professores deveriam aconselhar os jovens a não trocarem um futuro promissor por prazeres inconsequentes e passageiros. No evangelho de Jesus Cristo encontrarão perdão para erros cometidos e a força necessária para resistir aos apelos que não levam em conta as consequências e os efeitos de atos impensados.

[1] Relatório 2007 do Ministério da Saúde, IPAS e Instituto de Medicina Social. Veja tb. Ellen Hardy; Ivanise Rebello; Aníbal Faúndes, "Aborto entre alunas e funcionárias de uma universidade brasileira", *Revista de Saúde Pública*, disponível em: https://www.scielosp.org/article/rsp/1993.v27n2/113-116/, acesso em: abr. 2019.

CAPÍTULO 24

UNIVERSIDADE E ECOLOGIA

Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar.
Gênesis 2.15

A geração que hoje ocupa os bancos das universidades de nosso país receberá um legado ameaçador: os graves problemas ambientais que afligem nosso planeta.[1] Embora devamos ser críticos em relação ao tom catastrófico e apocalíptico com que organizações ambientalistas costumam se pronunciar sobre o futuro do planeta e de seus habitantes, existe pouca dúvida de que a crise é, de fato, real. Poluição de rios, mares e do ar; desmatamento; redução da camada de ozônio; não só a ameaça, mas a extinção de espécies animais; aquecimento global — são apenas alguns dos itens na pauta de ambientalistas, governos e religiosos. Essas preocupações estão relacionadas à sobrevivência da raça humana em um planeta cujas reservas naturais estão sendo exauridas a passos largos. Cabe à nossa própria geração entender a situação e tomar decisões que ao menos nos permitam esperar por dias menos sombrios. Nesse contexto, destaca-se o papel crucial da universidade, especialmente a de natureza confessional.

Em nossa concepção, há uma relação indissociável entre os conceitos de "cosmovisão cristã" e "ecologia". O primeiro é uma maneira peculiar de entender nossa relação com Deus, com o próximo e com o mundo; e o segundo diz respeito ao estudo das interações dos seres vivos entre si e com o meio ambiente. Em outras palavras, aquilo que acreditamos acerca de nós mesmos, de Deus e do

mundo em que vivemos determinará nossas decisões quanto ao nosso planeta.

O cristianismo tem promovido, no decorrer dos séculos, uma cosmovisão coerente e abrangente que tem interagido com a ciência e o progresso. Nossa visão sobre o mundo que nos cerca é profundamente condicionada pelas crenças sobre nossa natureza e nosso destino — isto é, pela religião. Nesse aspecto, defendemos a importância da universidade confessional em formar uma mentalidade cristã que proporcione uma abordagem positiva e coerente em relação aos problemas ambientais.

É fato incontestável que encontramos entre os grandes poluidores do planeta alguns países que nasceram sob a égide do cristianismo. Contudo, essa constatação não invalida os ensinamentos bíblicos sobre o cuidado com a natureza. No máximo, sugerem que esses ensinamentos não permearam suficientemente a cultura e a mentalidade dessas sociedades. Ou, ainda, que os referenciais cristãos, que num passado distante foram adotados por elas, são agora rejeitados ou distorcidos, no todo ou em parte, em nome de interesses econômicos.

Os seguintes pontos, extraídos da fé cristã reformada, podem servir de base para a formação de uma mentalidade ecológica cristã.

1) *O mundo foi criado por Deus*. A Bíblia abre com esta declaração: "No princípio, criou Deus os céus e a terra" (Gn 1.1). O mundo é obra de suas mãos, mesmo que não saibamos expressar, cientificamente, a maneira pela qual sua palavra trouxe todas as coisas à existência. A origem divina de tudo o que existe não significa que nosso planeta seja uma extensão de Deus ou muito menos que mereça nossa adoração. Significa que ele merece nosso respeito e nosso cuidado, como o lar que Deus preparou para nós e os demais seres vivos. Significa também que Deus é o soberano Senhor da criação, como disse Davi, rei de Israel, muito tempo atrás: "Ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam" (Sl 24.1).

2) O *mundo foi criado bom*. Após o relato da Criação, encontramos esta declaração: "Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom" (Gn 1.31). "Muito bom" é o veredito do Criador sobre a natureza. Ela foi declarada boa tanto pelo seu valor intrínseco quanto por sua perfeita adequação às necessidades humanas. Isso difere da visão do antigo dualismo pagão entre matéria e espírito, que equiparava a matéria à desordem. De acordo com essa visão, a matéria é má e

pecaminosa. Perspectivas que têm uma visão negativa do mundo físico ou que o separam da sua origem transcendente dificilmente podem nos dar alguma esperança de encontrar soluções racionais e abrangentes para nossos problemas ambientais.

3) O *mundo funciona de acordo com leis e princípios estabelecidos por Deus*. A convicção fundamental da ciência é que o mundo funciona de acordo com leis e princípios regulares e constantes e, portanto, previsíveis. Essa base é dádiva da visão cristã de que o mundo foi criado de forma ordenada, por um único Deus, um Deus de ordem, e não por vários deuses ambíguos, contraditórios, incoerentes e caprichosos, de matéria caótica, como acreditam alguns. Foram cientistas com as convicções oriundas da visão cristã que, no todo ou em parte, lançaram as bases da moderna ciência e da tecnologia, como, por exemplo, os astrônomos Kepler e Galileu, os químicos Paracelso e Van Helmont, os físicos Newton e Boyle e os biólogos Ray, Lineu e Cuvier, para citar alguns. Somente com esses referenciais podemos entender o funcionamento do meio ambiente, do mundo e de seus recursos, perceber os desastres que estamos causando por violarmos essas leis e, assim, prover soluções.

4) O *ser humano é único*. De acordo com o cristianismo, o ser humano foi criado por Deus, juntamente com a natureza e os demais seres vivos. Nesse sentido, é parte integrante dela. Todavia, ele foi feito de forma única, à imagem e semelhança de Deus, o que o distingue do restante da criação. A imagem de Deus implica, entre outras coisas, que o ser humano foi dotado de inteligência e, portanto, pode interpretar as leis do mundo e prover os meios de preservá-lo. Em algumas cosmovisões, o ser humano, a natureza e Deus estão em níveis idênticos e fazem parte de uma mesma substância, o que torna impossível ao ser humano transcender a natureza para poder analisá-la, dominá-la e ajudá-la.

5) *O ser humano é mordomo da criação*. Após relatar como Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, o livro de Gênesis registra: "Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar" (Gn 2.15). Deus o colocou no mundo como seu administrador, e lhe deu alguns mandatos: cuidar da criação, da qual tiraria seu sustento; protegê-la e preservá-la; conhecê-la; estudá-la, para assim conhecer melhor a si mesmo e a Deus. O ser humano é um mordomo de Deus. Não é o soberano senhor, dono e déspota, mas o responsável diante de Deus pelo emprego correto dos recursos naturais, pelo

seu desenvolvimento de forma sustentável e pela preservação dos demais seres vivos.

6) *Vivemos num mundo afetado pelo pecado*. De acordo com a Bíblia, quando o ser humano colocado no jardim se revoltou contra o Criador, ocasionou o caos a si mesmo e à criação pela qual era responsável. "Maldita é a terra por tua causa" (Gn 3.17) foi a sentença do Criador ao ser humano, agora sujeito à morte, a retornar ao pó de onde fora tirado. Tensões se estabeleceram entre Deus e o ser humano, entre o ser humano e seus semelhantes, e entre o ser humano e a natureza. A crise que vivemos hoje se deve a essas tensões. Separado espiritualmente de Deus, o ser humano perdeu a referência da sua existência e da relação criatura-Criador. Esta última perda, em especial, afetou profundamente sua maneira de ver o mundo, que ele ora agride e exaure, ora venera e teme como a um deus.

Vivendo em tensão emocional em relação a seus semelhantes, o indivíduo dedica-se a buscar seus próprios interesses, mesmo que à custa do próximo. A exploração egoísta e desenfreada dos recursos naturais é feita sem levar em consideração a falta que farão à próxima geração.

Vivendo em tensão com a natureza, o ser humano a explora de modo destrutivo, em nome do poder, do lucro e do progresso. O meio ambiente é para ele somente um bem de consumo.

Diante do exposto, entendemos que os problemas ambientais são primeiramente de origem moral e espiritual. Entendemos, ainda, que a solução passa pela transformação interior das pessoas, uma mudança de mentalidade com relação a Deus, ao próximo e à natureza. Em suma, é esse o apelo e o chamado do evangelho.

Uma abordagem ecológica que tenha os fundamentos citados como referência poderá também escapar dos extremos de algumas perspectivas populares sobre a preservação do meio ambiente. Um desses extremos, por exemplo, é uma *visão mística* em que o ser humano não é mais entendido como mordomo de Deus encarregado de cuidar, desenvolver e usar a natureza com sabedoria. Ao contrário, é entendido como servo dela, com a obrigação de preservá-la, como se ela fosse sagrada e o ser humano devesse manter uma atitude de adoração a seu respeito. Essa visão impede o uso inteligente e racional dos recursos naturais, a busca de soluções para os graves problemas humanos e o desenvolvimento do ser

humano em geral.

Outra perspectiva que deve ser evitada é aquela *visão sentimentalista* da natureza, que tem como ideal a vida no campo. Por mais atraente que essa visão seja, ela não faz justiça à vocação e à responsabilidade do ser humano. O progresso humano, conforme a Bíblia apresenta, ocorre do jardim para a cidade (cf. Gn 2 e Ap 21), e não necessariamente em um retorno para o campo. Essa visão, à semelhança da anterior, impede que o ser humano explore com sabedoria e responsabilidade os imensos recursos naturais à sua disposição, que podem promover seu progresso e bem-estar, mas sem a depredação da natureza.

Há também a *visão antropocêntrica*, que coloca o ser humano no centro e recorre a soluções tecnológicas para a crise ecológica. Essas soluções, além de serem extremamente caras, acabam mantendo a atitude de desprezo para com o meio ambiente, o que tende a agravar a crise e a lançar o ser humano cegamente no caminho da autodestruição.

Portanto, diante do exposto, cremos que as universidades confessionais podem encontrar na fé cristã reformada as premissas epistemológicas, morais, espirituais e éticas para que possamos lutar pelo meio ambiente e em prol do nosso planeta, fazendo ecologia de forma coerente e integral.

[1] Este capítulo é baseado no texto da Carta de Princípios da Universidade Presbiteriana Mackenzie para 2007, "Universidade e ecologia", de minha autoria.

OITAVA PARTE

RESPONSABILIDADE SOCIAL

CAPÍTULO 25

CRISTIANISMO, EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E RESPONSABILIDADE SOCIAL

O saber ensoberbece, mas o amor edifica.
1Coríntios 8.1

Os três eixos que caracterizam os fundamentos da moderna universidade refletem três realidades que sempre estiveram bem próximas do cristianismo histórico, a saber: ensino, pesquisa e extensão.

O ensino sempre foi uma marca distintiva do cristianismo, particularmente do seu ramo reformado. Os reformadores, de Lutero a Calvino, deram grande importância à educação. Um dos alvos dos missionários reformados, desde o início, era ter uma escola ao lado das igrejas que fundaram em terras distantes.

A pesquisa científica decorre da confiança de que estamos inseridos num mundo concreto, regido por leis e normas fixas e regulares, passível de ser submetido a análise, compreensão e síntese. Mesmo que a moderna universidade tenha, em grande medida, excluído a visão cristã de mundo de seus corredores, continua a viver do seu legado, responsável pelo surgimento da ciência moderna.

A extensão é o lado mais "humano" da universidade e o que, em vários sentidos, mais se aproxima do espírito cristão. O conhecimento adquirido pela pesquisa e transmitido pelo ensino não deveria servir somente para formar intelectos, mas para ser compartilhado com a comunidade em que a universidade

está inserida. Isso é amor, e o amor edifica.

A definição padrão de extensão universitária é que ela se constitui na interação sistematizada da universidade com a comunidade, a fim de contribuir para o desenvolvimento da comunidade e dela receber conhecimentos e experiências para a avaliação e revitalização do ensino e da pesquisa. Existem diversos aspectos da extensão universitária que encontram paralelo no espírito do cristianismo.

Primeiro, o amor ao próximo, quando a extensão se traduz em ação social filantrópica que dá sem buscar retorno. Como ensina a Bíblia, "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22.39).

Segundo, o reconhecimento de que o saber e o conhecimento por si sós são de pouca ou nenhuma valia, se não redundarem em ações concretas que cooperem para o bem comum e o crescimento integral do ser humano. Aqui se encaixam as palavras do apóstolo Paulo: "… todos somos senhores do saber. O saber ensoberbece, mas o amor edifica" (1Co 8.1).

Terceiro, o reconhecimento da igualdade intrínseca de todas as pessoas. Na extensão, a universidade deixa de ser uma elite e compartilha o que sabe e o que tem com a comunidade, e também aprende com ela. Biblicamente falando, todos os seres humanos foram criados à imagem e semelhança de Deus e gozam de direitos iguais. Por fim, o reconhecimento de que somos seres sociais, que fazemos parte de uma mesma raça, pertencemos a uma mesma família, temos uma mesma origem. Citando Paulo outra vez: "[Deus] de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra" (At 17.26).

A extensão, portanto, é de extrema importância, especialmente para universidades comunitárias e confessionais. A extensão universitária pode se tornar um eficaz instrumento para abençoar as pessoas ao nosso redor e contribuir para a democratização do conhecimento.

CAPÍTULO 26

SAL DA TERRA E LUZ DO MUNDO

Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora,
ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma
candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia
a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa
luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras
e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.

Mateus 5.13-16

A passagem bíblica em destaque traz as famosas palavras que Jesus dirige aos seus discípulos no Sermão do Monte. Ao longo dos séculos, elas têm sido entendidas pelos cristãos como um imperativo para que influenciem o mundo por intermédio do evangelho, da mesma forma que o sal e a luz influenciam e

transformam os elementos e os ambientes em que penetram.

Provavelmente, nenhum outro movimento cristão na história compreendeu melhor esse mandato do que a Reforma Protestante, ocorrida no século 16. A Reforma não foi somente um movimento espiritual e eclesiástico. Teve também aspectos e dimensões políticas e sociais.

Os reformadores deram atenção aos problemas sociais de sua época. Eles se esforçaram para entender qual deveria ser o papel da igreja cristã na reconstrução de uma sociedade justa, que refletisse a vontade de Deus no que diz respeito à justiça social. Essa questão (que era teológica em essência) era extremamente aguda para os reformadores, em especial pelo fato de viverem em uma época e situação de grandes problemas sociais.

Os reformadores eram, acima de tudo, pastores, teólogos, homens da igreja. Não eram políticos, nem ativistas sociais, mas essencialmente pastores e estudiosos das Escrituras. Seu pensamento social desenvolveu-se dentro da estrutura de seus pressupostos teológicos e bíblicos. Eles construíram sua teologia social com base em sua convicção de que Cristo é Senhor de todos os aspectos da vida humana e que a Palavra de Deus deve regular todas as áreas da vida. Por se esquecerem desse ponto, alguns acabam representando erroneamente as ideias sociais dos protestantes reformados, bem como os motivos que os levaram a se envolver com ação social na sua época.

Para entendermos o pensamento dos reformadores nessa área, é fundamental termos em mente que, para eles, as causas da pobreza, miséria e opressão, bem como da perversão e da corrupção da sociedade humana, estavam enraizadas na natureza decaída do homem. Os problemas sociais e econômicos são causados pela ganância dos homens e pela incredulidade de que Deus haverá de nos suprir as necessidades básicas, como Cristo nos promete em Mateus 6.

Um princípio que norteava a teologia social dos reformadores era que o Cristo vivo e exaltado é Senhor de todo o Universo. Portanto, a obra de *restauração* realizada por Cristo não se limita apenas à nova vida que ele concede ao indivíduo, mas abrange a restauração de todo o Universo — o que inclui a ordem social e econômica.

Os reformadores, porém, eram homens de ação, e não somente de discurso. Tomemos como exemplo a ação de Calvino em Genebra (1536-1564). Persuadido por Guilherme Farel, Calvino se permite ficar em Genebra a fim de

auxiliar nas reformas necessárias. Logo fica claro para ele que isso inclui ir além das reformas eclesiásticas. O Hospital Geral, fundado por Farel, dá assistência médica gratuita a pobres, órfãos e viúvas, com médicos de plantão pagos pelo Estado. É criada a primeira escola primária obrigatória da Europa. Os refugiados que vêm para Genebra recebem treinamento profissional e assistência médica e alimentar, enquanto se preparam para exercer uma profissão. Os pastores intercedem continuamente diante do Conselho de Genebra em favor dos pobres e dos operários. O próprio Calvino intercede várias vezes por aumentos de salários para os trabalhadores. Os pastores pregam contra a especulação financeira e fiscalizam parcialmente os preços contra a alta provocada pelos monopólios. Debaixo da influência dos pastores, o Conselho limita a jornada de trabalho dos operários. A vadiagem é proibida por lei: desocupados estrangeiros que não têm meios de trabalhar devem deixar Genebra dentro de três dias após a sua chegada. E os desocupados da cidade devem aprender um ofício e trabalhar, sob pena de prisão. O Conselho institui cursos profissionalizantes para os desocupados e os jovens, a fim de que possam entrar no mercado de trabalho.

Finalmente, é digno de nota que havia uma vigilância, por parte de Calvino e dos demais pastores de Genebra, contra a má administração pública. Houve inclusive o caso de um funcionário corrupto que foi despedido por influência de Calvino.

Os reformadores levavam uma vida modesta, apesar de todo o seu prestígio e influência. Na prática, procuravam viver intensamente os princípios que defendiam em sua teologia social. Sua influência estendeu-se além do seu tempo. A influência do pensamento social da Reforma ficou patente na Confissão de Fé de Westminster e nos dois catecismos adotados pelas igrejas presbiterianas no mundo. A exposição no Catecismo Maior do sexto mandamento, "Não matarás", inclui como deveres exigidos "a justa defesa da vida contra a violência [...] o uso sóbrio do trabalho e recreios [...] confortando e socorrendo os aflitos, e protegendo e defendendo o inocente". Como pecado, são incluídos "a negligência ou retirada dos meios lícitos ou necessários para a preservação da vida [...] o uso imoderado do trabalho [...] a opressão [...] e tudo que tende à destruição da vida de alguém".

No Brasil, o pensamento protestante reformado quanto às questões políticas, econômicas e sociais ainda é grandemente desconhecido, embora sua influência

seja perceptível na fundação de escolas e universidades de natureza confessional protestante. Uma das razões para esse fato é que a vertente evangélica que nos chegou por meio do trabalho dos primeiros missionários congregacionais, presbiterianos e batistas era profundamente evangelizada pelo reavivalismo americano, que enfocava a relação da alma com Deus e tendia a deixar para segundo plano as implicações do evangelho para as demais áreas da existência humana.

Nossa expectativa é que, com o crescente interesse que vemos em nosso país pela fé reformada, os brasileiros descubram as suas amplas implicações para todas as facetas da sociedade moderna.

EPÍLOGO

Não acredito que universidades genuinamente confessionais sejam a única solução para o grave problema enfrentado pelas universidades públicas e particulares em nosso país. Primeiro, porque nunca serão em número suficiente. Segundo, porque sempre serão hostilizadas e perseguidas pela comunidade científica se levarem sua confessionalidade a sério.

Contudo, é impossível deixar de perceber como dezenas de anos de doutrinação de ideologias materialistas, ateístas e naturalistas afetaram profundamente não somente o nível do ensino em nossas faculdades, mas também o ambiente universitário em geral. Em vez de formar, universidades vêm doutrinando politicamente seus alunos. Muitos professores são muito mais doutrinadores esquerdistas do que mestres cujo objetivo é ajudar seus alunos a adquirirem conhecimento de qualidade em todas as áreas. A falta de referenciais existenciais e morais resultante dessas ideologias tem contribuído para a formação de alunos deprimidos ou violentos e professores frustrados e amedrontados, os quais transformam as universidades em extensões de partidos políticos e sindicatos, ou antros de jovens drogados, bêbados e promíscuos.

Quando a cosmovisão cristã de mundo consegue penetrar no ambiente acadêmico, ela consegue lançar os fundamentos para uma busca coerente das leis do Universo e sua maneira de funcionar, bem como para a busca das principais respostas existenciais do ser humano, desde as questões de origem até as de propósito. Além disso, fornece um norte para a maneira de viver de alunos e professores.

Nossa expectativa é que com o crescimento da fé reformada no Brasil muitas igrejas históricas venham a abraçar radicalmente as implicações da cosmovisão cristã, abrindo escolas e universidades de orientação confessional. Como eu disse, isso não resolverá todos os problemas que enfrentamos na área da educação, mas

com certeza dará uma opção aos pais que desejam que seus filhos tenham educação de qualidade, guiada pelos princípios bíblicos sobre a vida e o mundo.

BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DAS ESCOLAS CRISTÃS, org. *Fundamentos pedagógicos*. Série Perspectivas Cristãs da Educação (São Paulo: ACSI, 2005). 3 vols.

_____. org. *Fundamentos bíblicos e filosóficos da educação*. Série Perspectivas Cristãs da Educação (São Paulo: ACSI, 2004). 3 vols.

ALVES, Rubem. "Rubem Alves e a Reforma Protestante". Disponível em: http://resistenciaprotestante.blogspot.com/2007/08/rubem-alves-e-reforma-protestante-rubem_2331.html. Acesso em: fev. 2019.

BEEKE, Joel, org. *Vivendo para a glória de Deus* (São José dos Campos: Fiel, 2010).

BEHE, Michael J. *A caixa-preta de Darwin: o desafio da bioquímica à teoria da evolução* (Rio de Janeiro: Zahar, 1997).

BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990).

_____. *A força oculta dos protestantes* (São Paulo: Cultura Cristã, 1999).

COLLINS, Francis S. *A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que ele existe* (São Paulo: Gente, 2007).

COLSON, C.; PEARCEY, N. *E agora como viveremos?* (São Paulo: CPAD, 2000).

CONNOR, Steve. *Postmodernist culture* (New York: Wiley-Blackwel, 1989).

CRAIG, William L. *Apologética contemporânea* (São Paulo: Vida Nova, 2012).

_____. *Apologética para questões difíceis da vida* (São Paulo: Vida Nova, 2010).

_____; MORELAND, J. P. *Filosofia e cosmovisão cristã* (São Paulo: Vida Nova, 2005).

DEMAR, Gary. *Quem controla a escola governa o mundo* (Brasília: Monergismo, 2014).

DEMBSKY, W. A.; WITT, J. *Design inteligente sem censura: um guia claro e prático para o debate* (São Paulo: Cultura Cristã, 2013).

DOOYEWEERD, Herman. *Estado e soberania: ensaios sobre cristianismo e política* (São Paulo: Vida Nova, 2014).

_____. *No crepúsculo do pensamento* (São Paulo: Hagnos, 2010).

_____. *Raízes da cultura ocidental: as opções pagã, secular e cristã* (São Paulo: Cultura Cristã, 2015).

EBERLIN, Marcos. *Fomos planejados: a maior descoberta científica de todos os tempos* (São Paulo: Mackenzie, 2018).

EDGAR, William. *Razões do coração* (Brasília: Refúgio, 2000).

ELLUL, Jacques. *The technological bluff* (Grand Rapids: Eerdmans, 1990).

FONTES, Filipe. *Educação em casa, na igreja e na escola: uma perspectiva cristã* (São Paulo: Cultura Cristã, 2018).

_____. *Você educa de acordo com o que adora: educação tem tudo a ver com religião* (São José dos Campos: Fiel, 2017).

FRAME, John. *Apologética para a glória de Deus* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010).

FRANKFORT, Henri *et al. Before philosophy*: *the intellectual adventure of ancient man* (Harmondsworth: Penguin, 1951).

GEISLER, Norman. Enciclopédia de apologética (São Paulo: Vida, 2003).

_____. N.; BOCCHINO, P. *Fundamentos inabaláveis* (São Paulo: Vida, 2001).

_____; TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu* (São Paulo: Vida, 2006).

GODAWA, Brian. *Cinema e fé cristã: vendo filmes com sabedoria e discernimento* (Viçosa: Ultimato, 2004).

GOHEEN, M.W.; BARTHOLOMEW, C.G. *Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea* (São Paulo: Vida Nova, 2016).

GOMES, D. C. "Como sabemos? O professor e as teorias do conhecimento". *Fides Reformata*. vol. 13, n.º 2 (2008): 65-96.

GRUDEM, Wayne. *Política segundo a Bíblia* (São Paulo: Vida Nova, 2014).

HARDY, Ellen; REBELLO, Ivanise; FAÚNDES, Aníbal. "Aborto entre alunas e funcionárias de uma universidade brasileira". *Revista de Saúde Pública*. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/rsp/1993.v27n2/113-116/.

Acesso em: abr. 2019.

HARMAN, Allan. "Vision and reality: the challenges facing Christian higher education today". Palestra inaugural na Universidade Presbiteriana da Coreia em 1998.

HORTON, Michael. *O cristão e a cultura* (São Paulo: Cultura Cristã, 2006).

JOHNSON, Phillip E. *Darwin no banco dos réus* (São Paulo: Cultura Cristã, 2018).

_____. *As perguntas certas* (São Paulo: Cultura Cristã, 2004).

JONES, Peter. *A ameaça pagã* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002).

KELLER, Timothy. *A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus* (São Paulo: Vida Nova, 2015).

_____. *Como integrar fé e trabalho: nossa profissão a serviço do reino de Deus* (São Paulo: Vida Nova, 2014).

_____. *Deus na era secular: como céticos podem encontrar sentido no cristianismo* (São Paulo: Vida Nova, 2018).

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. (São Paulo: Perspectiva, 1998).

KUYPER, Abraham. *Calvinismo* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002).

_____. *Em toda a extensão do cosmo* (Brasília: Monergismo, 2017).

_____. *Sabedoria e prodígios: graça comum na ciência e na arte* (Brasília: Monergismo, 2018).

LENNOX, John. *Por que a ciência não consegue enterrar Deus* (São Paulo: Mackenzie/Mundo Cristão, 2011).

LOPES, Augustus N. "Verdade e pluralidade". Carta de Princípios da Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2008.

_____. "Confessionalidade e liberdade acadêmica". Carta de Princípios da Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2005.

_____. "Ética na política e na universidade". Carta de Princípios da Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2006

_____. "Liberdade de consciência e de expressão". Carta de Princípios da Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2011.

_____. "Universidade e ecologia". Carta de Princípios da Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2007.

_____. "Universidade, educação e corrupção". Carta de Princípios da

Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2012.

LYON, David. *O cristão e a sociologia: uma perspectiva cristã* (São Paulo: ABU, 1996).

MACARTHUR, John. *Criação ou evolução: a luta pela verdade sobre o princípio do Universo* (São Paulo: Cultura Cristã, 2004).

MCGRATH, Alister E. *O deus de Dawkins: genes, memes e o sentido da vida* (São Paulo: Shedd, 2018).

_____; MCGRATH, Joanna. *O delírio de Dawkins: uma resposta ao fundamentalismo ateísta de Richard Dawkins* (São Paulo: Mundo Cristão, 2007).

MILTON, John. *Areopagitica: discurso pela liberdade de imprensa ao parlamento* (Rio de Janeiro: Topbooks, 1999).

MOHLER, Albert R. *Ateísmo remix: um confronto cristão aos novos ateístas* (São José dos Campos: Fiel, 2009).

MORIN, Edgar. Entrevista concedida ao site *Nova Escola*. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/894/edgar-morin-aescola-mata-a-curiosidade. Acesso em: abr. 2019.

NASH, Ronald. *Cosmovisões em conflito* (Brasília: Monergismo, 2012).

_____. *Questões últimas da vida* (São Paulo: Cultura Cristã, 2008).

NAUGLE, David K. *Filosofia: um guia para estudantes* (Brasília: Monergismo, 2014).

NOBLE, David. *The religion of technology: the divinity of man and the spirit of invention* (New York: Penguin, 1997).

OLIPHINT, Scott. *A batalha pertence ao Senhor: o poder da Escritura na defesa de nossa fé* (Brasília: Monergismo, 2013).

PEARCEY, Nancy. *A busca da verdade* (São Paulo: Cultura Cristã, 2018).

_____; THAXTON, C. B. *A alma da ciência: fé cristã e filosofia natural* (São Paulo: Cultura Cristã, 2005).

_____. *Verdade absoluta: libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural* (Rio de Janeiro: CPAD, 2006).

PLANTINGA, Alvin. *Ciência, religião e naturalismo: onde está o conflito?* (São Paulo: Vida Nova, 2018).

PLANTINGA, Cornelius Jr. *O crente no mundo de Deus* (São Paulo: Cultura Cristã,

2008).
PORTELA, Solano. *O que estão ensinando aos nossos filhos?* (São José dos Campos: Fiel, 2012).
ROOKMAAKER, H. R. *A arte não precisa de justificativa* (Viçosa: Ultimato, 2010).
_____. *Filosofia e estética* (Brasília: Monergismo, 2018).
_____. *O dom criativo* (Brasília: Monergismo, 2018).
_____. *Modern art and the death of a culture* (Wheaton: Crossway, 1970).
_____. *A arte moderna e a morte de uma cultura* (Viçosa: Ultimato, 2015). Tradução de: Modern art and the death of a culture.
RYKEN, Philip G. *Cosmovisão cristã* (São Paulo: Cultura Cristã, 2015).
SCHAEFFER, Francis A. *Gênesis no espaço-tempo* (Brasília: Monergismo, 2014).
_____. *A arte e a Bíblia* (Viçosa: Ultimato, 2010).
_____. *A igreja no século 21* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010).
_____. *A morte da razão* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002).
_____. *Como viveremos: uma análise das características principais de nossa época em busca de soluções para os problemas desta virada de milênio* (São Paulo: Cultura Cristã, 2003).
_____. *O Deus que intervém*. 2. ed. (São Paulo: Cultura Cristã, 2009).
_____. *O Deus que se revela*. 2. ed. (São Paulo: Cultura Cristã, 2008).
SCHUURMAN, Egbert. *Religião e tecnologia* (São Paulo: Mackenzie, 2006).
SIRE, James W. *Dando nome ao elefante* (Brasília: Monergismo, 2012).
_____. *O universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão*. 4. ed. (São Paulo: Hagnos, 2009).
SPROUL, R. C., org. *Bíblia de estudo de Genebra*. 1. ed. (São Paulo: SBB/Cultura Cristã, 1999).
VAN TIL, Cornelius. *Apologética cristã* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010).
_____. *O pastor reformado e o pensamento moderno* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010).
_____. *O conceito calvinista de cultura* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010).
VEITH, G. E. *Tempos pós-modernos: uma avaliação cristã do pensamento e da cultura da nossa época* (São Paulo: Cultura Cristã, 1999).
WALSH, B.; MIDDLETON, R. *A visão transformadora: moldando uma cosmovisão*

cristã (São Paulo: Cultura Cristã, 2010).

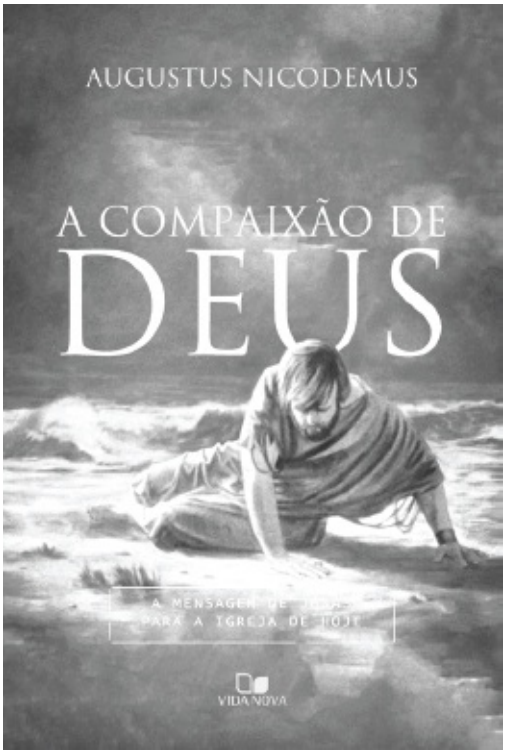
WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005).

WOLFF, Robert P. *O ideal de universidade* (São Paulo: Unesp, 1993).

WOLTERS, Albert M. *A criação restaurada: base bíblica para uma cosmovisão reformada* (São Paulo: Cultura Cristã, 2006).

Conheça outras obras de

Augustus Nicodemus



Ao contrário do que muitos pensam, o tema central do livro de Jonas não é o episódio em que o profeta é engolido e depois vomitado por um grande peixe. Deus é o tema central! E com isso o livro nos ensina acerca da soberania divina sobre toda a criação e sobre todos os acontecimentos.

Jonas mostra que somos responsáveis por nossos atos e decisões diante de Deus e não podemos fugir de sua vontade. A pergunta que Deus faz nos versículos finais ao profeta irado ainda hoje ecoa em nossos ouvidos como um desafio: “Somos como Deus, capazes de ter compaixão de nossos inimigos, e lhes perdoar, assim como ele perdoou aos ninivitas? Conseguimos, de fato, querer o bem deles e nos alegrar quando Deus os abençoa?”.



O livro de Josué é um grande auxílio para nossa caminhada cristã aqui neste mundo. Esse livro conta como Deus cumpriu as promessas feitas a Abraão de dar uma terra e descanso à sua descendência.A narrativa de Josué mostra de que maneira Deus conduziu os exércitos de Israel a entrar na terra de Canaã (prometida por Deus) e como os israelitas, sob a direção de Josué, conquistaram essa terra, tomando-a de sete povos militarmente superiores a eles.

Josué sempre foi um livro muito apreciado pelos cristãos, sendo citado diversas vezes no Novo Testamento. Era um livro conhecido e usado entre os primeiros cristãos, que procuravam aplicar à sua vida os princípios nele encontrados.

Esse volume é o resultado de uma série de mensagens que o autor pregou baseado no livro de Josué e tem como objetivo ajudar os crentes a enfrentar as dificuldades e os desafios da vida com base nos princípios para o relacionamento com Deus que encontramos nesse livro bíblico.

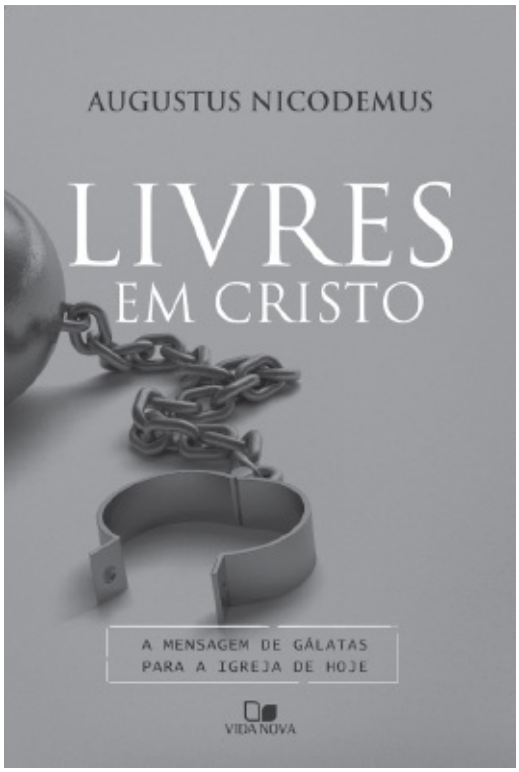


Em nossos dias, assim como na época de Malaquias, o culto a Deus tem sido desvirtuado das mais diversas maneiras. Embora muitos pensem que nada temos a aprender com o Antigo Testamento em matéria de culto, estão enganados. Ao levantarem sua voz contra o povo de Deus de sua época, por haver desvirtuado o culto ao Senhor, os profetas usaram como argumentos princípios relativos à adoração a Deus que certamente se aplicam ao povo de Deus de todas as épocas.

Essa obra tratará desses princípios apresentados por Malaquias a um povo que havia perdido a visão do culto verdadeiro. Entre eles, estão:

- a centralidade de Deus no culto;
- as razões corretas para cultuá-lo;
- a relação entre o culto e nossa vida diária;
- a necessidade de adorarmos a Deus de acordo com o que ele nos revelou, e não de acordo com nossa criatividade.

É por essa razão que Malaquias é bastante atual e relevante. E, por isso, um livro que estude sua mensagem é igualmente atual e relevante para a igreja de hoje.

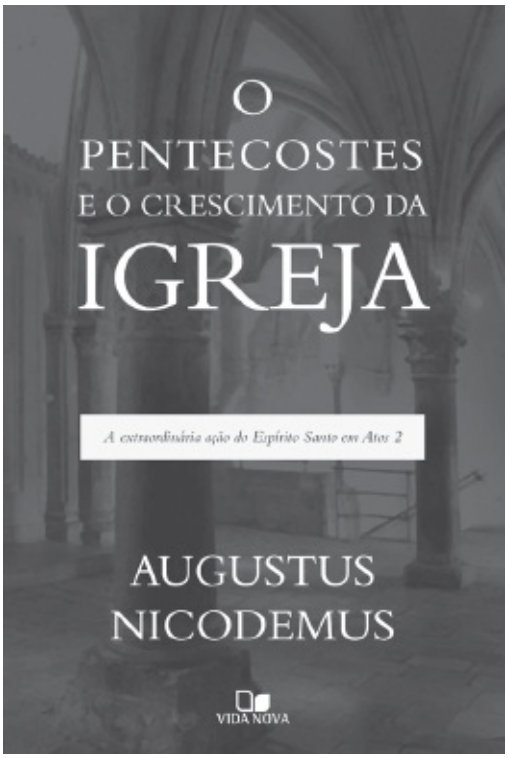


Esse comentário da Carta aos Gálatas é o resultado de exposições bíblicas voltadas para o público brasileiro contemporâneo, o qual, em muitos sentidos, se parece bastante com os destinatários da carta de Paulo.

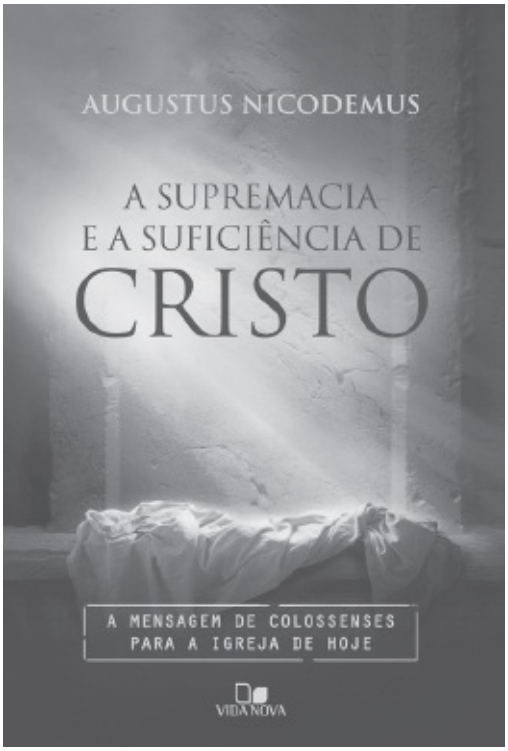
Paulo combateu em sua carta a mensagem de missionários judeus que se diziam cristãos e ensinavam que a salvação não se dava somente pela fé em Cristo Jesus, mas também pela obediência à Lei de Moisés.

Hoje enfrentamos mensagem semelhante, defendida e disseminada pelos chamados judeus messiânicos e por pseudoapóstolos, os quais reintroduzem as cerimônias judaicas no culto cristão e obrigam os crentes em Cristo a se sujeitar à mesma Lei a que o Senhor deu pleno cumprimento na sua morte e ressurreição.

Nossa oração é que *Livres em Cristo: a mensagem de Gálatas para a igreja de hoje* seja útil aos crentes brasileiros que desejam permanecer firmes na graça de Deus e na obra completa e suficiente de Jesus Cristo para nossa salvação.



O livro de Atos dos Apóstolos registra como os discípulos de Jesus começaram a cumprir a missão de evangelizar o mundo. Essa missão teve início no Dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo de Deus desceu sobre os discípulos para capacitá-los a realizá-la. Após a descida do Espírito, a igreja incipiente começou a se expandir com rapidez por todo o mundo. *O Pentecostes e o crescimento da igreja* procura entender a relação entre a vinda do Espírito Santo e as missões cristãs, e, para alcançar esse objetivo, o autor faz uma exposição de textos selecionados do livro de Atos.



Em nossos dias, assim como na época de Paulo, a supremacia e a suficiência de Cristo têm sido desafiadas pelos mais variados tipos de heresia. Paulo escreveu a Carta aos Colossenses em meados do primeiro século a fim de combater um falso ensinamento conhecido como a heresia de Colossos. No entanto, o leitor atento que esteja familiarizado com a situação da igreja evangélica brasileira não terá dificuldade em identificar nos dias de hoje várias semelhanças com essa heresia.

Precisamente por esse motivo, a carta que Paulo escreveu aos colossenses é tão relevante para o nosso tempo, pois aborda os seguintes aspectos:

- Fala da pessoa de Cristo e de sua obra mais do que qualquer outra carta do Novo Testamento.
- Ensina de que maneira podemos viver a vida cristã no mundo real e diante dos desafios cotidianos demonstrando os efeitos práticos da união do cristão com Jesus.
- Combate quatro tendências da época de Paulo que ainda hoje assolam a igreja e fazem parte de muitas teologias defendidas em nossos dias: o gnosticismo, o legalismo, o misticismo e o ascetismo.

A resposta de Paulo à heresia de Colossos foram a supremacia e a suficiência da pessoa e da obra de Jesus Cristo. Augustus Nicodemus acredita que esta é a mensagem que precisa ser pregada urgentemente nos púlpitos brasileiros: Cristo, o Senhor.



Escrita por volta de 57 d.C, a Carta aos Romanos foi endereçada por Paulo a cristãos que ele não conhecia pessoalmente. No entanto, mais que uma igreja de desconhecidos, o apóstolo escrevia para uma igreja rachada pelas tensões entre cristãos judeus e gentios. Dessa forma, essa epístola nasce da necessidade do apóstolo de apresentar suas credenciais aos cristãos de Roma, o que ele faz ao mostrar a essência da sua pregação: o evangelho — uma mensagem que para Paulo não era motivo de vergonha, mas, sim, sinônimo de "salvação de todo aquele que crê" (Rm 1.16).

Nesse volume, Augustus Nicodemus expõe os sete primeiros capítulos dessa mensagem poderosa de Paulo aos cristãos de Roma para nos lembrar que a salvação oferecida pelo evangelho só pode ser alcançada mediante a união com Cristo, em sua morte e ressurreição.